

Whitson

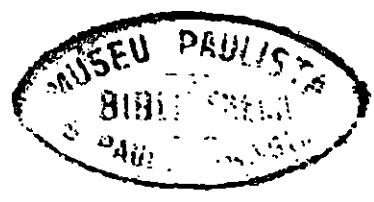
REGISTRO
AL II pag 564

14

ÓSCAR RIBAS

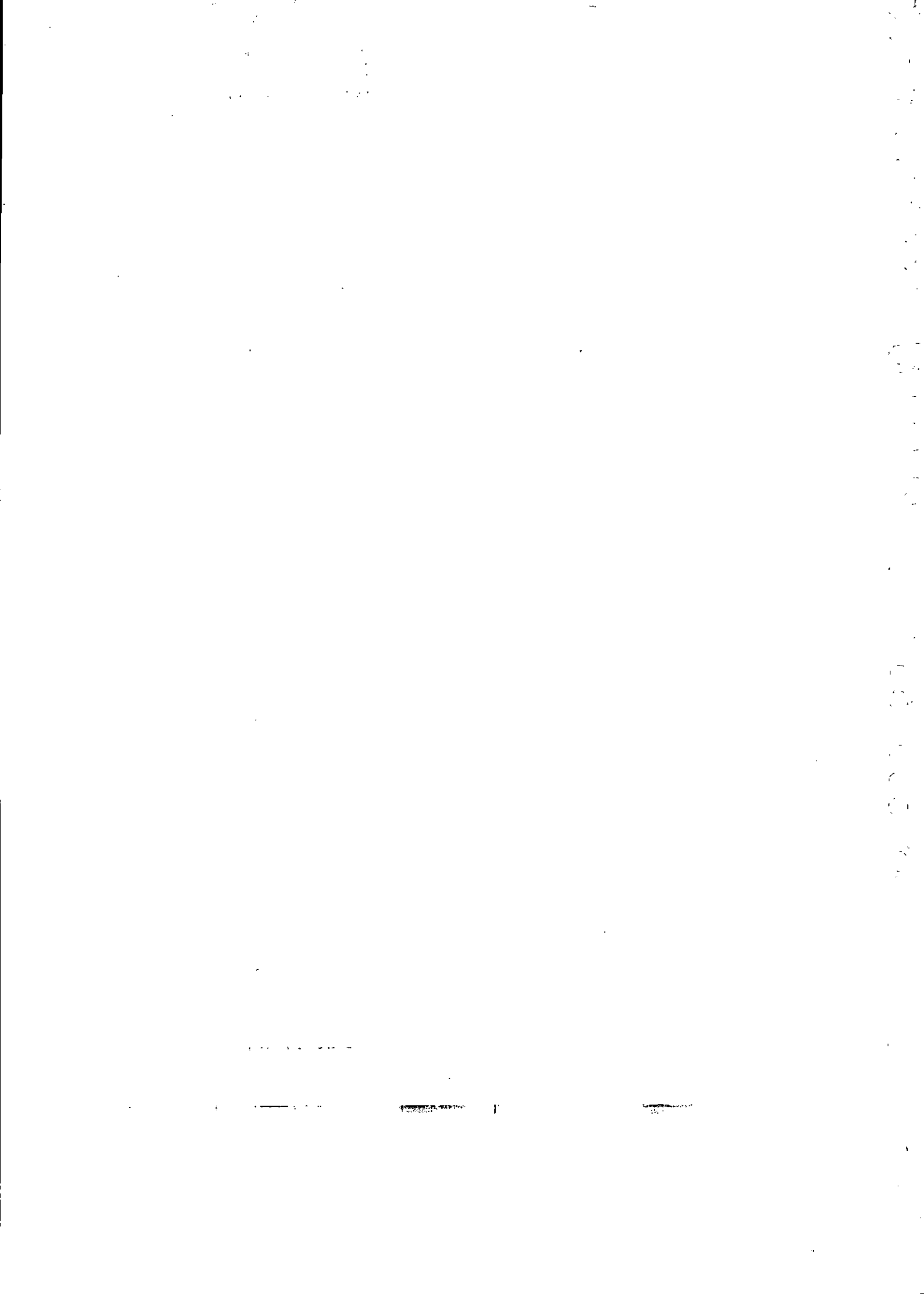
ILUNDO

DIVINDADES E RITOS ANGOLANOS



MUSEU DE ANGOLA
1958

10463
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo



OBRAS DO AUTOR

Nuvens que Passam... *Novela*, esg.

O Resgate duma Falta. *Novela*, esg.

Flores e Espinhos. Esg. 1 milhar.

Uanga. *Romance folclórico angolano* — menção honrosa do concurso de literatura ultramarina, promovido pela Agência Geral do Ultramar, em 1951. Esg. 2 milhares.

Ecos da Minha Terra. *Dramas angolanos* — prémio «Margaret Wrong», de 1952, do «International Committee on Christian Literature for Africa», com sede em Londres, alcançado pelo conto «A Praga». 2 milhares.

Missosso. *Literatura negra*, 3 volumes, a sair brevemente.

Rainha Jinga. *Romance histórico*, em preparação.

INSÍGNIAS DO AUTOR

Oscar Ribas, natural da cidade de Luanda, possui as seguintes insígnias:

Membro Titular da Sociedade Brasileira de Folk-Lore — título conferido, em Maio de 1954, pela «Sociedade Brasileira de Folk-Lore» (Natal, Rio Grande do Norte, Brasil);

Delegado Cultural do Instituto Técnico Industrial — título conferido, em Novembro de 1954, pelo «Instituto Técnico Industrial» (Rio de Janeiro);

Colaborador Espiritual e Membro Benemérito do Ateneo Universal Feminino de Alta Cultura y Confraternidad Espiritual — título conferido, em Março de 1955, pelo «Ateneo Universal Feminino de Alta Cultura y Confraternidad Espiritual» (Buenos Aires);

Membro Honorário da Associação de Intercâmbio Cultural — título conferido, em Abril de 1955, pela «Associação de Intercâmbio Cultural» (Guiratinga, Mato Grosso, Brasil);

Sócio Honorário da Sociedade Cultural de Angola — título conferido, em Junho de 1955, pela «Sociedade Cultural de Angola» (Luanda);

Delegado Cultural da Associação de Intercâmbio Cultural — título conferido em Outubro de 1955, pela «Associação de Intercâmbio Cultural» (Guiratinga, Mato Grosso, Brasil).

Membro correspondente da Sociedade Matogrossense de Folclore — título conferido, em Janeiro de 1957, pela «Sociedade Matogrossense de Folclore» (Cuiabá, Mato Grosso, Brasil).

*Aos Insignes Intelectuais Brasileiros — Amigos que
muito o têm desvanecido com o seu honroso apreço e cordial
maradagem:*

*Prof. Dr. Luis da Câmara Cascudo,
Dr. Olympio Guilherme,
Prof. Dr. Walter F. Piazza,
Prof. Dr. Walter Spalding,*

*como homenagem do seu sentir, consagra-lhes estes livrinho
pobre de mérito embora, mas rico de esforço e honestidade.*

O AUTOR

A Memória do Bom Amigo

Major José Machado de Oliveira

que, em vida, além dum brioso Militar, também foi um apaixonado e vigoroso Jornalista brasileiro, em sentido tributo de saudade, consagra,

O AUTOR.

ÓSCAR RIBAS
E
OS INTELLECTUAIS

*Palavras de ouro de Sua Excelência o ex-Ministro do Ultramar,
Senhor Comandante Manuel Maria Sarmento Rodrigues:*

Muito agradecido pela gentileza da oferta e sobretudo da dedicatória. Dela me atrevo a inferir que a minha acção ostensivamente esclarecedora da situação privilegiada que, sob o ponto de vista social, desfrutamos, tem sido apreciada. Na verdade, tenho-me esforçado por mostrar ao mundo e aos próprios portugueses — fortalecendo-os nos seus propósitos — como seria inadmissível termos preconceitos raciais básicos. A própria formação da nacionalidade, e sobretudo a sua consolidação pela expansão, negá-lo-iam redondamente. Não há, no fundo dos sentimentos de cada um de nós, civilizados, qualquer «complexo» de superioridade. E por isso também os próprios indígenas, embora se considerem naturalmente menos capazes, se não sentem desprezado.

Todas as considerações insensatas, às vezes filhas de irreverências da mocidade ou de doentias tendências literárias, que procuram explorar pretensas desigualdades, encontram diàriamente o mais retumbante desmentido, reconhecido não só nas grandes linhas da paz étnica que envolvem todo o Ultramar como nos pequeninos episódios da vida quotidiana.

Aceito que me digam que trabalho pela consolidação dessa paz e pela completa formação unitária nacional. Aceito e alegro-me. Não poderia desejar obra maior do que essa, para a qual não chega um só de nós, mas trabalhamos todos, há mais de quinhentos anos. O que é preciso é que nos não deixemos influenciar pelos outros e continuemos confiando como até aqui.

Os seus contos são de grande sensação, quase sempre dramáticos. Isso torna-os, para mim, que vivo diàriamente uma actividade de construção, muito impressionantes. Estou certo que com o mesmo talento poderia descrever ainda com mais sucesso as narrativas heróicas e vitoriosas, tão úteis à formação de uma mentalidade, sobretudo se entre os temas figurassem os feitos nos quais participaram, irmanados, elementos étnicos diferentes. É obra que não teria dúvida em lhe sugerir.

Envio-lhe as minhas felicitações e cumprimentos, desejando-lhe uma carreira literária digna da sua grande capacidade.

Lisboa, 25/VI/953.

JUIZO DOS INTELECTUAIS PORTUGUESES

Depois de «Uanga», Oscar Ribas presenteia-nos com «Ecos da Minha Terra», que, como o anterior, é um livro folclórico, magnífico repositório da vida e dos costumes da raça negra.

Bem escrito, de linguagem simples como convinha à natureza da obra, dá-nos o seu autor uma alongada visão da complexidade da alma do negro.

Damba Maria expressa no seu drama uma época dolorosa que felizmente já passou. Mas nem por isso deixa o conto de nos impressionar fortemente. O leitor de alma aberta às dores da humanidade, vive por momentos todo o realismo do conto, tão gritante é a tragédia.

... e por último o brinde especial por Angola, terra natal da dona da casa, são pequenas «grandes coisas» que Ribas, com notável engenho, soube enquadrar no conto (Noite de Saudade).

E em todos os demais é sempre visível a preocupação do escritor: — a de tornar mais conhecida e mais bem apreciada uma raça que nem sempre tem sido compreendida nas suas angústias e nas suas ansiedades.

Contando-nos as suas vidas sem fugir do rico ambiente africano, Oscar Ribas presta um altíssimo serviço aos estudiosos da vida, da moral e das crenças dos negros.

*De F. Furtado de Mendonça, em «O Comércio de Angola»
(de Luanda), de 17-V-953.*

*

Li-o («Ecos da Minha Terra») com vivo interesse. Nelo continuam a revelar-se, além das suas brilhantes qualidades de aplicação, um forte poder de observador e de apaixonado divulgador do drama africano, em toda a sua intensa humanidade.

Felicito-o sinceramente, incitando-o a que continue a cultivar esse ramo literário, com a penetração e poder evocativo de que tem dado já sobejas provas. Somos tão poucos a trabalhar nesse sentido, que forçoso é que nos entreguemos de alma e coração a tão ingente tarefa!

Do cap. Gastão Sousa Dias — Sá da Bandeira, 8-VI-953.

*

Oscar Ribas mandou-nos o seu último livro «Ecos da Minha Terra» que lemos dum jacto e muito prazer. E não sabemos que mais admirar: se o seu infatigável labor literário, se tão fecundo talento que Deus lhe deu. Possuidor de bom léxico, o seu poder descritivo transparece em linguagem viva e clara, que não peca por

afectada, e sabe dar vida aos personagens sem que falte colorido aos ambientes.

É mais um livro de carácter folclórico como o próprio autor quer que seja, e de estudo psicológico, numa série de dez contos de boa trama dramática e sabor nostálgico, alguns dos quais, são verdadeiros legados da superstição e da lenda popular. Um deles, «A Praga», obteve o prémio de 1952 no concurso do «International Committee on Christian Literature for Africa», o que é deveras honroso para o autor. E porque Óscar Ribas é dotado de qualidades natas de investigador, dá a este trabalho um cunho de probidade que, aliás, caracteriza todas as suas produções.

Apesar do seu infortúnio — semelhante ao de Milton e Castilho — que tão belas obras poéticas e literárias transmitiram à posteridade, o consagrado autor de «Uanga», também não se cança de produzir excelentes livros, deste e doutro género, que o colocam entre os bons escritores da língua, pela sua prosa elegante e filigranada e, sendo um notável escritor angolano, bem pode enfileirar com mérito entre os melhores autores do romance histórico-folclórico de aquém e de além-mar.

De T. M., em «Voz do Planalto» (de Nova Lisboa), de 25-6-953.

*

Óscar Ribas vem deste modo construindo a sua obra, contributo de mérito para a Cultura Angolana, sobretudo desde o romance «Uanga» a que já fizemos referência nas colunas deste jornal. «Ecos da Minha Terra» e outros livros já anunciados enquadram-se na linha de rumo encetada por aquele romance e que, em última análise, se mostrou ser o próprio caminho de Óscar Ribas. A explicação do folclore, não só como ciência etnográfica mas também como material de aproveitamento literário, — eis o que se nos afigura ser o fulcro da obra de Óscar Ribas.

.....
Há um apuramento formal que se reconhece árduo e persistente. Um brilho na reprodução dos diálogos, através dos quais se enxerga muito do modo de ser indígena.

De Mário António Fernandes de Oliveira, em «O Brado Africano» (de Lourenço Marques), de 27-6-953.

*

A obra («Ecos da Minha Terra») parece-nos excelente como documento folclórico. Completa o volume um vocabulário de termos dos idiomas indígenas empregados no texto. O autor teve o bom senso de fugir às grafias internacionais dos vocábulos e diz que os grafa à portuguesa. Em parte, assim é. No entanto, emprega a

letra k, que foi banida do alfabeto português e as letras b e z com til, fonemas que não existem em português e dificilmente serão compreendidos por quem não tiver estudado o bundo ou vivido em Angola. Estas obras, que se revestem dum grande valor etnográfico, bem poderiam ser mais cuidadas no seu aspecto científico, para constituírem, na verdade, um instrumento de cultura.

Do «Primeiro de Janeiro» (do Porto), de 5-7-953.

*

Bravo! Muito bem!

O seu livro «Ecos da Minha Terra», que v. teve a gentileza de me enviar e que acabo de reler, confirma, iniludivelmente, as suas excelentes qualidades de escritor vigoroso e de contista admirável. Todas as personagens trabalhadas por si, dolorosas ou grotescas, convencem inteiramente, tanto pela verdade como pela humanidade que delas ressaltam.

De Viana de Almeida — Lisboa, 15-7-953.

*

Oscar Ribas prossegue explorando o rico filão literário constituído pelo folclore, lendas e costumes de Angola, trazendo para as suas narrativas diversos temas da vida indígena e colonial e valorizando-os com a sua interpretação literária que tem sempre alto sentido moral.

Através da construção das suas narrativas, que são modelos de simplicidade, os assuntos que escolhe, mesmo as lendas ou apólogos que andam na tradição popular, ganham encanto e originalidade.

... ..

Na sua crítica e filosofia social, no pitoresco matiz das fábulas e costumes, diluídos no natural ambiente africano, na influência da colonização, em tudo que nos conta, singela mas sugestivamente, o autor é sempre de uma grande humanidade. E até mesmo nos seus momentos de mais acerada observação e crítica, a sua ironia e humor nunca perdem esse simpático sabor de ternura e bondade. São estes, segundo penso, os dominantes traços do seu notável trabalho onde há novidade literária para o europeu.

De Julião Quintinha, em «Diário do Alentejo» (de Beja), de 6-8-953.

*

Empreendimento louvável e precioso foi esse a que Ribas se propôs, de fixar para a posteridade tantas riquezas intelectuais angolanas, as quais, sem os seus livros, se perderiam, com manifesto

prejuízo para o futuro estudo da literatura da nossa Terra, à proporção que as populações aborígenes vão sendo assimiladas.

«Uanga» e «Ecos da Minha Terra» são dois livros sobre o folclore angolano. E tudo ali é tratado com tanto carinho e dedicação que, sem esforço, reconhecemos que apenas poderiam ser escritos por um africano ligado pelo sangue à raça negra. Somente o convívio íntimo e constante facultaria o conhecimento e a compreensão da alma dos povos indígenas e permitiria desvendar-lhes os segredos.

*De Lourenço Mendes da Conceição, em «O Apostolado»
(de Luanda), de 24-10-953.*

*

A expressão do meu agradecimento quero associar a significação do interesse, alto e delicado com que guardo a oferta — o mesmo com que li, e tenho relido, os techos que constituem os seus *Ecos*.

Não lhes faltam predicados para se categorizarem como jóias literárias e se, como exprime o título da obra, se considerarem testemunhos do sentir de um Povo e de uma Terra, indubitavelmente redobram o aprego.

Não é fácil, em tão breve extensão literária conjugar tão grande soma de expressões de sentimento, nem tão numerosos e salientes reflexos de uma sensibilidade colectiva, nem tão frequentes e preciosos documentos de uma filosofia popular, delicadamente recolhidos e harmonizados.

São páginas que se lêem com emoção e constante curiosidade, porque o exotismo em que se inspiram está condensado com intenção artística, que se não pode dissimular — mas aspira à satisfação de conceitos morais que os elevam sobremaneira.

Não é difícil respigar na leitura provas do que afirmo: dela resulta sentir a gente crescer, e consolidar-se a admiração pelos elementos folclóricos em jogo, e portanto pelo Povo que os possui no seu património colectivo e ancestral.

Que transparência de imagem (apenas, para exemplo) aquela dor «no coração» que faz o desgosto — pág. 118 — «dor... pior que a da facada» (p. 120)... Que «cair da tarde», ou crepúsculo aquele que, a pág. 99, se caracteriza como «suspiro universal de agonia...» E ao mesmo tempo, que felizes definições éticas, como a da dureza de sepultura que espera «quem tem o coração duro» (p. 128), a consideração de que «o pobre compreende outro pobre», como o daquele «cristão, não apenas pela boca» (p. 100).

É notável a profusão de pormenores curiosos que recheiam a colectânea — e uma circunstância impressiona de sabor o contexto: o da confusão maravilhosa do elemento autóctone com a influência lusitana. Quanto mais se analisam os trechos e se lhes procura o sentido psicológico, mais se nos impõe a valia de qualquer deles...

a do povo que traz consigo o «luto da pele» (p. 74) e o de aquele outro que providencialmente o foi descobrir e desencantar... mais cresce também a admiração pela prodigiosa conjugação histórica assim realizada.

*Do Dr. Braga Paixão — Albarraque — Rio de Mouro
(Portugal), 29-9-954.*

JUIZO DOS INTELECTUAIS BRASILEIROS

Li os seus livros com muita curiosidade e simpatia. O primeiro que me passou sob os olhos foi «Uanga». Depois, «Ecos da Minha Terra» e, por fim, «Flores e Espinhos».

Nada ainda havia lido a respeito dos usos e costumes de Angola. Por isso não resisti à curiosidade, curiosidade que, quanto mais avançava na leitura, — mais se desdobrava em interesse, porque, a par do ameno ia encontrando, como professor, historiador e dedicado aos estudos folclóricos, matéria prima, preciosos ensinamentos que me punham em contacto com um mundo novo, maravilhoso, cheio de encantamentos de «uangas»... Mais do que o romance, o que nos encanta — e a mim sobretudo encantou, — são os temas folclóricos descritos com simplicidade e pureza, sem enfeites e arabescos como esses que costumam acrescentar os romancistas que de tais temas se apropriam. «Uanga» é um grande e maravilhoso livro — romance folclórico valioso e absolutamente necessário nas estantes de quem estuda.

O mesmo encantamento provocou em mim «Ecos da minha Terra», dramas angolanos, com precioso material folclórico e, além disso, interessante vocabulário que estava fazendo falta em Uanga.

Do Prof. Dr. Walter Spalding — Porto Alegre, 16-9-953.

*

Com a emoção com que releio os imortais versos de Castro Alves sobre os escravos no Brasil, li, e reli, o conto de V. Ex.^a «Damba Maria», narrando a odisséia e a tragédia da escrava Maria nas cercanias de Catumbela.

Aliás, em todas as narrativas dos «Ecos da Minha Terra», não sei o que mais apreciar, se a emoção palpitante dos dramas angolanos, se o primor com que V. Ex.^a maneja essa «Flor de Lascio», que Camões e Bilac tanto enalteciram.

Do Dr. Paulo E. de Oliveira Azevedo, em «São João-Jornal» (de São João da Boa Vista — S. Paulo), de 27-2-954.

Apesar de acamado e proibido de esforço, não resisti ao prazer de ler «Uanga» e «Ecos da Minha Terra» que teve a bondade de enviar para mim. A resposta oficial é o envio, incluso, de diploma provisório nomeando-o Titular da nossa Sociedade Brasileira de Folk Lore, a mais antiga do Brasil, homenagem natural ao seu esforço, inteligência e dedicação na pesquisa e comunicação fiel da informação etnográfica angolense nos seus livros, claros e sugestivos.

Bem sabe da simpatia e curiosidade brasileira, especialmente aqui pelo nordeste do Brasil, pelo nome mágico de Luanda. Aqui se fixaram os escravos dessa região e a nossa literatura oral está cheia das recordações vivas, constituindo uma presença espiritual, Pai Angola, Negro de Angola, Velho Angola. No Recife, nas festas do Maracatú (desfiles de negros pelo Carnaval) ainda cantam, como estribilho: — Luanda! Luanda!

E ignoramos muito e muito de Angola. Tenho as publicações excelentes da Guiné, Moçambique, Timor, Cabo Verde, etc. Mas Angola nos falta, justamente a querida Angola, reino fantástico que os nossos negros falam como do Paraíso perdido. Dos contos tenho apenas o velho Heli Chaterlain, de 1894, os Folk-Tales of Angola, contos populares de Angola, em quimbundo e inglês. Sim, e a gramática do Quintão que deram em Lisboa.

Seus livros são encantadores de verismo, movimentação, colorido, intensidade dramática, sugestiva força psicológica. Acima de tudo e antes de tudo, naturalidade, fidelismo, honestidade de fixação, compreensão, ternura pelos motivos humanos que o cercam. A luz de seus olhos está na su'alma, irradiando a doce claridade comunicativa e enternecedora de affecto, interesse e bondade.

Do Prof. Dr. Luís da Câmara Cascudo — Natal, 13-5-954.

*

Creia que ambos («Uanga» e «Ecos da Minha Terra») me interessaram sumamente. Receba minhas felicitações pelo excelente serviço prestado às letras e às ciências.

Do Prof. Dr. Roquette Pinto — Rio de Janeiro, 14-5-954.

*

«Uanga-feitiço», que é um vigoroso romance folclórico angolano, revela a capacidade artística de escritor seguro e que dá à confecção do livro um tom poético e sentido humano, ao mesmo tempo.

«Ecos da Minha Terra» constitui obra de raro interesse, pelo poder descritivo de seu autor, estilo vivo, seguro e brilhante.

Do Prof. Dr. Dante de Laytano — Porto Alegre, 1-2-955.

O Império Português é, ainda hoje, uma realidade.

Bem verdade que não existe o grandioso império territorial dos séculos XVI e XVII, mas, sobrevive, forte e pujante, o império da cultura e das tradições lusas.

Os laços da velha e «última flor do Lácio, inculca e bela» são os mais convincentes argumentos da premissa.

E esta premissa surge devido ao intercâmbio cultural mantido entre quatro continentes. E não fosse a língua pouco restaria do vasto Império que as quinas instalaram alguns tratos de terras.

É essa mesma e sonora língua que une, hoje, portugueses do continente e das ilhas, brasileiros, angolanos e um bom pugilo de americanos do norte.

É essa língua que faz, hoje, a nossa delícia.

É ela que nos traz de vários pontos do nosso Planeta as boas-novas de homens de várias idades e nacionalidades, mas, possuidores do Espírito Lusitano. É ela que une ao velho e tradicional Portugal todos os que a usam.

É ela que traz, até nós, d'Além Atlântico as mensagens riquíssimas de erudição e cultura de homens como Fernando de Castro Pires de Lima, J. A. Pombinho Júnior, Luís Chaves — de Portugal Continental; como o pranteado Luís da Silva Ribeiro, presidente que foi do Instituto Histórico da Ilha Terceira; como o venerando «contador de histórias» do Faial, Manuel Greaves; e uma boa dúzia de intelectuais do mais puro quilate, da mais alta erudição.

Também, a África Portuguesa traz-nos a sua mensagem e é desta e do seu autor que queremos, que precisamos dizer algumas palavras, pois tal obra, tal substância espiritual não pode e não deve ser deixada sem registro.

A mensagem da África Portuguesa, mais precisamente de Angola, tem como autor Óscar Ribas.

Apresenta-se ela exuberante, como o são as ramagens das matas angolanas, e nos vem falar de uma terra e de um povo muito ligado às coisas da terra e da gente brasileiras.

Óscar Ribas, o intérprete da exuberância angolana, dá-nos, para delícia do espírito, dois trabalhos do mais alto valor: «Uanga» (romance folclórico popular) e «Ecos da Minha Terra» (dramas angolanos).

Nestas duas obras ressaltam os aprimorados dotes de escritor que ornem o seu autor. São trabalhos de um mestre da pena, onde a linguagem flue sem muito rebuscamento.

«Uanga» não é, somente, como expressa o seu sub-título, «romance folclórico angolano», mas, importante documentário sociológico, onde páginas transbordantes da vida de Angola, nos lembram, a cada passo, os liames que nos prendem ao Continente Negro.

Nesta ligeira crónica queremos ressaltar, por fim, o valor social dos escritos de Óscar Ribas que faz da sua pena um bisturi, com o qual corta fundamentos os erros da vida do seu povo — que

ele ama estremecidamente e procura torná-lo mais conhecido dos outros povos, para ser melhor apreciado.

Estas considerações, desalinhadas e rápidas, são a nossa homenagem a quem luta pelo seu Povo e pelo maior intercâmbio e compreensão entre os homens: Oscar Ribas.

Do Prof. Dr. Walter F. Piazza, em «A Gazeta» (de Florianópolis), de 5-6-955.

ESCLARECENDO

Não foi sem grande trabalho e profundas lucubrações que elaborámos esta monografia. Mais do que qualquer outra obra nossa já publicada, e mesmo da trilogia sobre a literatura angolana — «Missosso» — a sair em breve, este trabalho é a produção que, dada a transcendência da matéria, mais rigor nos mereceu. Daí, em redobrado esforço, quer mental, quer de investigação.

Para a estruturação deste livro, recorremos não apenas às nossas informantes habituais, mas ainda a ocultistas, tendo-nos estas fornecido a maioria dos elementos dos capítulos «Iniciação de Xinguilador» e «Ritos Diversos». Apesar de termos estado em óptimas mãos, que trabalhão não tivemos para obter uma massa substancial, absolutamente necessária ao entendimento. Sim, que trabalhão, pois os informes que nos prestavam, nem sempre vinham completos, portanto devidamente claros. E só à custa de muito interrogar, muito repisar na mesma tecla — norma que nos tem arrancado de inúmeras incompreensões — e ainda de muito pensar na ligação de esclarecimentos díspares, conseguíamos iluminar as lacunas.

A religião, embora assente nos mesmos fundamentos, nem sempre, no entanto, apresenta a natural uniformidade, quer na concepção do mesmo mistério, quer na efectuação da mesma liturgia, não apenas de região para região, mas até de ocultista para ocultista. Em face de tamanha complexidade, e mesmo porque não dispomos dos indispensáveis elementos, limitámo-nos simplesmente a arquivar o que se observa na área de Luanda, apontando, quanto possível, as variações cumpridas no interior, a fim de melhor se confrontarem as diversas formas de culto. Se nalguns passos não fomos mais ilucidativos, tal se deve ao facto de as nossas informantes, mesmo ocultistas, não nos terem sabido responder. É que, por falta dum registo, ora provocando a destruição, ora promovendo o sincretismo, ora,

enfim, abalando a essência da verdade remota, a religião africana, pelo menos nestas paragens, mostra-se confusa em muitos pontos. E quanto mais tempo decorrer, mais baralhada ou esquecida ficará a explicação das divindades e doutras manifestações do culto

Em virtude de não passarmos de mero colector de costumes e ritos, isto é, de pura acção de folclorista, este ensaio restringe-se às generalidades. Penetrar fundo, analisar minuciosamente, constituem atributos demasiado transcendentales para a nossa modesta bagagem intelectual. O que pretendemos, e esse objectivo já nos desvanece, foi propiciar a todo o leitor, qualquer que seja o seu nível cultural, uma ideia clara, sem abstracções, do culto entre os aborígenes.

Só dos aborígenes? Que ninguém nos oiça: e também entre indivíduos de camadas evoluídas. Em resultado da íntima convivência, o espiritismo africano deu as mãos ao cristianismo, e assim, ambas as religiões, na mentalidade dessa gente, não se prescindem da sua importância, decorrentemente do seu efeito milagroso. Daqui, o que Deus não concede, concedem os espíritos. Mas este dualismo entre os segundos, observa-se occultamente, não vá ninguém rir-se, apodá-los de atrasados!...

Suspendamo-nos em meditação. Num ambiente de milenário espiritismo, como se poderá, na verdade, libertar-se totalmente dessa forte pressão? Impossível! Tudo deixa vestígio, quer na matéria, quer no espírito. É lei da Natureza. Se assim não fora, que seria do passado? Nem lembrança!

Quem há que não sinta, dentro de si, no recôndito de sua alma, a voz da ancestralidade? Quem, muito caladinho, não teme o sobrenatural? Ninguém, porque essa voz estranha, longínqua de milénios, vive em todos nós.

«Faz parte integrante do homem — diz o insigne historiador e sociólogo brasileiro, Walter Spalding, em sua magnífica obra «Tradições e Superstições do Brasil Sul» — a crença no sobrenatural. Não há, no mundo, quem não tenha qualquer coisa de extra-terreno no seu subconsciente. O mais incrédulo dos homens tem fé, por mínima que seja, em alguma cousa: amuleto, número, dia do mês ou da semana, estrela ou astro, em algum «não presta» ou «não se deve fazer porque atrai malefícios», etc.

Tanto maiores são, no geral, as crenças ou crendices quanto mais inculto for o homem, se bem tenha havido, — e existam, — verdadeiros sábios que crêem em abusões e apreciam amuletos e fetiches...

Cousas da alma humana sempre propensa às cousas com presumíveis causas misteriosas ligadas, ou mais ou menos ligadas ao sobrenatural».

«Hall escreveu — refere o notável mestre da sociologia brasileira, Gilberto Freyre, em sua formidável obra «Casa Grande e Senzala» — que todo civilizado guarda em si, da ancestralidade selvagem, a tendência para acreditar em fantasmas, almas do outro mundo, duendes».

Em razão dessa força misteriosa, ambas as religiões ainda coabitarão no mesmo indivíduo por longos anos. Mas este complexo também se verifica no próprio colono, também não desembaraçado inteiramente das crenças do paganismo. E quantos anos rolaram sobre a sua conversão ao cristianismo? Quantas gerações não se sucederam na martelada da nova religião? Por isso, leitor, de admirar não é, entre a maioria da família angolana, o uso simultâneo dos dois lados da medalha: — o espiritismo e o cristianismo, ou, inversamente, o cristianismo e o espiritismo.

Em face da sincretização religiosa, ocultistas há que, para bom desempenho do seu ministério, vão às igrejas, em demanda, não só do natural benefício, mas ainda do condenável malefício. Sim, porque, em seu entender, Deus não dá apenas o benefício, mas também o malefício. Assim, nas capelas propícias, furtivamente exibem suas trouxinhas à imagem, tendo chegado mesmo, para maior virtude, a depositarem-nas, pelo menos durante uma noite, no escaninho mais conveniente.

Outros ainda, dizendo-se inspirados por Nossa Senhora, de quem receberam o poder para o sacerdócio, com Ela «trabalham», mas só na prática do bem servir.

O caso mais saliente em que as duas religiões se consorciaram, é o do sufrágio da alma, entre as gentes das baixas esferas. Como os festins realizados por morte de alguém visam a minorar o sofrimento dessa mesma alma, produzindo nela o sentimento da conformidade com o seu novo estado, na véspera da missa, propiciam-lhe um festim desses. Desta arte, a alma frui um duplo benefício.

Conforme já dissemos, este ensaio custou-nos muito trabalho. Agora, acrescentamos: e bastante dinheiro na recolha dos elementos prestados pelas ocultistas. Chegámos a pagar a hora a oitenta escudos. E quantas horas, repartidas por sessões, não foram necessárias para a explicação, reexplicação e apontamento da matéria? Cobravam-se

bem porque — alegavam elas — haveríamos de ganhar muito dinheiro com o livro!

Se todos os elementos prestados fossem assim remunerados, ou os livros teriam de ser vendidos pelo dobro, ou do produto da venda nada restaria para ocorrer às inúmeras despesas da nossa labuta literária. Agora, o que não podemos regatear, é a riqueza dos dados que, em troca, nos facultaram. Mas — justiça se lhes faça — a par dessa riqueza, tão ciosamente guardada em suas mentes, por isso raro acessível a estranhos à sua intimidade, essas ministras do culto ainda nos favoreceram com uma valiosa demonstração de solidariedade: — a fidelidade.

Já que falámos no valimento das ocultistas adentro desta obra, de modo nenhum pudemos deixar de sublinhar os incansáveis préstimos das nossas habituais informantes. Se aquelas, com o seu saber de profissional, nos revelaram muitos mistérios, sobretudo o complicado cerimonialismo da iniciação de xinguilador (médio), com as consequentes actuações das divindades, estas agrupadas em secções ou «pedras», as ditas informantes, com a sua experiência, não menor contribuição nos prestaram. Na qualidade de familiares, como, aliás, já declarámos em «Uanga», a sua acção tem sido desinteressada, apenas desejando serem-nos úteis na nossa missão de exumação das coisas angolanas. Ao contrário das ocultistas, elas compreenderam perfeitamente a tarefa que nos impusémos: — arquivar, para a posteridade, as páginas esparsas da vida negra, por ora impelidas pelas lufadas da tradição, mas um dia extintas pelas labaredas da civilização.

Embora já nos tivessem criticado por tilarmos algumas consoantes na grafia do aportuguesamento dos vocábulos quimbundos, mantemos o sistema anterior. E isto, pela razão que vamos expor:

Não tilando, o vocábulo, nalguns casos, sugere outro exótico, de sentido, claro está, absolutamente diferente. Exemplificando: «goma» (tambor) e «goma» (cola); e «baco» (estéril) e «Baco» (deus do vinho).

Antecedendo ao nome, como procedem outros escritores, a consoante «n», seguida ou não de apóstrofo, o leitor incorre no erro, aliás natural, de pronunciar o referido «n» — erro que se pode fixar no uso, como aconteceu com a designação do povoado «Ngaje», agora deturpada em «Negaje». Mesmo apostrofando-se o «n», raros, a não ser os letrados, deixariam de o proferir, considerando o apóstrofo como supressão de vogal. Mas agora perguntamos nós: se o apóstrofo,

neste particular, serve para simular a eliminação duma vogal, que vogal, pois, será? A? E? I? O? U? Impossível determinar. Mais: este processo pode induzir em corruptela (por exemplo, «engoma»), como já verificámos algures.

Sobre o emprego do «k», como ainda nos apontaram, só o fizemos na especificação do vernáculo, com um fim estritamente linguístico. Sim, porque o quimbundo, tal como qualquer outra língua, também possui a sua grafia especial — graças à feliz convenção estabelecida. Feliz, porque a escrita sónica, escrita essa em que se estrutura o quimbundo, suplanta a etimológica, toda acidentada de tropeços no emprego duma mesma letra. Mas já estamos a sair do nosso sector.

No final da obra, apresentamos um elucidário, não apenas com o significado restrito do termo, mas ainda com o desenvolvimento necessário às características desta monografia. E para um melhor estudo do fenómeno psicológico que presidiu à formação do quimbundo, mergulhámos, quanto nos permitiu o nosso fôlego, até às profundezas da língua, para buscar o étimo do vocábulo empregado. Em muitas dições, desvendámos nós a fonte, mas, noutras, foram as nossas informantes, orientadas por nós, que realizaram tal tarefa. É que, como o leitor perfeitamente sabe, para se achar o étimo duma palavra, impõe-se o conhecimento profundo da língua — condição que, infelizmente, ainda não alcançámos.

Nos nomes de plantas, para uma ideia mais exacta, valemo-nos da monumental obra — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — do eminente botânico suíço, John Gossweiler. Como ao leitor, por certo, não interessariam as particularidades gerais, mas somente os caracteres fundamentais, apenas respigámos o essencial, e, para o entendido, também o termo científico.

Complementarmente, mas segundo as nossas informantes, adicionámos alguns dados sobre o uso dos mesmos vegetais, quer industrial, quer medicinal. A etimologia dos vocábulos, como nos demais, igualmente nos respeita.

Para documentação da verdade expendida, ilustrámos a presente obra com várias fotografias. Para o efeito, organizámos expressamente uma dissaquela, ou, portuguêsemente, uma sessão de espiritismo. A função durou três horas e meia. Começou às dezassete e terminou às vinte horas e meia — razão por que o firmamento ora se apresenta claro, ora escuro.

Fizaram-se setenta e cinco aspectos, dos quais se apuraram

cinquenta e dois. Apesar do maior cuidado posto na reportagem, ocorreu um incidente que muito nos penalizou: a não captação da fase em que duas médicas absorvem o sangue do leitão sacrificado. É que, justamente nesse momento, houve necessidade de se substituir o rolo na máquina. Mesmo assim, um flagrante da imolação ainda traduz o acto. Conforme as gravuras, o leitão foi abatido à machadada, ao passo que a galinha o foi por torcedura do pescoco, sucessivamente efectuada por ambas. Pela razão apontada, também não foi possível a sua captação.

Na glorificação aos gémeos, igualmente apresentamos alguns quadros dos mais típicos. O cerimonialismo foi interpretado pelas mesmas figurantes, antes da realização da sessão de espiritismo.

Que esta obra mereça algum préstimo aos estudiosos, é o que sinceramente desejamos.

O AUTOR.

NOTA — Por falta de matrizes tipográficas e para não demorar a saída deste trabalho, a notação fonética utilizada foi alterada.

Assim, no caso da tilação das consoantes, vão as mesmas indicadas no texto em itálico ou redondo, conforme a palavra estiver em redondo ou em itálico. Ex.: Guenji, Gombo, Zumbi de Gana, Banguela, Dele, etc.

PRELIMINARES

A religião negra, embora tenha Deus por fulcro, assenta na comunicação com os espíritos. Em resultado, dever-se-ia chamar espiritismo, e não «feiticismo». Mesmo «fetichismo», como pretendem alguns eminentes investigadores, o termo, em nosso modesto pensar, igualmente seria impróprio, pois não constitui senão um arremedo de «feiticismo».

«Foi De Brosses — esclarece o insigne folclorólogo brasileiro, Prof. Dr. Arthur Ramos, na sua notável monografia «O Negro Brasileiro», págs. 28 e 29, ed. de 1934 — quem pela primeira vez empregou a expressão *fetichismo* para designar aquela forma de religião que consiste na adoração de objectos materiais *gris-gris* ou *fetiches* pelos negros da África. Fetiche é aliás, a tradução francesa que os comerciantes do Senegal fizeram da palavra portuguesa *feitico*. Em etnografia religiosa porém, costuma-se empregar, como aliás o fez Nina Rodrigues, *fetiche*, *fetichismo*, para evitar a confusão com o significado popular de *feitico*, *feiticaria*.

Alguns autores fazem derivar a palavra *fetiche* do latim *factitius*, no sentido de encanto mágico, para designarem os *gris-gris*. De Brosses a considera no sentido de *coisa feita* (*chose fée, enchanteée...*), fazendo derivar da raiz latina *fatum, fanum, fari*. Esses *fetiches* ou *gris-gris* são objectos materiais, quaisquer árvores, montes, o mar, fragmentos de madeira, seixos, conchas, etc., preparados e consagrados pelos sacerdotes, tornando-se, pois, *coisas feitas* e objectos de culto».

A esta erudita explicação, respeitosamente contrapomos que a base da religião se firma, não em «coisas feitas», mas tão somente nos espíritos. «Torna-se evidente — reconhece o notável Mestre a págs. 178 — que, nas proto-religiões selvagens, o essencial do culto é o contacto com as divindades, que o primitivo provoca em várias

práticas de sua liturgia simbólica». Sim, porque o espírito é o agente, a força, a fonte das energias maravilhosas. E a «coisa feita», apenas é o efeito, o instrumento impregnado de privilégio. Ora, sem intervenção dos espíritos, esses objectos não terão virtude. Como o comum das coisas, assim se tornariam eles.

«Embora o feiticismo esteja muito desenvolvido entre os negros, a adoração dos feitiços não constitui toda a sua religião. A crença nos espíritos, o culto dos antepassados e dos fenómenos da natureza encontram-se muito frequentemente; divinizam o céu, o sol, a lua sobretudo, as montanhas, os rios. Aqui e além vê-se aparecer a crença num Deus superior, criador do mundo, mas este Deus não é adorado: em geral os negros dispensam mais atenções às suas divindades malélicas e temíveis do que às boas», — comenta o Prof. Dr. Chantepie de la Saussaye, na sua «História das Religiões», págs. 31, ed. portg. de 1940.

O espiritismo, como o próprio termo indica, assenta na interferência dos espíritos; e o feiticismo, na prática de feitiços. Consequentemente, o adúltero «fetichismo». Ora feitiço é um malefício. Mas, feitiço, em mau sentido, como verdadeiramente deve ser considerado, e não exprimindo indiferentemente o bem e o mal, como, lamentavelmente, o uso consagrou.

«Umbanda» e «uanga», na liturgia dos Quimbundos, representam os dois polos: o primeiro, designando «ciência de quimbando ou tratamento médico»; e o segundo, «arte de feiticeiro ou malefício». Desta ausência de critério, ou antes, desta unidade de expressão, resulta a obscuridade lançada pelo termo «feitiço». Daí, para muitos, a falsa concepção de que a religião negra se funda exclusivamente no mal. Nada disso. Como as outras, a sua função primordial é atrair o bem, impedir o mal pelo temor.

Analisada, embora fugidamente, a plenitude lograda pela dicção «feitiço», devemos ainda esclarecer que os Negros não adoram o céu, o Sol, a Lua, o mar, os rios, os montes, as árvores, as pedras, e outros seres idênticos. Quanto aos astros, simplesmente os temem, não por os considerarem divindades, mas tão somente pelas forças que deles derivam — forças que os ocultistas trabalham para bem ou para mal dalguém. Neste particular, também salientamos o vento, especialmente a primeira lufada depois do meio dia. E quanto ao mar, rios, montes, etc., igualmente o que adoram, são os seres sobrenaturais que neles habitam — sereias e génios, respectivamente designados por «ianda» e «ituta». Logo, cultuando essas entidades, forçosamente terão que reverenciar os lugares de sua permanência.

Na religião negra, nada se opera sem a influência dos espíritos. Através dos seus instrumentos de mediuminidade, eles agem para todas as circunstâncias, quer para o bem, quer para o mal. São os espíritos que revelam as causas das enfermidades, azares, tudo, enfim, o que se pretende saber. São os espíritos que receitam por intermédio dos seus sacerdotes, quer no momento da actuação, quer em sonho também. E são os espíritos ainda, que tomam à sua guarda quem a eles recorre, ou, inversamente, também são eles que matam, quando a isso os induzem.

Em todos os povos, qualquer que seja o seu nível cultural, o bem e o mal andam sempre a par. Rigorosamente, ninguém é bom. Dentro de si, cada qual alberga os sentimentos primários da ferocidade. A conduta depende do momento.

Com o Negro, idêntica psicologia se verifica. É bom em atmosfera normal, mau em conflito de interesses. E é neste caso que usa o feitiço, para maleficiar quem o hostiliza. Mas valendo-se igualmente dos espíritos.

A abonar a nossa modesta interpretação, invocamos os termos «ilundu» ou «mahamba», os quais exprimem todas as manifestações espiritas. Conforme o sacerdócio, assim variam as designações dos seus ministérios. Em suma: todos os actos da vida giram em torno dos espíritos.

A secundar o nosso parecer, invoquemos agora a filosofia do povo. Ouçamos, pois, o seguinte conto tradicional, narrado por uma nonagenária do Cacuaco:

O senhor «Sucedá o que suceder, no mundo nada há que me prejudique» nunca pretendeu uma mulher. Mas quando alguma estivesse para casar, portanto já satisfeito o alembamento, ele, no dia aprezado para o consórcio, apresentava-se a buscá-la.

— Já venho buscar a minha mulher... — Declarava com naturalidade.

Os pais acediam, a noiva o acompanhava. Ninguém dava pelo embuste.

Daí a pouco tempo, aparecia o noivo verdadeiro:

— Já venho buscar a minha mulher...

— Que mulher queres mais? Não a levaste já?

O ludibriado noivo retirava-se furioso. Para se vingar, procurava um quimbanda, pelo feitiço o queria matar. Mas o feitiço não sortia efeito.

O senhor «Sucedá o que suceder, no mundo não há nada que me prejudique», sempre assim procedendo, arranjou cinquenta e quatro mulheres, todas a casar com indivíduos diferentes. E sempre invulnerável a bruxedos.

Ao quinquagésimo quinto logro, o noivo obteve do ocultista a seguinte elucidação:

— Nada podes com ele, o seu feitiço é poderoso. Se queres realmente que morra, primeiro enfeitiço a ti, para que tua alma, depois, o venha buscar. De contrário, nada consegues.

O homem concordou. Sim, morreria, mas vingar-se-ia daquele patife!

Vai a Luanda, adquiere um caixão. No regresso, coloca-o no seu quarto. E no dia em que devia morrer, mete-se nele, todo limpo, penteado e vestido com a sua melhor roupa. Antes fechara a porta, apenas deixando aberta a janela.

Como ninguém o tornasse a ver, os vizinhos chegaram-se à casa. Pela janela, atiraram o olho. Com surpresa, descobrem o ataúde.

— Hela! Um caixão! — Gritam.

Arrombam a porta. Morto, em sua apresentação esmerada, assim o vêem.

Comenta-se o caso, faz-se-lhe o enterro.

No dia imediato, o senhor «Sucedá o que suceder, no mundo nada há que me prejudique» sente-se incomodado. Ainda se agarra ao seu poder mágico. Mas vem-lhe um ataque, nele se fica.

— O senhor «Sucedá o que suceder, no mundo nada há que me prejudique» morreu? Como foi isso? — Murmurava o povo.

— Com certeza foi o outro, em vingança da patifaria que lhe fez! Não estão a ver? Ele ser enterrado ontem, e este morrer hoje? — Explicavam outros.

No Além, o vingador desfecha-lhe:

— Morri antes de ter chegado o meu dia! Mas preferi assim! Como no mundo ninguém podia contigo, deixei-me matar para te matar também! E tuas mulheres também virão para cá!

E uma por uma, a começar pela sua antiga noiva, forçou-o a arrebatá-las todas.

DIVINDADES

As divindades dividem-se em: soberanas e intermediárias. E as intermediárias em: superiores, auxiliares e serviçais.

As soberanas são: Zâmbi e Calungangombe. E as intermediárias classificam-se em: miondonas, calundus, quitutas e quiandas (1).

Zâmbi é o Deus das alturas promotor da existência, autor do bem e do mal, o Deus propriamente dito.

«Deus está no alto, Deus está em baixo». — Proferem os quimbandas em determinados ritos.

«Se tenho o coração grande (perverso), é porque Deus assim o fez. Se colho plantas más é porque Deus as plantou». — Defendem-se os feiticeiros.

Deriva de «kuzamba»: presentear (a vida, o mundo).

Calungangombe é o Deus das profundezas do globo — o Além-Túmulo dos aborígenes — o juiz e chefe dos mortos.

«Uns colho eu, outros a mim vêm ter». — Objecta a divindade às acusações originadas pela mortalidade.

(1) Após aturadas inquirições e demoradas lucubrações, entendemos que devíamos destrinçar as miondonas, as quitutas e as quiandas, cada qual como entidade diferente, embora todas três se categorizando como sobrenaturais. Dada esta particularidade, verificámos que as referidas divindades eram tomadas sinónimamente, constituindo as três a única e mesma divindade.

Para chegarmos a esta conclusão, valeram-nos as contradições que surpreendíamos a cada passo. Um exemplo flagrante é o dos gémeos. São eles considerados quitutas, e não miondonas. Logo, quituta não é miondona.

Servindo-nos ainda do mesmo exemplo, apurámos que os gémeos também não são considerados quiandas. Daqui, quituta não ser quianda.

Outro exemplo: quem nasce deformado, é tido como quianda. Mas não como miondona. Entretanto há quem também lhe chame quituta. Esta confusão, já mais íntima, explica-se pelo facto de quituta e quianda constituírem seres sobrenaturais terrenos.

Como o assunto é altamente complexo, de antemão confessamos que a destrinça que fizemos, de modo nenhum representa um ponto resolvido. Longe de nós semelhante jactância! O que se nos afigurou melhor, assim o expusemos...

Os que lhe vão parar às mãos, são os que sucumbem forçadamente, como os suicidas e os enfeitados.

Deriva de «kalunga» (morte) + «ngombe» (ruminante da família dos bovídeos). Logo, um ente voraz de vidas.

Após a morte, a alma liberta-se, não para o infinito, mas para debaixo da terra. Entretanto não abandona o lugar em que o corpo foi sepultado. Uma vez julgada por Calungangombe, recebe o prêmio ou a punição do seu proceder no mundo. O prêmio é a liberdade, e a punição, o aprisionamento em cordas.

Embora continuem trabalhando, as almas condenadas ainda trabalham mais que as outras. Em determinadas possessões, surgem lamentosas, declarando que ainda trabalham mais do que os vivos.

— Aiué, a minha vida! Aiué, a minha vida! Aiué, a minha vida!
— Brada a alma, chorando, quando em possessão. Depois, serenando, já enxutos os olhos com a ponta do pano (1): — Boa tarde! Como têm passado? Têm comido e bebido bem?

— O comer e o beber é isto: são os desgostos e os trabalhos da vida! — Lamenta-se a criatura que desejou a sua indução.

— Trabalhos? Trabalhos temos nós, que estamos a trabalhar presos a cordas! Vocês, aqui, vivem bem! O Além é horrível (2): vai gente, mas não sai gente! Debaixo da terra é horrível! — Comenta a alma.

Tal como na vida terrena, conubiam-se, geram filhos. E se, por viuvez, a mulher ainda não havia pertencido a outrem, aí novamente se juntam em acasalamento. Mas, de espaço a espaço, tornam a encarnar, até, supomos, atingirem o estado de deificação.

— Senhor F., deixe a viúva em paz, hoje a amizade acabou! Procure aí (no Além) outras mulheres, que ela aqui procurará outros homens! — Exorcisma o quimbanda num ritual de viuvez.

A alma, após a morte, acompanha o corpo, e, com ele, se fixa no seio da terra. Entretanto, dá fé do que fazemos e, quando lhe apetece, vem à superfície, preferentemente de noite, pois a luz a incimoda. E quando anda, seus pés não pisam o chão Caminham no ar, a uns cinquenta centímetros de altura, mas deixando ouvir o ruído dos seus passos, embora arrastadamente.

(1) Em possessão, o xingullador representa a entidade actuante. Portanto, quem opera, é a entidade espiritual.

(2) Kua Lunga kuakola.

Segundo uma informante, e isto pelo que se verifica no Congo Belga, a alma, quando o corpo vai a ser enterrado, jaz sentada sobre o ataúde, de costas voltadas para o acompanhamento, as pernas estiradas, os braços repousando nelas, a cabeça movendo-se lentamente para os lados. Para se observar tal imagem, o curioso deve estar munido dum espelho, onde ela se gravará. O observador postar-se-á à frente, mas discretamente, de contrário, se for surpreendido pela alma, ela o arrebatará nesse mesmo instante.

Outros dois factos correntes que atestam ser o mundo subterrâneo a mansão da alma, consequentemente das divindades espirituais, são o levantamento da alma por feiticeiro, e as pragas rogadas solenemente.

O levantamento da alma, efectuado, na própria campa, com o auxílio de nove agulhas e folhas verdes de zunzo, constitui prática de que os sortilagos se servem, quando, por seu intermédio, pretendem maleficiar alguém. A este respeito, narraram-nos que certo quimbanda, tendo ido, de noite, a um cemitério, falar com uma alma, a fim de lhe perguntar a causa duma doença por ela provocada, notara que, em cada sepultura, permanecia sentada a alma respectiva. Mal viram o intruso, sumiram-se rapidamente para debaixo da terra, produzindo, na submersão, um barulho semelhante ao do chocalhar de latas. Só não fugiu a alma interessada.

Nas pragas, quando se deseja dar o cunho solene, batem-se as mãos no solo, invocando a justiça de Quitédi de Muene-Congo e de Muene-Congo.

Devemos confessar que não foi sem grande dificuldade que concluimos que o Além-Túmulo dos aborígenes é o mundo subterrâneo. E para chegarmos à confirmação, recorremos a aturadas inquirições. E sabem os leitores qual a resposta que obtínhamos de entrada? «Quando morremos, vamos para o céu». Mas depois, à custa de exemplos applicados a certos rituais, conseguíamos, finalmente, a triunfal confirmação.

O conto «Bango a Mussungu», enfeixado no livro «Ecos da Minha Terra», representa um testemunho da concepção dos Naturais — concepção já em decadência pela acção do catolicismo. O episódio descrito, hoje considerado lenda, não foi ímpar, antes constituiu uma prática normal. Pelo menos, conforme nos elucida Cavazzi, vários jingas assim procederam, não para reinar debaixo da terra, como Bango a Mussungu, mas para fruírem as delícias da eternidade. Isto, a uma distância de três séculos — época em que viveu o capuchinho citado.

Passemos agora a analisar as divindades intermediárias:

Miondonas são espíritos tutelares. Nascem connosco e herdam-se principalmente do ramo paterno (1). Defendem-nos do mal, chegando mesmo a lutar com almas, ofensivamente movidas por feiticeiros, por elas recusarem suas aliciantes ofertas de alimentos.

Por isso, quando sentimos pertinaz desejo de comer qualquer iguaria, devemos satisfazer o apetite, pois são as miondonas que no-la pedem, visto o assédio do feiticeiro com suas tentações.

As miondonas, dada a sua natureza espiritual, após a morte, desprendem-se para o Além — o mundo subterrâneo.

Deriva de «kukondona»: limpar (do mal).

Calundus são espíritos justiceiros e medicantes. Herdam-se principalmente do ramo materno. Mas só por efeito de rito evocatório.

Os calundus representam almas de pessoas que viveram em época remota. Consoante a longa idade que esses entes possuíram, distingue-se o *diculo* — que é ancião — e o *diculundundo* — que é ancião ainda de mais avançada idade.

Deriva de «kulundula»: herdar.

Malungas são espíritos simpatizantes. As entidades que, na vida terrena, constituíram indivíduos da raça branca, assumem, por influência do catolicismo, a qualificação particular de «santos».

Ao contrário das miondonas e calundus, não actuam em cabeça. Falam no ar ou através de qualquer objecto. Podem vir espontaneamente, ou evocados em práticas divinatórias.

Deriva de «M'akuá-lunga»: relativos aos do Além.

Quitutas são gênios. Vivem em toda a parte, como nas matas, rios, cacimbas, montes, rochas. Podem mostrar-se, embora raramente, sob a forma de horrível bicho, como enorme serpente com chifres. Em essas aparições, consoante o carácter da divindade, denunciam bom ou mau presságio.

Encarnam, ou por simpatia, ou por reabilitação, e podem provir da via paterna ou materna. Da paterna, quando o pai, em suas deambulações, trouxe consigo esses seres; e da materna, quando um antepassado assassinou uma mulher grávida, em cujo ventre se formava um indivíduo dessa espécie, ou ainda, se a vítima era assim. No primeiro caso, denominam-se de «simpatia»; e no segundo, de «geração». Qualquer que seja a procedência, tais filhos inspiram idolatria aos pais.

(1) No interior de Luanda, as miondonas só procedem do ramo paterno.

Deriva de «kututa»: transportar (em si).

Quiandas são as sereias. Vivem na água, principalmente no mar, podendo mostrar-se sob qualquer aspecto — pessoas, peixe, coisa.

Segundo um pescador centenário da ilha de Luanda — homem ainda isento de influências estranhas — a quianda revela-se, não sob a figura de semigente e semipeixe, conforme a tradição europeia — concepção já penetrada na mentalidade dos naturais de camadas mais adiantadas — mas revela-se em toda a plenitude humana, apenas com farta cabeleira e pelugem, sob as quais, por vezes, se fecha. Pode dirigir-se-nos ou solicitar-nos qualquer coisa, e, quando mal nos precatamos, desaparece misteriosamente.

Acerca do seu poder de atracção, referiu-se o aludido ilhéu que, já há umas boas décadas, navegando ele de canoa, juntamente com um escravo seu e mais companheiros, súbitamente, como que impulsionado por uma mão, o serviçal foi arrebatado para a água, permanecendo no fundo uns longos minutos. Em grita, todos se deitaram a suplicar à sereia que o libertasse. Sob o impulso da mesma mão, o homem foi resposto na embarcação. Mas logo, como que em arrependimento da divindade, novamente foi arrancado para o mar. Os rogos tornaram a irromper. E o pobre escravo, como anteriormente, outra vez foi colcado na canoa. E, facto curioso!, durante a permanência na água, não experimentou nenhuma perturbação, antes uma doce calma o invadira.

Tanto esse como outros informantes, ainda nos contaram que, em certos lugares do mar, rio ou lagoa, se notam, durante a noite, várias luzes. E mesmo em quarto fechado, a candeia apagada, semelhante fenómeno, por vezes, igualmente se verifica.

Tal como as quitutas, as aparições das quiandas também representam bom ou mau indício. E como elas ainda, também encarnam, mas só por simpatia, constituindo indivíduos anormais, como os deformados fisicamente.

Neste caso, enquadra-se o próprio autor. A manifestação da sereia operou-se-lhe no sentido da visão, destruindo-o com a ausência da luz. Em compensação, dotou-o com o amor às pesquisas folclóricas e religiosas.

A divindade morou no local denominado «Padrão», onde hoje se levanta a ponte que liga Luanda à ilha. Mas, por efeito da demolição das pedras lá existentes, mudou de poiso — causa da ruína incessante da dita ilha.

Isto — leitores — narramo-lo à conta de subsídio psicológico.

E quem no-lo revelou, foi o deus Capita, da categoria dos calundus, e o qual se chama pelo nome particular de Mavítia Bongo — revelação essa proferida através duma informante ocultista, então sob sua possessão. E já agora, acrescentaremos que foi o aludido Mavítia Bongo quem nos prestou vários elementos deste ensaio, mormente no cap. «Iniciação de Xinguilador» e «Ritos Diversos».

A influência da quianda, entretanto, também pode ser exercida após o nascimento, pelo que origina perturbações na saúde da criança. O mal, verificado por adivinhação, sana-se com uma oblata à sereia, realizando-se o festim, não em qualquer sítio, mas no local previsto divinatóriamente. Os entes gerados sob a sua afeição, igualmente inspiram idolatria aos pais.

Deriva de «kuenda»: andar (indo com alguém).

Como complemento às definições de espírito, vamos agora apresentar as de alma. Quanto a nós, espírito é uma alma evoluída, ou através de possessões seculares, ou através de sucessivas transmigrações — argumento este verificado no conto «Quimalauezo», inserto no I vol. de «Missosso», não como elemento de evolução, mas como um retorno à vida. Outra circunstância que — supomos — vem reforçar a nossa ousada interpretação, é o facto de a alma, quando chamada a actuar, se apresentar dolorosa, mal podendo encarar a luz, ao passo que o espírito — calundu, neste caso — se apresenta senhor de si.

Se não acertámos, desculpai-nos, ó pensadores: é que estas teorias resultaram de nossas deduções, e não de nossas idóneas informantes — herdeiras do vasto património religioso — que, dada a transcendência do assunto, não nos souberam responder. Portanto, adiante com as definições de alma:

Muenho é vida ou alma de vivente. Em sonho, desprende-se da matéria, vagueia pelo espaço — razão por que vemos imagens desconhecidas, episódios estranhos, visões que, mais tarde, podemos reconhecer, isto no primeiro caso, e obter a confirmação, no segundo.

Deriva de «kumuena»: ver *in loco*.

Dele ou **Zumbi** é alma de pessoa falecida recentemente, num período não secular.

O primeiro termo é mais usado em Luanda, e o segundo, no interior.

O aporuguesamento de zumbi é «canzubi». E de *dele*, proveio a expressão «mundele». indivíduo de raça branca. Pela decomposição

— mukuá-ndele — apura-se a comparação: possuidor de alma, semelhante a alma.

Zumbi e *dele* derivam, respectivamente, de «kuzumbika» e «kuendela», ambos os verbos significando «perseguir» (a mandado de feitiçeiro). Quer dizer: o nome de alma de pessoa morta resulta do efeito provocado pelo sortilogo, e não do novo estado a que passa. Duma maneira geral, os mortos, conseqüentemente as almas e os espíritos, são designados pelos termos: «akuá-Lunga» (os do Além) e «akuá-moxi-ia-mavu» (os de debaixo da terra).

Quilulo é alma penada.

Deriva de «kulula»: amargar.

As três designações — zumbi, *dele* e quilulo — segundo nos parece, inicialmente constituíram termos específicos. Mas com o tempo, o povo, no seu dinamismo linguístico, passou a empregá-las indistintamente, na pura acepção de «alma de extinto», conseqüentemente na de «mukuá-Lunga» — singular de «akuá-Lunga». Será assim? Pelas derivações dos respectivos vocábulos — derivações, aliás, resultantes do nosso engenho — assim nos fundamentámos para tais deduções...

Muculo é a alma de pessoa acabada de falecer, ou mesmo falecida há poucos anos, a qual actua noutrem, ou para lhe revelar um segredo, ou para lhe legar o seu saber e a sua corte de espíritos, tratando-se de quimbanda, e somente a corte de espíritos, tratando-se de xingui-lador, ou ainda a sua acção, tratando-se duma critura vulgar.

Deriva de «mukuá-ukulu»: indivíduo do tempo antigo; que viveu noutra tempo.

MINISTROS DO CULTO

São quatro as classes que constituem os ministros do culto: quimbanda, quilamba, mulôji e mucuá-bamba.

QUIMBANDA

Quimbanda é médico-adevinho.

Pai-de-umbanda ou *mãe-de-umbanda* é a designação que o quimbanda ou a quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Representa um tratamento afectivo. Quer dizer: na subordinação do rito, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o indivíduo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

Pai-de-viuvez ou *mãe-de-viuvez* é a qualificação que o quimbanda ou a quimbanda toma, quando celebrando um rito de viuvez.

O quimbanda trata as enfermidades, diagnosticando por adivinhação; debela os azares; restabelece a harmonia conjugal ou provoca a inimizade; dá poderes para o domínio no amor ou para a anulação de demandas. Embora não seja esse o seu verdadeiro mister, também pode causar a morte. Conforme já explicamos em «Uanga», este ministério é exercido por espontaneidade ou por transmissão de alma.

Por espontaneidade, os conhecimentos são adquiridos em aprendizagem, servindo como ajudante — cabanda — um quimbanda. O poder espiritual é-lhe conferido durante o ensino. Como recompensa ao mestre, que o acompanha nos primeiros tratamentos, oferece-lhe os respectivos honorários.

Por transmissão de alma, podem-se dar dois casos: efectuação em sonho, ou em actuação.

A ciência de quimbanda — em quimbundo denominada «umbanda» — transmite-se em sonho quando houve um parente que pro-

fessou esse culto. O predestinado sonha com o mato — o grande reservatório medicinal — e então vê as plantas curativas, os lugares para determinadas funções, as encruzilhadas necessárias para certos ritos. E com este umbanda, designado de «mujji», isto é, de família, o indivíduo torna-se quimbanda. E bom. Quando trabalha, tudo lhe ocorre sobrenaturalmente. Segredos que, egoisticamente, os mestres ocultam aos aprendizes, tudo, neste caso, lhe é revelado.

Os guias tutelares também podem inspirar em sonho. A visão e o efeito não diferem da manifestação anterior. O umbanda assim alcançado, chama-se «miondona», ou, portuguêsmente, de guias tutelares.

A revelação por actuação dá-se por morte dum quimbanda. Mal acaba de falecer, ou mesmo dias depois, a sua alma actua sobre quem mais lhe agradou em vida — parente ou não. Toda a sabedoria e corte de espíritos são-lhe legados inteiramente.

No momento da possessão, um quimbanda presente, se ocorrer em casa do extinto, pois esses passamentos são sempre assistidos por vários confrades, ou, sucedendo posteriormente, o quimbanda que se chamar, bate devagarinho na cabeça do possesso, que só geme e se contorce, deita sobre ele uma pinga de água e pede à alma que se manifeste em ocasião oportuna.

Na data conveniente, realiza-se o cerimonial. No meio dum quintal, sobre uma esteira, coloca-se a pemba e ucuusso. O quimbanda, ou antes, pai-de-umbanda, depois de obrigar a paciente, pois, em regra, as mulheres é que são mais afectadas, a levantar-se e a baixar-se nove vezes, pelo que a segura pelos ombros, senta-a no banquinho.

Para atrair a alma, o pai-de-umbanda prepara o prato-das-almas. Caracterizando um prato novo com pós de pemba, ucuusso e folhas-das-almas, verte-lhe nove doses de quitoto-e-maluvo, outras tantas de vinho e uma porção de água. Com ele à frente da paciente, vai remexendo-o com uma faquinha nova apropriada (1).

A paciente está com os olhos no prato. O pai-de-umbanda, no entanto, aconselha-lhe concentração e verdade no interrogatório.

De volta, a assistência, em palmas suaves, entoa o cântico das almas. Quando a paciente começa a lagrimejar, gemer e mover a cabeça, todos se calam. O pai-de-umbanda passa-lhe então pela língua,

(1) Por alusão a um crime de morte com semelhante faquinha, é a mesma conhecida pelo primeiro nome da assassina: Ximinha do Balão. Portanto, a faca chama-se «faca da Ximinha».

nove vezes cada operação, a dita faquinha, uma agulha e uma acha em fogo — o pêlo. Se gritar, a indução é falsa.

Verificada a mediuminidade, o pai-de-umbanda interroga a alma. Ela diz quem é, revela a causa de sua morte e declara que deseja legar à paciente a sua ciência e corte de espíritos. Nas adivinhações, ditará ela, a alma.

Etimologicamente, «quimbanda» deriva de «kubanda»: desvendar. É que, nos matos ou campos, aonde vai em busca de plantas medicinais, antes da colheita, oferenda à região e ao solo ⁽¹⁾ — *kutelekela xi ni mavu* — ou uma moeda, ou vinho, ou quitoto-e-maluvo, dizendo: «Antepassados, tributei-vos, vim desvendar remédios».

Se não reverenciar essas entidades, ou não vê o que procura, ainda que abertamente exposto, ou o produto se lhe torna ineficaz.

QUILAMBA

Quilamba é o intérprete das sereias.

Fadado desde nascença por esses seres, possui o privilégio de tratar todos os males ocasionados por eles, tais como: doenças, cóleras do mar, estiagens, infestações de feras. Em caso de cólera, obtém a calmaria; de estiagem, a chuva; de infestação, a expulsão.

A predestinação caracteriza-se por uma anomalia. A que nos citaram, é uma depressão no alto da cabeça. É em consequência duma enfermidade, e isto através de adivinhação de quimbanda, que se aclara o mistério.

O tratamento, reduzido a uma prática litúrgica, só é executado pelo quilamba, mas secundado por um soba, pois os sobas também possuem elevados poderes espirituais. Entretanto, como paliativo, o quimbanda receita-lhe uma fomentação de óleo de palma com pós de determinadas folhas.

Para o rito, o paciente fica deitado no chão, de barriga para cima, junto da porta de entrada. Sobre o peito, o quilamba assenta-lhe o pé direito, e, sobre ele, o soba também assenta o seu. Cada qual, munido duma casca de coco com água, vai recitando uma invocação, sempre na ordem estabelecida. Finda a súplica, derramam a água na sobreposição dos pés. Com a pasta formada pela terra molhada, ambos,

⁽¹⁾ Aqui, região e solo, estão tomados no sentido das divindades que os habitam: região, em vez de quitutas o quiandas; e solo, em vez de calundus, almas e mlondonas.

mas já retirados os pés, besuntam-lhe o corpo. Esta solenidade — *kukambelela* — destina-se a apaziguar a sereia.

Mais tarde, antes de se matrimoniar, oferece-se um festim à sereia que provocou a manifestação — testemunho de amizade pelo afectado. Consoante o local em que essa divindade residir, assim a cerimónia se realiza à beira duma lagoa, dum rio ou do mar.

A oblata, também consagrada por quilamba e soba, compõe-se de variadas iguarias e bebidas, quer europeias, quer africanas. As iguarias ficam servidas em pratos, e as bebidas permanecem nas próprias garrafas, pequenas, mas cheias. É em toalha, estendida numa esteira, que se dispõem os utensílios. Mas tudo novo, em cima duma lage. Esta cerimónia — *kubokela* — tem por objectivo firmar a aliança com a sereia.

Nesta ocasião, o paciente estreará um uniforme, obrigatoriamente usado em actos semelhantes, e, facultativamente, em funerais. Consta de: um pano de zuarte com duas cruces de fita encarnada — uma à frente e outra atrás — o qual envergará em jeito de saia, portanto, atando-o à cintura; uma blusa com idênticos símbolos; e um gorro de mabela — a quijinga — com uma barra preta.

Se, por revelação de sonho, tiver que exercer o sacerdócio, servirá um desses ministros. E tal como o quimbanda, muita coisa lhe é também inspirada em sonho.

Acerca desses predestinados, referiram-nos os seguintes episódios: um quilamba, estando a banhar-se no rio, ter sido atraído pela sereia, e, durante um mês, ter vivido comodamente, debaixo da água, tendo depois, ao cabo desse tempo, surgido sentado num calhau, já fortalecido com os poderes místicos; esse mesmo indivíduo, mais tarde, tendo sido advertido pela sereia de que não deveria receber honorários pelas práticas divinatórias, sentir-se chicoteado invisivelmente, logo após uma transgressão involuntária, e perante os consulentes; um outro, ainda criança, em consequência de não ter sido sujeito à cerimónia obrigatória, ter provocado a ira da sereia, excitando repentinamente as águas da barra, que, na ocasião, atravessava com a família; um outro ainda, também criança — facto este já relatado em «Ecos da Minha Terra» — possuir tamanho dom de inspiração, que, todas as vezes que lhe apetecia, mandava sua avó buscar comida ao rio, a qual, misteriosamente, aparecia servida em pratos, flutuando estes à beira da água.

O seu primeiro casamento obedece a uma formalidade particular: em sítio recôndito e em presença comum, a mulher é primeira-

mente possuída por um confrade, depois pelo soba, por último pelo noivo. Este acto, único para aqueles, impõe sigilo e serve para preservar o ocultista de invalidez. Ordinariamente, não se escolhe donzela para este matrimónio.

Segundo um depoimento fidedigno, uma mulher, que ignorava tal prática, pois constitui segredo, tentou enforçar-se após a surpresa.

Etimologicamente, «quilamba» deriva de «kulambela»: homenagear a sereia.

MULÓJI

Mulóji é o feiticeiro propriamente dito, só se dedicando à prática do mal.

Sua ciência, denominada «uanga», pode ser adquirida de livre vontade ou por coacção.

De livre vontade, o quimbanda dá-lhe uns pauzinhos especiais, com cuja serradura, obtida por friccionamento numa pedra molhada, marcará, todas as noites, ao canto do primeiro galo, a linha dos sobrolhos e fontes — caracterização intitulada «mucasso».

Para aguçamento do sortilégio, terá que enfeitigar um parente próximo, como pai, mãe, o primeiro filho, qualificando-se a vítima de «pito» (1). O feiticeiro começa em sua própria casa — diz um adágio.

Quanto à incidência do pito, vamos relatar o seguinte episódio, ocorrido num lugarejo próximo do Bom Jesus — vila situada a uns sessenta quilómetros de Luanda — há já muitos anos:

Era um casal. Cada qual, no entanto, além dos filhos comuns, possuía outros à parte. Apesar de o homem proceder como os demais varões, a companheira não fazia senão censurá-lo:

— És um parvo! Tu não és homem nem nada! O que os outros homens fazem, não fazes tu! Não prestas mesmo para nada!

— Mas não sou homem porquê? Que fazem os outros homens, que eu não faça? Se eles vão ao rio pescar com a canoa, eu também vou! Se eles lançam a armadilha, eu também lanço! Se eles cultivam, eu também cultivo! Como eles, crio porcos, crio galinhas! Vender, vendo também! Na cama, dormimos os dois! Engravidar comigo, engravidas! Ter filhos, tens! Que têm então os outros homens, que eu não tenho? — Retorquia-lhe o consorte.

(1) De «kupita»: passar.

— Auá! És mesmo um parvo!

Tantas vezes ele ouviu essa injusta verberação, que, um dia, decidiu consultar a assembleia da árvore da pela — a árvore próxima da residência do soba, tanto servindo de parlamento como de recreio.

Como normalmente, lá estava o soba, os macotas, muitos particulares, uns trabalhando em vários misteres, outros em simples ociosidade, mas todos envolvidos na delícia da cavaqueira.

— Vós, macotas, anciões e novos; vós, uns que sois altos, outros baixos, uns gordos, outros magros; vós, que, pelo aspecto, tanto podeis ser meus mais velhos ou meus mais novos, vim pôr uma conversa. Posso falar à minha vontade? — Solicitou ele.

Algumas vozes superiores autorizaram:

— Fala à vontade...

— Vou falar então. Se uma pessoa, constantemente, disser a outra: «Tu não és homem! Tu não prestas para nada! O que os outros fazem, não fazes tu!». Essa conversa, como vem a dar?

— Esta conversa, é para nós todos. Posso responder? — Adiantou-se um da sua idade.

Alguns senhores graves assentiram:

— Podes falar à vontade!

— Essa conversa é entre dois homens, entre duas-mulheres, ou entre homem e mulher?

— É entre homem e mulher.

— E quem é esse homem e essa mulher?

— Esse homem, sou eu; e a mulher, é a minha própria mulher.

— Hela! Isso é conversa para os mais velhos!

— Vamos! Põe a conversa no chão! — Convidou um dos conselheiros do soba.

— Era mesmo isso que eu queria, meu respeitável. Pois, macotas, anciões e novos, altos e baixos, gordos e magros, essa mulher está sempre a dizer-me: «Tu não és homem! Tu não prestas para nada! O que os outros homens fazem, não fazes tu!». Mas eu vou ao rio pescar com a canoa como os outros homens. Pescar com armadilha, também pesco. Cultivar, também cultivo. Criar porcos, galinhas, também crio. Vender, também vendo. Se me saio bem ou mal, isso é coisa que acontece a qualquer homem. Quando me amiguei com ela, eu já tinha filhos, assim como ela também. Na cama, dormimos os dois. Engravidar comigo, engravida. Ter filhos tem. Tudo o que fazem os outros homens, eu também faço. Porque sou

eu parvo então? Que fazem os outros homens, que eu não faça também?

— Ouve! — Sentenciou o macota. — O que tua mulher quer, é que recebas uanga, para ela também receber! — E perscrutando o soba, sempre atento à exposição: — Meu respeitável, falei bem ou não falei bem?

— É assim mesmo que dá a conversa. Vai receber o uanga, que é o que tua mulher quer. — Aprovou o soba.

O homem seguiu o conselho. Em casa, preveniu a companheira que ia fazer uma grande jornada, por isso lhe preparasse um bom farnel. E abalou em demanda dum quimbanda que possuísse poderes para conferir semelhante privilégio.

— O uanga que queres, é de família, por vontade ou porque se obrigaram a isso? Conforme o caso, assim te indico o pito. — Indagou o ocultista.

O homem repetiu a história: «Tu não és homem! Não prestas para nada! O que os outros homens fazem, não fazes tu!». E explicou-lhe o que fazia: pescava com a canoa, com a armadilha, cultivava, fazia filhos...

— Está bem, vou dar-te o uanga. Mas o pito não é o teu filho nascido doutra mulher, nem o filho tido com ela. O pito é a primeira filha dela ou o seu primeiro neto. É para ela saber a dor do uanga.

Concedida a magia, o homem regressou. Mas não revelou nada à consorte.

Dias depois, estando o netinho mais velho a comer caju com outras crianças, uma casca prendeu-se-lhe à garganta. Em consequência, adoeceu e morreu.

A família, no tradicionalismo da usança, tratou de averiguar a causa da morte. E ficou a sabê-la: o enfeitamento do avô por afinidade, através das casquinha do caju.

Reunem-se os parentes em assembleia. O caso é discutido por todos: por familiares da mãe e por familiares do pai. Mas com a presença do avô, que não nega o delito, antes refere quanto sucedera.

— Tem razão! Tem razão! A avó é quem o provocou! — Declaram unânimemente.

O assunto, em si, ficou arrumado. Mas o homem, como não tivesse participado ao seu zumbi de Gana, ou, portuguêsmente, Alma do Senhor — entidade esclarecida no cap. «Iniciação de Xinguilador»

— a decisão tomada no sentido de receber o feitiço, essa mesma alma, em punição do desrespeito, matou-o pouco tempo depois.

— Morri sem ainda ter chegado o meu dia. Como foi por causa dela que recebi o uanga, ela também não fica, também me há-de acompanhar! — Pensou ele no Além.

E a mulher, arrebatada pela sua alma, para o outro mundo se foi sem tardança.

Mas reatemos a nossa explanação:

O seu malefício reside no pensamento. Fechado no seu quarto, agitando uma vareta de ramo de palmeira, ele vai desejando o mal, mas por altura do meio-dia, quando as almas se prestam melhor, e o mal é remetido pela primeira rajada de vento.

Para o fortalecimento espiritual, treina-se de noite, em exercício chamado «bungulamento», que consiste num saracoteio estranho, ora roçando as nádegas na parede da casa onde está a pessoa a embruxar, ora roçando-as no chão, perto da mesma, emitindo uns rouquidos de bode espremendo-se. Pendente da testa, em jeito de máscara, traz um galho de árvore, e, da cintura, outros quatro — um à frente, outro atrás, e os outros dois nas ilhargas. Para distinguir as almas, pinta o rosto, sobretudo na linha dos sobrolhos. Acompanha-se dum pinto ou gatinho, e, na marcha, faz soar um tambor. «Ando de noite: sou parvo?» — Vai exclamando.

Quando mata alguém, para que a alma o não persiga, nongõna o cadáver, isto é, despoja-lhe um bocado de cabelo e de unha, que queima e reduz a pó, para as suas bruxarias. Se isto não puder ser feito na ocasião do óbito, desenterra o morto, mágicamente, segundo o povo.

Ninguém pode recorrer aos seus préstimos na arte de matar. Só ao quimbanda se pode pedir tal. Para o feiticeiro, usa-se um ardil: gabar constantemente a vida de quem se quer prejudicar. E o feiticeiro, invejoso por natureza, acaba por o maleficiar.

Por coação, consideram-se duas particularidades: ou se recebe o sortilégio por contínuas enfermidades, morte de filhos, ou sobrenaturalmente em sonho. Em qualquer dos casos, o mal resulta de antepassado que exerceu o feiticismo.

No primeiro, adivinhada a causa, o quimbanda declara que, para a extinção da doença ou mortalidade, o remédio é aceitar o legado. A iniciação não diverge da seguida por espontaneidade.

Em sonho, também a alma dum parente que praticara o feiticismo, entrega ao eleito os aludidos pauzinhos, recomendando-lhe que

os friccione numa pedra, para, com a serradura, ao sinal nocturno do primeiro galo, esfregar a região do crânio já referida. Igualmente lhe recomenda que arranje um pinto e um gatinho recém-nascidos, os quais, reduzidos a cinza, servirão de resguardo e clarividência.

Conforme as circunstâncias — saída, dormida, etc. — assim se faz na linha da nuca, sobrolhos, cabelo. O uanga, assim transmitido, chama-se de «huto», ou seja, de família.

Quem não desejar esse legado, pode repudiá-lo através dum quimbanda.

Etimològicamente, «mulôji» provém de «mukuá» (pertencente a, relativo a) + «uloji» (feitçaria).

MUCUA-BAMBA

O *mucua-bamba*, portugûesmente qualificado de «homem do chicote», é o fiscal dos feiticeiros, que persegue e pune. Seu poder, consequentemente, suplanta o destes.

O ministério é desempenhado, como nos outros, ou por voluntariedade, ou por revelação, quer em sonho, quer por doença. Portanto, o poder é-lhe conferido, conforme as circunstâncias, por quimbanda ou por alma de antepassado que tivesse exercido esse sacerdócio. A virtude sobrenatural reside num bastão e em duas bolinhas com pós — apetrechos que usa quando na sua ronda.

O bastão — *bamba* — mede cerca de um metro e é pintado a óleo de palma com tacula e revestido com tiras de pano, mas com espaços alternados sem nada. A cada tira estão pregadas três *jimbambas*, dispostas em triângulo, contendo os cantos uma bolinha com pó de plantas sepulcrais.

Quando, de noite, vai à cata dos feiticeiros, ou de livre vontade, ou a mandado de alguém, sai munido do seu bastão. À saída de casa, posta-se à porta, de braços estendidos, durante uns momentos. Depois, introduz debaixo da língua uma bolinha — o *banze* — e sai finalmente, sem olhar para trás, levando na mão esquerda a outra bolinha, e na direita, o bastão. Quando desconfia de feiticeiro, faz com a bolinha da mão um risco na região dos sobrolhos. Se for, descobre-o logo, e esse indivíduo, como que hipnotizado, estaca.

Para o homem do chicote o obrigar a denunciar-se, toca-lhe com o pau. Se ele se metamorfosear em pedra, água, bicho, etc., o homem do chicote faz sempre a tal risca na testa, sempre lhe

tocando ⁽¹⁾ com o bastão. E isto até o feiticeiro readquirir a forma humana e se declarar vencido pela postura das mãos em súplica.

Para o homem do chicote o não acusar ao povo, o feiticeiro, sempre por sinais, compromete-se a pagar-lhe dinheiro, ou um animal, como cabra, porco e até boi, conforme as suas posses. E então diz quem é e quem pretende maleficiar.

Para evitar suspeitas, a paga é remetida em nome dum compadre. Mas só o homem do chicote a pode utilizar em seu proveito. E guardará sigilo.

Se o homem do chicote for exigente na punição, o feiticeiro faz-lhe o sinal de morte. O homem do chicote também pode não aceitar nada, caso queira que o povo o veja. Então, não lhe levanta a suspensão e o feiticeiro permanece no mesmo sítio. Mas não pode repetir a proeza três vezes, senão os feiticeiros se coligam, e, com o poder de todos, o matam.

Com a continuidade, o homem do chicote acaba em feiticeiro. Então, o povo comenta: «F. já não está a bater.»

Da expressão «mucuí-bamba», nasceu estoutra: «homem do chicote».

Destes quatro sacerdotes, o mais poderoso é o quimbanda. Suas atribuições não se limitam a adivinhar e curar: também se alargam ao domínio de conferir privilégios.

(1) Segundo um outro informante, o homem do chicote não toca, mas bate, não com o bastão, mas com um chicote de cavalo marinho.

INICIAÇÃO DE XINGUILADOR (mikulomb)

Dissaquela é uma sessão de espíritos, ou para sua adopção, ou para aliança, ou para propiciação. A sua efectuação, manifestada através de rebelde enfermidade, pode ser motivada: pelos guias tutelares — dissaquela de «cazola» ou da afeição; por alma de parente que fora médio, ou por alma de vítima de crime, originalmente designada por «mucua-quitúxi» — dissaquela de «muíji» ou da geração; e por alma de parente que se dedicara à compra e venda de escravos, ou, simplesmente, ao negócio com o gentio — dissaquela de «guênji» ou de forasteiro.

Deriva de «kusakela»: adivinhar.

Dicanga-dos-espíritos é o terreiro onde se executa uma dissaquela.

Deriva de «kanga»: fora.

Xinguilador é médio. A mediuminidade adquire-se, ou por eleição de alma simpatizante — **mukulu** — ou por imposição de alma de família — **ia muíji** — ou ainda por imposição de alma de vingador de crime — **ia mukua-Kitucci**.

O aportuguesamento procede de «xingile».

Pêlo é o reagente da possessão, e, nalguns casos, também prova.

Deriva de «kupepelela»: abanar, avivar.

Dilombe é santuário. Pode ser de calundus ou de malungas, estas também denominadas «santos».

Se for dedicado a calundus, é lá que o xinguilador arrecada os seus apetrechos, bem como também onde xinguila. Portanto, onde o quimbanda realiza as práticas divinatórias e consequentes tratamentos aos pacientes. A sua posse resulta, ou de tradição de família, ou de solicitação das respectivas divindades. Assim, nem todos os xinguiladores o possuem. Muquita de Suco é a sua padroeira, pois é a divindade que lá pernoita.

Xinguilador
de eleição
sucessor
hereditário

20/12/1975
13

Se for dedicado às malungas, nada de mal cheiroso deve lá permanecer. A sua existência provém de desejo formulado por elas. No dia seguinte ao da construção, posta uma mesa com comidas e bebidas, comparecem doze santos a banquetear-se.

A construção de qualquer dos dilombes executa-se num só dia, podendo os acabamentos ficar para depois. Constitui uma divisão à parte. Neles, além dos utensílios peculiares ao culto, guardam os sacerdotes o negócio relativo às mesmas divindades, cujos proventos se aplicam de harmonia com as instruções por elas determinadas: ou para auxílio do cultuante, ou para aquisição de artigos privativos ao ministério.

De quando em quando, devem eles lá dormir, mas sem a consorte, ou vice-versa, e, quando vindos de longe, também os consulentes. Pela lua-nova, devem aromatizá-los com incenso ou qualquer outra erva de cheiro.

Deriva de «kulomba»: toldar.

Para xinguilar, existem duas espécies de iniciação: a motivada por eleição de muçulo, e a por inflicção, ou dos guias tutelares, ou de alma de família, ou de alma de vítima de crime. No primeiro caso, qualifica-se de «abrir a cabeça» — *kujukula o mütue*; e no segundo, de «quebrar o espírito» — *kubula o kilundu*. —

Tratando-se de muçulo, a cerimónia é simples, idêntica à da revelação de quimbandismo por actuação, já atrás referida.

Nas outras três circunstâncias — coacção dos guias tutelares, de alma de família e de alma de vítima de crime — o ritual é complicado.

Determinado, por adivinhação, o desejo de as divindades quererem «vir ou subir à cabeça», o pai-de-umbanda ⁽¹⁾ prepara o penhor da efectivação da dissaquela, isto enquanto a mesma se não realiza, pois, em virtude do seu elevado dispêndio, que pode atingir a cifra de cinco a dez contos, conforme a quantidade dos pacientes, os interessados terão que amealhar os fundos necessários. Esse penhor é representado pelos mazacos.

Para os mazacos, a família apanha um pouco de lixo nas proximidades dum estabelecimento de grande movimento e nas dum mercado, e, noutra lugar qualquer, uma rodilha de carregador. En-

(1) As mulheres também podem dirigir estes rituais. Mas evitam trabalhar com os homens, pois eles, muitas vezes, para as inferiorizarem, prejudicam a sessão com qualquer sortilégio.

tregue o achado ao ocultista, ele, depois de reservar uma parte para a feitura duns paramenteos chamados zembas, só preparados no final da iniciação, soca-o num pilão, juntamente com pepes, sobongos,abela e tacula manipulada — *ula ia ngeji*.

Peneirada a composição, deita-a num balaio novo, misticamente assinalado com cruces a pemba e ucusso, sobrepondo-lhe depois os pêlos. Assim recheada, a vasilha é exposta ao sol, durante um dia. O pó é repartido em oito retalhos de pano cru, onde, em cada um, também deposita uma moeda.

Atados isoladamente, são defumados com alecrim, incenso e pastilha aromática, mas dentro do balaio, agora com quatro copos, contendo, cada um, um bocado de pemba, um crucifixo e uma moeda. Os copos, consagrados a **Cazola — grupo de divindades protectoras por afeição — chamam-se de «Cazola»**. Destinam-se, como se verá no cap. «Cerimonialismo do Xinguilador», a atrair as graças dessas mesmas divindades.

No quarto do pai-de-umbanda, portanto em dia aprazado, ele, ao som de chocalhada de dicanza, impõe ao pescoço de cada familiar uma missanga branca — insígnia do Gombo de Cazola. E então entrega ao mais velho, como representando o cabeça do cerimonial, o obrigatório penhor para com as divindades — o balaio com os atados e copos, ou seja, os mazacos. E é nesses atados e copos, quais cofres sagrados, que se arrecadam as economias.

Obtida a quantia precisa para a dissaquela — honorários (uns 2.500\$00), aprestos (uns 800\$00), mesa permanente para todos os participantes e assistentes (um montante superior a 2.000\$00, conforme o número de cabeças) — marca-se a data da sua efectuação, adquirindo-se a tempo os utensílios, ingredientes e alimentos básicos.

Como preparativos da actuação — acto designado por «incendiar ⁽¹⁾ a dissaquela da geração», ou, vernaculamente, por «kuikila o muiji» — o pai-de-umbanda aprontará, em sua casa, os xicos, a panela-dos-espíritos — *imbia-ia-humbi-ia-ilundu* — a fogueira-dos-espíritos — *musonga-ua-ilundu* — e os poisos das pacientes — *ndandu*.

Os xicos — instrumentos místicos de segurança — são dois: um à entrada da porta, para destruir qualquer mau olhado; e outro, no meio do quintal, para segurar o êxito da sessão, anulando qualquer

(1) Incendiar, porque semelhantes preparativos servem para anular qualquer maléfico eventual ou desobstruir qualquer embaraço místico.

malefício que porventura se faça, por vezes até contra a vida do próprio oficiante.

Para o xico da entrada, o pai-de-umbanda traça no chão uma cruz a pomba e outra a ocusso. No lugar assinalado, abre um buraco, e, vertendo-lhe nove doses ⁽¹⁾ de quitoto-e-maluvo, invoca:

— Ocultistas do Além, ajudai-me! Se recebi de verdade o umbanda, o serviço saia certo! Se o não recebi com o meu dinheiro, a doença me condene! — E disparatando os seus mestres, mesmo falecidos ⁽²⁾: — Ide para o pai que vos fez, ide para a mãe que vos fez ⁽³⁾! Se vos disparatei, foi pelo ofício e não pela confiança! Portanto, ajudai-me também!

Depois, deita na cova fragmentos de pena de andua, de garça, de crina de elefante, de sebo de caça, de diximane, de dixima, de dibo, uma escama de pangolim, sendo um fragmento de cada peça. Sobre esses fragmentos, acondiciona nove rodilhas de musséquenha, assentando um borgau, mas verticalmente, na última camada. Por fim, despeja mel, quitoto-e-maluvo, e um ou dois litros de vinho comum ⁽⁴⁾, tapando-se depois a escavação.

Para o xico do quintal, executado no meio do terreno, procede semelhantemente, mas com o primeiro ovo duma galinha.

Para a panela-dos-espíritos, destinada a «levantar os espíritos debaixo da terra», mas com a interferência dos oito bisavós — quatro paternos e quatro maternos — deita, numa panela de barro, depois de circundada com um cordão de retalhos de baeta encarnada, baeta azul e pano cru, um pedaço de pena de andua, de garça, de sebo

⁽¹⁾ As operações místicas são sempre iniciadas com uma contagem oral. Conforme a gravidade do acto, assim é o número: quatro, cinco, nove, ou mesmo os três em repetição inicial.

Uma ocultista, inquirida sobre o assunto, informou-nos que ela dependia de preceitos, talvez mesmo dum corpo de mandamentos. Como o esclarecimento foi prestado sob hesitação, inclinamo-nos a considerar a dita numeração como efeito dum jogo de palavras.

Exemplificando: com quatro — uana — diz-se: «Nganga j'nuane!». (O ocultista dividiu-as!). Quer dizer: separou a doença para um lado, a saúde para o outro.

Com cinco — tanu — profere-se: «Ngatana!» (Hel-de-me sair bem!).

Com nove — vuá — invoca-se: «Ng'fvile, ngana Nganji!». (Ouça-me, senhor F!).

Das três contagens simples, a de nove é que se usa em actos mais melindrosos. E as três conjuntamente, nos de maior importância ainda.

⁽²⁾ A invocação aos extintos e aos mestres, designada por «pembele», é usada no começo de qualquer serviço ou negócio, com o fim de se sair bem dele.

Sobre invocações de negócios, vamos apresentar a seguinte, proferida por uma peixeira: «Ó entes do Além, assisti-me! O que foi com dinheiro, venha com dinheiro!».

Uma companheira dirigiu assim o seu rogo: «Ó entes do cemitério!».

⁽³⁾ Kaxina ka tat'enu, kaxina ka mam'enu!

⁽⁴⁾ Antigamente, também se deitava vinho abafado e do Porto.

quitoto - ... de ... de ...

58

dibo - ...

... semente do mukimane e ...

dibo - ...

de caça, de crina de elefante, de saco-saco, uma escama de pangolim, galhos entrelaçados por si próprios ⁽¹⁾, laços de mateba, uma moquinha, quitoto-e-maluvo, vinho abafado e tinto, rogando no preliminar assinalamento das cruces a pamba e ucusso, feitas no interior da vasilha:

— Vós, antepassados, vinde, hoje é o dia da vossa chamada! Está aqui a vossa dicanga! — E injuria os seus mestres.

Espetando no chão um pau trifurcado, assenta nele a panela. Em seguida, dependura da borda, mas exteriormente, uma machadinha. As garrafas das bebidas permanecerão ao lado.

Para a fogueira-dos-espíritos, onde as iniciandas, em arremesso de determinadas divindades, se movimentarão indemne — testemunho de autenticidade da possessão — e também donde sairá a acha para o pêlo das almas, o sacerdote, ou o cabanda, caso o possua ⁽²⁾, num lugar central, também marcado com as referidas cruces, junta lenha, tripartidamente ⁽³⁾, como que disposta para trempe.

Para os poisos, efectuadas no chão as obrigatórias cruces, o pai-de-umbanda mastiga um pouco de tacula manipulada e de dicudila. Com a saliva, esparge, mas pelo avesso, os cantos e centro dos luandos e esteiras em que se sentarão as pacientes ⁽⁴⁾ — umas do ramo paterno e outras do materno ⁽⁵⁾ — Cada esteira fica sobreposta a um luando, e os assentos assim constituídos, unidos uns aos outros, chamam-se «dando» ⁽⁶⁾.

Ao começar a dissaquela, o pai-de-umbanda, para eliminar qualquer bruxaria, lava as noviças com o líquido contido na panela.

⁽¹⁾ Estes galhos, bem como a moquinha, ficam verticalmente.

⁽²⁾ Nestas sessões, o ocultista, se não possuir aprendiz, arranja alguém que o auxilie, geralmente um «afilhado» seu, ou seja, quem já se serviu dos seus préstimos, quer em tratamento, quer em ritual.

⁽³⁾ No interior de Luanda, a lenha é sobreposta uniformemente.

⁽⁴⁾ Como já ficou dito, as mulheres é que são mais induzidas. Supomos que esta particularidade se deve ao facto de as mulheres possuírem melhor capacidade mediúmica. Pensamos assim, porque, em magia ofensiva, o seu poder — o uanga — é mais forte que o do homem.

Entretanto, segundo algumas informantes, a causa reside em a sua crença ser maior; e, segundo outras, em recair sobre elas o encargo da maternidade, com todo o peso da herança mística.

⁽⁵⁾ Outros ocultistas, principalmente no mato de Luanda, só sujeitam à iniciação os indivíduos do ramo donde procedeu a manifestação. Mais tarde, se, por «despeito» das divindades do outro ramo, surgirem novas doenças, outra dissaquela se realiza com os indivíduos desse ramo.

Embora leigos no assunto, achamos mais razoável o processo da simultaneidade dos dois ramos: é que, dum cajadada, solucionam-se dois problemas.

⁽⁶⁾ «Ndando» significa «família, parente». Este poiso é assim designado, por nele se sentarem somente indivíduos da mesma família.

Para tal, passa-lhes pelo corpo, nove vezes, de alto a baixo, mesmo sobre as vestes, as mãos molhadas do preparado místico. Em seguida, caracteriza-as: primeiro, esfrega-lhes com pemba a testa e faces; depois, comucusso, traça-lhes três riscos — um da raiz do nariz ao cabelo, e, de cada ângulo do olho à orelha, mais um. Esta operação é efectuada, não parcialmente, mas completamente em cada paciente.

Terminada a caracterização, fá-las sentar no *dando*, uma por seu turno: segurando a paciente pela mão, manda-a tornear à sua volta, nove vezes oralmente, e, segurando-a depois pelos ombros, para baixo e para cima, também nove vezes sonoras, a obriga a baixar-se e a levantar-se, até que, à nona flexão, a pouza definitivamente.

— Ouvi-me, ocultistas do Além, vós é que estais a fazer este serviço, e não eu! Portanto, ajudai-me! — E injuria com palavrões os seus mestres. Mas logo se desculpa: — Se vos disparetei, foi pelo officio e não pela confiança! Portanto, ajudai-me também! — Irradia no final do assentamento da primeira paciente.

Dum atado guardado na sua samba, ou pasta em português, extrai um defumadouro, composto de alecrim, incenso, capim de nove encruzilhadas com serventia e capim doutras tantas abandonadas para trânsito, qualificadas de «encruzilhadas mortas» — defumadouro esse já reduzido a pó. Lançando uma pitada numas brasas depositadas numa latinha, que coloca em frente das iniciandas, promove, com a defumação, a atracção das divindades. Tratando-se de almas, o defumadouro conterà também alfazema.

Também à frente delas, jazerá o dicosso-dos-espíritos — composição de água, vinho, quitoto-e-maluvo e folhas fragmentadas de diololo e de ditumbate ⁽¹⁾ — produto este contido num prato novo, assinalado com as ditas cruces. Este preparado serve para abrandar as possessões, sobretudo nas de divindades bravas. Para o efeito, o auxiliar, à medida que cada entidade vai «subindo» à cabeça, sorve um pouco do líquido, e, num bochecho, esparge-o para o rosto da possessa — operação que também repete no oficiante, a fim de evitar que ele também caia em indução. Além dessa utilidade, o dicosso-dos-espíritos também serve para as pacientes beberem após a aplicação do pêlo.

Para eficácia da actuação, impõe-se, durante o noviciado, comer e beber sóbriamente. Os alimentos devem ser secos, sem molho ou

⁽¹⁾ Em possessão de Gombo, ainda se adicionam folhas pulverizadas de guba-láfua.

caldo, como peixe assado, mandioca, batata doce, jinguba. E, mais que essas restrições, deve-se guardar absoluta continência.

Para a recuperação do direito sexual, só permitida no final da iniciação, o indivíduo em questão — homem ou mulher — tem que adquirir ao pai-de-umbanda um feixe de pauzinhos atados com uma corda enodada com cinco nós, resultantes da fragmentação duma acha da fogueira-dos-espíritos, a qual, por constituir sobra litúrgica, assume agora a denominação de «pau de quipáulo». Pela sua virtude mística, pode custar uns 50\$00. Então, no seu quarto, o interessado queima o dito feixe, e, juntamente com o seu par, com ele se defuma. Com um pó de determinadas folhas, mas sem a inclusão do consorte, caracteriza a cintura e a região superior do crânio, duma orelha à outra, e na dormida — colchão ou esteira — traça uma cruz.

Quem não observar a continência e a formalidade do seu rompimento, as divindades, por «ciúme», abandonam-no e perseguem-no com novas enfermidades e azares. A este abandono, diz-se «deitar fora os calundus». Então, deverá fazer nova chamada noutra ritual, embora sem a longuidão anterior.

Se a noviça ainda for donzela, também cumprirá, antes de se matrimoniar, a norma imposta. E no caso de um marido, em consequência de pertencer a uma outra esfera, não se sujeitar à defumação, basta o carácter assinalado na dormida.

A assistência, acomodada em luandos, encostados uns aos outros, ao som dum instrumental ⁽¹⁾ — goma, dicanza, e chocalho de cabaça tratando-se de Gombo — colocado na retaguarda das pacientes, entoa, conforme a divindade, o cântico apropriado, o qual, segundo o seu gosto ocasional, pode ser mudado para outros, duas e mais vezes.

No caso de não comparecer nenhuma entidade, o celebrante, para desobstruir o embaraço, extrai da panela-dos-espíritos tantos galhos entrelaçados, quantas as pacientes. Com um deles, circunda a cabeça de cada uma, e, desenrolando-o, atira-o para o chão, um filamento para a direita, outro para a esquerda, sempre assim na sucessão das figurantes. Reacendendo o defumadouro, passeia com ele de volta do grupo.

(1) Segundo o Prof. Dr. René Ribeiro, em «Cultos Afro-Brasileiros do Recife», os instrumentos utilizados nas liturgias, não podem ser emprestados para fins diferentes, nem mesmo a outra casa congénere. Aqui, não se observa esse rigor. No entanto, as sacerdotizas a quem também recorreremos, igualmente os não emprestam, no receio de qualquer malfício por parte da criatura obsequiada.

Sobre o emprego dos instrumentos, no interior de Luanda, para efeito de indução de almas, só se emprega o chocalho de cabaça.

Quando a divindade, como que em hesitação, vem e vai, o oficiante, para a fixar, tira da citada panela um dos referidos galhos e um laço de mateba. Com eles, tornea a cabeça da paciente, e, concluído o volteio, desenlaça a mateba, que arremessa para o chão, repondo o galho na panela. Utilizando o defumadouro, procede como no lance anterior.

Se uma espectadora que nunca xinguilou, for acometida, o pai-de-umbanda, a fim de recambiar o espírito, sorve um pouco de dicosso, borrija-lho para a cabeça, e, dando-lhe uma palmadinha também na cabeça, irradia:

— Volta, espera pela sua dicanga.

E a actuada retira-se da sessão (1).

As miondonas e calundus constituem-se em «pedras» ou secções. Mas é só na iniciação de xinguilador que assim se apresentam.

Independentemente do respectivo agrupamento, cada divindade, exceptuando um número reduzido, que o é singularmente, ainda se organiza numa série duma infinidade de entidades afins, todas intituladas com a mesma designação, posto que cada qual possua o seu nome particular. Do mesmo modo que, dentro do título de «governador», cabem muito titulares — isto segundo a definição duma informante nossa — assim acontece com as divindades. Por exemplo: Capita. Com este, existe, não um único ser, mas muitíssimos.

Acerca do unitarismo, existem divergências. Segundo o deus Mavítia Bongo, então em possessão na informante destes esclarecimentos, aliás ocultista renomada, Mutacalombo, por exemplo, é uma divindade única. Outras informantes, porém, refutaram tal concepção, alegando que, no interior de Luanda, quando um jacaré arrebatava alguém, para que ele abandone a presa, a família recorre à intervenção dessa divindade, pois o jacaré, para Mutacalombo — deus dos animais aquáticos — é um cão seu. E então Mutacalombo, havendo na ocasião sacerdotizas suas, «subirá», não apenas a uma, mas simultaneamente a todas — evidente testemunho de sua pluralidade.

As divindades podem provir duma das três vias: «cazola» ou afeição, «muiji» ou geração e «quitúxi» ou crime. São de «cazola» ou da afeição, quando nascem connosco; de «muiji» ou da geração, quando figuraram na corte espiritual que actuou nos nossos avós;

(1) No interior de Luanda, depois de acordo entre a família da actuada e o celebrante, é a mesma «apanhada». Quer dizer: submetida ao ritual. Mas senta-se em lugar à parte, bem como à parte, ou antes, já promovida por si ou pelos seus, a conclusão do noviciado.

e de «quitúxi» ou do crime, quando um antepassado assassinou alguém que xinguilava essa entidade. Assim, só se sofre a indução das entidades pertencentes a uma das citadas vias.

Em dissaquela, as divindades «sobem» metódicamente, sempre na mesma sucessão. E para que se mantenha a ordem, o sacerdote, para desviar um espírito que se antecipa, procede como no caso de possessão inoportuna, pedindo ao dito espírito que espere a sua vez. Entretanto, fora de iniciação, qualquer entidade pode actuar indeterminadamente.

«Pedra» de Calombo, relativa à nossa procriação, formada pelas **miondonas**:

Lemba, Gongga, Dembo ou Mufúlame.

Lemba — Deusa da procriação.

Pode ser de Calombo e de Hânhi, esta também chamada de Guima. No princípio da indução, geme, vertendo abundantes lágrimas, e arrasta-se sobre as nádegas.

Em nascimento de criança, a Lemba de Calombo pode revelar-se de vários modos: em ambos os sexos — por um encaroçamento nos mamilos, mas com produção de leite, ou por um semicerramento dos órgãos sexuais; só em raparigas — por um corrimento, por um prurido nos órgãos genitais, por uma excrescência linguiforme na parte postero-inferior da natureza, daí se dizendo que «nasceu parte homem, parte mulher», ou ainda por uma redução da bacia.

Para combater o mal, oferta-se a divindade com um festim, primeiro na infância, depois em vésperas de matrimónio, respeitando a segunda oblata só à mulher. Quem assim não fizer, não procria.

Mais tarde, mas só a mulher, ao consorciar-se, tem que receber do noivo, para alembamento dessa deusa, um metro de pano cru, denominado «lengol», que ela usará em novo cerimonial dedicado à mesma entidade — facto já descrito em «Uanga».

A Lemba de Hânhi ou Guima manifesta-se por uma insuficiência no crescimento. Sendo mulher, não lhe aparece o cataménio nem os seios; e sendo homem, não se verificam os fenómenos da adolescência. E rapaz e rapariga desenvolvem-se esguiamente, numa aversão pelo indivíduo contrário. Sob a influência dessa divindade, também não se procria, se não se cumprir o ritual para debelar o mal. Mas, em qualquer dos casos, observa-se um tratamento medicinal, descrito no cap. «Ritos Diversos».

Gonga — Deusa da felicidade.

Manifesta-se com os punhos cerrados, mantendo os braços dobrados, juntos ao peito, com o dorso das mãos para baixo.

Fora de actuação, esta divindade pode revelar-se através duma das seguintes anormalidades: pés tortos que não assentam sobre a planta, um seio grande, seis dedos ou dois bastante unidos, um quisto, malhas brancas, cabelos brancos — umas congénitas, outras sobrevivendo ao nascimento. No primeiro caso, o mal é incurável; e no segundo, tratável.

Dembo ou Mufílame — Auxiliar de Lemba.

«Pedra» de Cazola ou da Afeição:

Santo de Cazola, Cangundo, Engenheiro, Escrivão, Meirinho, Hernioso, Porteiro, Ladrão, Cega, Bêbeda, Muda, Senhora do Santo, Francisco, Cafula, Banguela, Gonga do Puto (pertencente ao Santo de Cazola), Sereia, Dembo do Congo, Mutanjínji, Culumanos.

Os cinco primeiros são espíritos que pertenceram a indivíduos da raça branca, e os restantes, à negra.

Santo de Cazola — Deus da afeição.

É de requintado trato. Fala em português, dependendo a correcção do grau de civilização da xinguiladora, e só gosta de charuto ou cigarro fino, excelente bebida, gemada e perfume. Para tal, coloca-se uma mesa com toalha branca, onde se dispõem os artigos de sua predilecção, e, na devida altura, defuma-se o ambiente com incenso. Apresenta-se de branco e só se senta em cadeira (1).

Em consequência desse requinte, quando alguém sente um cheiro aromatizado, mas não vendo ninguém, diz-se que é o «Senhor Santo que passou».

Deriva de «kuzola»: gostar.

Cangundo — Branco ordinário.

Em actuação, passeia, mostrando escrever com o dedo na palma da mão.

Engenheiro — Depois de pedir uma corda, que segura numa ponta, e um assistente na outra, vai medindo o chão, dizendo a metragem.

Escrivão — Passeia gingando, de mãos nas algibeiras. Depois, senta-se à mesa, mostrando escrever.

(1) O possesso representa a divindade. Portanto, é através dele que se executam os seus actos.

Meirinho — Anda dum lado para o outro, com um papel na mão.

Hernioso — Surge a lamentar-se do seu estado, mostrando segurar o sexo: «Aiué, a minha hérnia!».

Se a possessão incidir numa mulher, ela, para figurar homem, arregaça as vestes, entalando-as entre as pernas, e executa o mesmo gesto do homem.

Porteiro — Posta-se a uma porta.

Ladrão — Sempre de olho alerta, não faz senão roubar o que encontra à mão, ocultando os objectos na roupa.

Cega — Referimo-nos à de nome Luzia, pertencente à raça negra. É malcriada. Muxoxa por tudo e por nada e insulta quem a interpela.

De quando em quando, grita pela guia, de nome Calumba. Como não lhe aparece, vomita injúrias, alegando que a guia fora para a vadiagem. E na fúria, tacteia o chão, à procura do bordão, para lhe bater.

Quando se acalma, canta bonitas canções, mas sem as completar. E então, saracoteiando-se, lembra-se dos seus ditosos tempos.

Bêbeda — Só pede vinho, cambaleando no peditório.

Muda — Manifesta-se por gestos.

Senhora do Santo — Uma delas — a Mariquinhas — pertenceu à raça negra. Gaba-se de sua beleza e de sua condição de mulher dum senhor.

Francisco — Na sua qualidade de criado, pede os utensílios para pôr a mesa.

Cafula — Antiga mulher nojenta.

Só pretende comer porcaria, como fezes, escarros, ranho — imundícies que pede com tristeza e a coçar-se.

Deriva de «kufula»: ser saboroso.

Banguela — De moca na mão e machadinha à cintura, pula e dança, cantando.

Gonga do Puto (Gonga de Portugal) — Também se manifesta com a Gonga africana, da «pedra» de Calombo.

Sereia — Não fala. A possessa fica sentada, ostentando na cabeça um turbante com quatro jimbambas na testa, dispostas em cruz.

Dembo do Congo — Antiga mulher respeitável.

A possessa também se conserva sentada.

Mutanjinji — Deusa dos animais terrestres.

É mulher de Mutacalombo, e única com esse nome.

Culumanos — Antigos marinheiros da Serra Leoa.

São serviçais do Santo de Cazola. Pedem ovo, que chupam, e cerveja. Cantam, dando socos no seu próprio peito:

Kamon, yes!
Kamon, yes!

Deriva de «Ukulu» (antigo) + «man» (homem, em inglês).

«Pedra» de Gombo, subordinada a Santo de Cazola:

Gombo, Diculo de Gombo, Guênji de Gombo, Uii, Dinhangá, Banguela de Gombo, Bango, D. Manuel de Gombo.

Gombo — Deus da verdade.

É único e oriundo do Congo Belga.

Para actuar, a xinguiladora caracteriza-se de riscas brancas, pretas e encarnadas. E, ao pescoço, ostenta um cordão de missangas, variando as cores e tamanho consoante a procedência da divindade. (V. cap. «Cerimonialismo do Xinguilador»).

Diculo de Gombo — Antigo meio ancião — homem ou mulher — que foi sacerdote de Gombo, ou seja, que xinguilou essa divindade.

Guênji de Gombo — Antigo negociante forasteiro que cultuou Gombo.

Em possessão, move-se dum lado para outro, ou com uma muhamba — artefacto gentílico para condução de carga — que traz ao ombro, ou, na falta, duma vara, gritando: «Sou forasteiro de respeito, o andarilho anda por muitos caminhos, e o forasteiro come da sua muhamba!».

Uii — Deus da caça.

Para favorecimento de sua graça, esta entidade, outrora caçador, é bastante cultuada, numa sucessão de família, pelos grandes profissionais da caça, pois tal arte, em regra, é seguida por tradição. Em face de semelhante culto, a divindade proporciona ao caçador muitas peças, e, por vezes, em actuação na floresta, leva-o a abater o seu semelhante, aproveitando então o caçador, para fins místicos, o coração da vítima, que, depois de seco, vende clandestinamente.

Em consequência do crime, a divindade, após a morte do caçador, vem perturbar a paz da sua família, quer induzindo-os ao roubo, quer arrastando-os à prostituição, matando-os depois um a um, vertendo os acometidos, no dia do falecimento, como que

em resgate do sangue humano provocado pelo caçador, sangue pelo nariz.

Porque procede assim a divindade? Porque, no Além, ajustadas as contas entre criminoso e vítimas, aquele, para reparar o mal — facto este que sempre ocorre em tais emergências — autoriza o agravado ou agravados a exterminar os seus. Mas, dada a particularidade da cumplicidade, a divindade também coadjuva na vingança.

Para cessação do desagravo, conseqüentemente dos danos, efectuam-se, mediante quimbanda, ritos propiciatórios.

Dinhanga — Antigo caçador.

No terreno exercício de sua profissão — a caça — não a caça por espontaneidade, mas a caça por tradição, seguida de pais a filhos, essas entidades, para bom desempenho de sua função, cultuam **Üii — o deus da caça** — acima enunciado. Mas essa divindade não age indiferentemente em qualquer caçador, antes, como que pertença exclusiva, no chefe de família. E só por sua morte, qual herança material, se transmite ao filho.

Assim, quando saem a caçar, não se apresentam vulgarmente, antes se paramentam ritualmente. Então, com um torrão de argila vermelha, especificamente denominada «hundo», caracterizam, com uma risca, a região, dos sobrolhos, duma fonte à outra, e, com outra, mas vertical, do cabelo à raiz do nariz. E na cabeça, colocam o *muhengue* — toucado de pele dorsal de Palanca, formado de um aro com aplicações de quatro caudas pendentes, mas a parte mais fina, sendo: uma, à frente, na união do aro, rematada em bico; outra, em cada lado; e outra, atrás.

No favorecimento do seu deus, as reses surgem-lhes fartamente. Mas, outras vezes, esse mesmo deus, agindo directamente em sua cabeça, pelo que lhes perturba a razão, leva-os a abater o seu próprio semelhante. Então, quando tal ocorre, sua arma é litúrgicamente «lavada» pelo quimbanda, e o caçador, como que guardando dó, nove dias fica inactivo em sua arte.

Para que a alma da vítima não persiga o seu matador, o caçador comporta-se do seguinte modo: se a vítima for mulher, possui-a antes de a liquidar; e se for homem, amputa-lhe o pénis, mas após a consumação, e entala-lho no nariz.

Dada a singularidade de tal arte, o falecimento do caçador constitui um acontecimento extraordinário. Logo que ele expira, colegas seus, depois de prevenirem a vizinhança para que não se afastem para longe, embrenham-se na selva e liquidam a primeira

pessoa que se lhes deparar ⁽¹⁾ — homem ou mulher, novo ou velho — em holocausto das almas das vítimas do extinto. E no sangue borbulhante, a fim de lhes «darem de beber», embebem as suas zembas e as do extinto.

Em casa, no entanto, o cadáver do caçador é sentado numa cadeira de braços, de bordão ou de madeira — o dilongo — exposta num recinto com toldo — o quizembe. Tal como em vida, o extinto figura com as caracterizações rituais, o competente toucado e utensílios da caça — a machadinha, que repousa no colo, e a espingarda, que permanec encostada à parede. A fim de «dar a dua», ou seja, de expelir um pouco de sangue pelo nariz, tem, nas narinas, um pouco de algodão.

Para que tal se efectue, vários xinguiladores, idênticamente caracterizados e paramentados, ao ritmo de chocalhada de dicanza ou mesmo duma lata, sofrem sucessivas induções, mormente das dos Dinhangas. E em prece para o mesmo fim, o ocultista, em sacudidos movimentos, ora se ajoelhando perante o cadáver, ora pulando para aqui, ora para acolá, vai murmurando as palavras sacramentais. E enquanto não derramar o sangue, nem tão pouco os colegas não tiverem sacrificado uma vida humana, o cadáver não pode ser sepultado. Só após esses requisitos, é que se realiza o funeral, pelo que se diz «roubar».

Em virtude de sua acidentada vida, o espírito do caçador, em possessão, apresenta-se turbulento, ameaçador, brandindo uma machadinha que arranca da cintura, tentando, em suas arremetidas, agredir os assistentes.

— Antigamente eu era homem, mas ainda sou homem, é homem! Sou caçador de respeito, dizimador como a bamba! Como a carne abatida pelo caçador, mas também ponho as mãos em cima do caçador! — Brada ele na sua fúria ⁽²⁾.

Na sua identificação, declina, dentre outros, os seguintes nomes, ou antes, epítetos, usados outrora ⁽³⁾.

Mésene Solomona — Mestre Apressamento;

⁽¹⁾ Verdadeiramente, as criaturas sacrificadas devem corresponder ao número das vítimas ocasionadas pelo extinto — quantidade essa que ele designa, mesmo com os dedos, à hora da morte. Tal redução obedece a um novo preceito, em consequência das malhas da autoridade. E como essa alteração do ritual, quantas e quantas não se introduziram, todas com a finalidade da simplificação!

⁽²⁾ Kulu ome, ngi díala, ome! Ngi mukongo a tumba, nhanga dia mbemba! Xitu la mukongo ngidia, muene o mukongo ngi-mu-landa o maku!

⁽³⁾ Nestes nomes, para evitar choques ortográficos, preferimos a grafia quimbunda.

Huinhi j'Embamba — Lenha de Circuncizado;
Tuba Dimoxi — Um Testículo;
Kisalanganda — Esgaravator;
Uikila mbondo, huinhi ji-ku-buá — Incendeia o embondeiro,
mesmo assim a lenha se te acaba.

Banguela de Gombo — Deus da adivinhação.

Bango — Deus da Quissama.

Em possessão, declara: «Sou sábio do ocultismo! Sou bom porque rio, mas sou amargo!».

D. Manuel de Gombo — Antigo fidalgo do Congo.

«Pedra» de Mutacalombo, pertencente à geração:

Mutacalombo, Caiongo, Dinhangá de Quitúxi (da geração), Oii de Gongo, Uhetó Xoioio, Suco, Muxima, Samba Zundo.

Mutacalombo — Deus dos animais aquáticos.

Foi cónego. Veio de Portugal e andou por muitas terras. Morreu velho — razão por que assim é invocado nos seus cânticos. Morreu num montículo de salalé, num musseque das imediações de Luanda. É único com esse nome, passado a adoptar nas actuações.

Quando evocado para fazer justiça, a xinguiladora, envolvida numa baeta encarnada, bem como a postulante, põe-se de gatinhas.

Em dissaquela, *Mutacalombo* — divindade do ramo paterno — actua juntamente com *Caiongo* — divindade do ramo materno — cada qual em cabeça diferente. Nesta conjuntura, as duas entidades, também em postura quadrupedante, tentam a união carnal, pelo que o celebrante e assistentes exercem repressão, particularmente, no caso de os instrumentos mediumínicos serem de sexos opostos.

Então ambas as divindades — *Mutacalombo* cavalgada em *Caiongo* — lançam-se para a fogueira-dos-espíritos, onde se movimentam por uns momentos. E na indução, *Mutacalombo* vai interjeccionando: «Hupo!». E *Caiongo*: «Aaah!».

Caiongo — Mulher de *Mutacalombo*.

Dinhangá de Quitúxi (da geração) — Caçador vitimado.

Esta entidade, em vida, foi assassinada por um antepassado da xinguiladora, igualmente caçador. É que os grandes caçadores, ordinariamente profissionais por tradição, são favorecidos por *Oii* — o deus da caça — o qual, como já ficou dito, não só lhes proporciona muita caça, como ainda os leva a abater gente.

Em vingança, foi provocando, em sucessivas gerações, o exter-

mínio dalguns parentes seus, sobretudo filhos, quer antes, quer depois do nascimento. Então, para se obstar a mais mortandade, verificada por adivinhação, é chamada a actuar, a fim de se reparar o mal — causa esta, como já esclarecemos no início deste capítulo, que pode determinar a efectuação duma dissaquela.

Tal como essa entidade, ainda há a considerar o Mucuá-Quitúxi — Vítima de Crime — e o Zúmbi de Gana — Alma de Senhor. Ambos os seres, mas com a exclusão do exercício da caça, portanto indivíduos que professaram outras actividades, foram liquidados, ou por assassínio, ou por enfeitamento. E também por um avoengo.

Entre o Mucuá-Quitúxi e o Zúmbi de Gana, a diferença que existe, segundo uma informante, é o tempo decorrido após o crime. Assim, o Mucuá-Quitúxi constitui uma entidade vitimada numa época mais distante que a do Zúmbi de Gana. Note-se, no entanto, que a primeira designação é mais usual na área de Luanda, ao passo que a segunda, o é no interior, principalmente na região do Cuanza.

Em possessão, qualquer deles surge dorido, patenteando o modo como morreram — coxos, mancos, com tosse, etc. Mais que o Mucuá-Quitúxi, o Dinhangá de Quitúxi e o Zúmbi de Gana mostram-se depois terríveis, ameaçadores.

O Zúmbi de Gana, talvez pelo curto período de tempo, portanto ainda bastante ressentido do agravo, chega a fazer de assento um familiar da xinguiladora, e, ainda pior, a cuspir na boca doutro, sempre impassível às súplicas dos presentes. E no seu asco, se o oficiante não agir convenientemente, mais vítimas deixa no lugar, pois as criaturas em que exercer o seu desprezo, morrem após a sua desactuação.

Com o Dinhangá de Quitúxi, quando a alma do criminoso também «sobe» em cabeça difernte, aquele, na sua excitação, desafia o criminoso, agora humilde. Então, todo se lhe expõe, quer que este o mate como no dia do crime. E urra, e pula, e todo se oferece ao primitivo algoz. Nesse espectáculo, cada qual com sua machadinha, que diabolismo!

Para acalmarem qualquer dessas vítimas, todos lhe dão razão, por isso lhe suplicam o seu perdão. E ele cede, agora só exige a indemnização dos seus danos, isto é, de quanto levava na ocasião: vestuário, amuletos, mercadoria. Então, já integrado na família, passará a assumir a sua tutela, participando-lhe depois os tutelados, para efeito de sua permissão, os actos mais importantes da vida.

Acerca destas entidades, narraram-nos que, em certa locali-

dade do interior de Luanda, numa época distante dumas quatro ou cinco gerações, um homem, induzido pela inveja havia enfeitado de morte um outro. Como a alma da vítima, em vingança, tivesse causado a morte a um filho seu, o maleficiador, para lhe evitar mais danos, encarcerou-a numa garrafa.

Fechada a vasilha, não só com qualquer coisa servindo de rolha, mas ainda lacrada com boa resina, depositou-a em funda lura dum embondeiro recôndito — lura essa existente mesmo na parte mais eminente. E a alma, prisioneira, portanto reduzida à inacção, não tornou a vingar-se em mais ninguém.

Decorreram anos, sucederam-se gerações. Com a morte do criminoso, dos filhos, morrera a lembrança de tal enfeitamento. Mas o tempo, que não morre, na sua acção infatigável foi corroendo as raízes da gigantesca árvore, para o chão a prostrou um dia.

Mas a tarefa do tempo não ficou por aqui. Pela continuidade das chuvas, o caule foi apodrecendo, a garrafa se desprendeou, ao rio Cuanza foi parar.

Ao sabor da corrente, flutuava a garrafa. Passa um grupo de mulheres. Uma delas, dada a escassez, apanha o precioso achado.

— Para que queres isso? Não vê que está tapada? Ainda se estivesse aberta... — Observa-lhe uma das companheiras.

— Auá! Que tem isso?

— Que tem isso?! Às vezes, são coisas de feitiçarias!... — Tornou a outra.

Mas a do achado não se importou, desrolhou a garrafa, aí mesmo a lavou. Entretanto a alma se libertara, com ela seguira para casa.

Daí em diante, estabeleceu-se lá, com a mulher andava sempre. Mas um dia, ouvindo uma outra mulher pergunta a esta a morada dum dos descendentes do seu maleficiador, abandonou a primeira, logo a segunda perseguiu.

— Se falaste nessa família, é porque a conheces... — Pensou a alma.

Uma vez em casa dos seus inimigos por hereditariedade, a alma começou de novo a exercer a sua vingança. Hoje um, amanhã outro, depois outro, os foi liquidando.

A família inquietou-se. Que seria? Tanta morte junta, uns atrás dos outros, sem peste nem nada?

Consultam o quimbanda. E pela adivinhação ficam sabendo a causa — o episódio narrado.

Para aplacarem a fúria da alma, chamam-na em dissaquela. Mas ela, na inclemência da cólera, não «sobe» em cabeça, antes pousava numa árvore próxima, na cobertura da casa, sempre explodindo o seu furor. Mas, por fim, cedeu à ciência do quimbanda, actuou em própria cabeça, perdoou o agravo desse parente distante.

Uii de Gongo — Deus da caça — protector do caçador vitimado.

Como cada caçador, após a herança mística, possui o seu padroeiro, a dita divindade, por morte do seu tutelado, também comparece em dissaquela.

Uhetero Xoioio — Antigo serviçal da Serra Leoa.

Suco — Antiga mulher nova da Quissama.

Em possessão, a acometida fica com o tronco desarticulado, ora dobrando-se para a frente, ora para trás, ora para a direita, ora para a esquerda. Entretanto, se transportar qualquer fardo à cabeça, ele mantém-se firme.

No interior de Luanda, estas manifestações denunciam que a divindade deseja ser chamada em dissaquela. Portanto, em actuação verdadeira, no provoca o dito desarticulamento.

Muxima — Antiga mulher nova da Quissama.

Samba Zundo — Mulher de Mutacalombo.

É oriunda da Quissama.

«Pedra» de Quibala-Muiji, pertencente à geração:

Quibala-Muiji, Diculo, Diculundundo, Guênji.

Quibala-Muiji — Divindade de que procede cada família, ou seja, a raiz de cada árvore genealógica.

Pela sua função procriadora, tanto pode ser masculina como feminina.

De «kubala» (cavar) + «muiji» (geração).

Diculo — Divindade idosa, resultante de mulher idosa.

Em possessão, surge inchada (¹), chorosa, exclamando depois, contando e recontando pelos dedos: «Alulo... alulo... alulo... alulululo!...» (Meus bisnetos... bisnetos... bisnetos... trineetos!...).

Diculundundo — Divindade anciã, resultante de mulher anciã.

Em possessão, a xinguiladora fica como que morta, exalando o cheiro característico do cadáver. Envolvem-na depois num lençol, e,

(¹) Nada de confusões! Como o xinguilador, em transe, representa a divindade, os actos por ele executados, implicitamente, constituem actos da própria divindade — efeito que, aliás, já sublinhamos em vários passos.

estirada numa esteira sobreposta a um luando, é conduzida à mão a uma encruzilhada.

Para vir a si, dá-se-lhe uma defumação de capim, lixo, incenso, alfazema, alecrim, pepes, sobongos e tacula manipulada. O capim e o lixo são colhidos nessa encruzilhada e proximidades dum estabelecimento de grande movimento e também dum mercado.

Ministrado o pêlo, que é osso de palanca, rompe a chorar. Depois, numa consequência da sua falta de dentes na vida mundana, vai exclamando, babando-se toda: «Buá... buá... buá... buá!...».

Guênji — Antigo negociante viajante.

Nesta possessão, aplica-se, sobre a roupa da xinguiladora, uma tanga formada de duas peles — uma à frente, outra atrás — e exhibe-se ao ombro uma muhamba — artefacto para condução de mercadorias — contendo vários produtos gentílicos, gritando: «Eu sou forasteiro! Sou forasteiro de longe! O aventureiro passa por muitos lugares! E o forasteiro come do seu negócio!».

«Pedra» de Muene-Congo, pertencente à geração:

Muene-Congo, Bangala Bota, Quitédi de Muene-Congo, Quiala de Ganguela, Cassuto, Mussunda Ganga, D. Pinji do Luango, D. Pedro Mazárti, D. Manuel Iaiá, Tudídi Mulele Pêngula.

Muene-Congo — Deusa dos protestos.

Foi rainha do Congo e é tiz da deusa Hônji. Chama-se D. Maria Cumequeta de Máji de Guba (D. Maria Reluzente de Óleo de Jinguba). É única e actua pelo ramo moterno.

Em possessão, sobretudo no começo da fixação na cabeça e nos momentos dos enganos nas quebras de protestos, a xinguiladora fica hirta, como que em estado tetânico, e, em manifestação de punição, o acometido também adquire esse estado, primeiro revelado por febres altas, depois, intermitentemente, pelo inteiramento do corpo, expelindo o delinquente, horas antes da morte, sangue pelo nariz. O acesso do mal, por difficilmente se penetrabilizar à adivinhação, daí resultando o progresso da enfermidade, raro se debela.

A função de Muene-Congo, pois, exerce-se na consolidação de protestos e na aplicação da devida justiça, e, em caso de perdão, também na sua anulação.

Para se atrair a cólera de Muene-Congo, contra outrem ou mesmo contra si próprio, o que depende da razão, basta um resmungamento constante, uma praga, um juramento de renúncia. E para

maior eficácia do protesto, logo da punição, apenas se batem as mãos no chão ⁽¹⁾, com invocações a Muene-Congo.

Para a quebra, impõe-se a presença duma sacerdotisa dessa divindade, e, consoante a gravidade do protesto, assim se realiza a função.

Se o assunto for simples, como resmungamento, renúncia, a intérprete prepara o prato-de-muene-congo — prato contendo o dicosso ritual, composto de água, vinho, quitoto-e-maluvo e laços de mateba. Em «cara limpa», isto é, sem actuação, a xinguiladora, perante o prato místico, convida a protestadora a retratar-se. Protestadora, porque, ordinariamente, são as mulheres que se envolvem nesse género de conflitos.

Em confissão, a suplicante vai reproduzindo quanto proferira, rogando a espaços:

— Muene-Congo e Deus, Deus e Além ⁽²⁾, Muene-Congo a quem pertence a palmada no chão, a palmada no chão que inteiriga! Muene-Congo e Deus, Deus e Além: fui eu que arranquei a trave da casa, mas tornei a espetá-la: a paz é doçura, e a doçura é como o mulembuiji ⁽³⁾! Fora, fique o estar; no quarto, fique o dormir: um ancião dá ouvidos fora, não dá ouvidos em casa, em casa há bisnetos e netos! Venha saúde e força ⁽⁴⁾!

No final, a rogante tira do prato um laço, torneia-o em volta da cabeça, é, desatando-o, atira-o para o chão. Mas, na repetição do acto, nunca o lança para o mesmo sítio, antes para todos os lados, ora para a frente, ora para trás, ora para a direita, ora para a esquerda. Sorvendo um pouco de dicosso, borrifa-o para o ar, primeiro para o nascente, depois para o poente, por último para o seu próprio peito.

A fim de se lembrar de mais algum pormenor, pode encetar uma conversa sobre qualquer outro assunto. Mas logo que ele ocorra, expõe-no em confissão. Então, novamente recita a oração enunciada, novamente observa a formalidade do laço.

⁽¹⁾ Este facto corrobora a concepção, já meio obliterada pelo catolicismo, de o Após-Morte banto ser o mundo subterrâneo.

⁽²⁾ Aqui, «Além» (Calunga), está no sentido do respectivo deus — Calungangombe.

⁽³⁾ Planta que, tanto na estlagem como na quadra pluviosa, sempre se apresenta fresca, viçosa.

⁽⁴⁾ Muene-Kongo ni Nzambi, Nzambi ni Kalunga, Muene-Kongo uamuene paka, muena paka ouleka! Muene-Kongo ni Nzambi, Nzambi ni Kalunga: muangu ua nzô ng'-o-fo-muene, ng'-o-fomeka: talala nzai, nzai o mulembuiji! Bu kanga, ucala o cunanga: m'onzo, ukala o cuzeca: muadiakimi uta mátu! mu mbole, katié mátu! ku bata, ku bata kuala alulu ni alaula! Saudí ni nguzu!

Se a desavença já decorreu há uns poucos de anos, o cerimonial reveste-se de maior solenidade. Neste caso, Muene-Congo actuará, mas simplesmente, sem a complexidade da evocação usada em dissaquela, como, aliás, acontece com as demais entidades já «quebradas» naquele ritual.

Para a possessão, a sacerdotisa senta-se num banquinho, atando ao pescoço um pano branco — a «dibeca» ou manto de Muene-Congo. Em frente, instaladas em esteiras, repousam as contendoras, agora na companhia dos respectivos familiares. E entre oficiante e fiéis, medeia um prato e uma panela: naquele, em vez do dicosso, figuram fragmentos de mandioca, quicuanga, cana doce, banana, grãos de jinguba, dendéns, tudo cru; e na panela, a dita composição com os complementares laços de mateba, mas acrescida de um galho de mulemba.

— Bembo! (Perdoada!) — Vai absolvendo Muene-Congo, em voz cavernosa, agitando o manto para o corpo das circunstantes, sobretudo as desavindas, mas todas de joelhos e de cara pendida.

— Mátui (Estamos ouvindo!) — Agradecem elas em coro.

Por vezes, a divindade interroga:

— Não se lembram de mais nada?

Se houver um lapso, Muene-Congo, zangada, inteiriça-se mais. Mas lança a absolvição, embora com voz ainda mais soturna:

— Bembo! (Perdoada!).

— Mátui! (Estamos ouvindo!).

Muene-Congo desactua, age D. Pedro Mazárti — o «Petêlo», como vulgarmente lhe chamam. Desparamentando o manto de Muene-Congo, que dobra e entrega a uma assistente para guardar, levanta do chão o prato e a panela, e encaminha-se para fora, seguido de todas.

Aí, com as vasilhas na mão, retira o galho e esparge cada uma das fiéis. Feito isto, arremessa para todas as direcções da casa, para banquetamento das divindades da sua «pedra» ou secção, uma porção dos ditos alimentos, distribuindo, em seguida, a todas, um sortido desses produtos, logo comidos pelas contempladas.

Por fim, acomoda-se numa esteira, que se estende na ocasião, nesse mesmo local, cobra às implicadas uma moeda de cinquenta centavos, atando-lhes, em troca, ao tornozelo e braço, mas de membros contrários, um entrançado de mabela. Pondo-se de pé, parte a panela, deixada de borco, e liberta-se.

Se, por pragas, sobretudo na presença de sacerdotisa dessa divindade, ou, ainda, em local onde já existiu moradia de igual sacer-

dotisa, o efeito já tiver causado mortes, a função redobra de solenidade, intervindo, não apenas uma xinguiladora, mas várias — duas para servirem de veículo das divindades, e outras, das criaturas falecidas por esse motivo.

Para o cerimonial, «veste-se» primeiro um pilão — o pilão-dos-protestos ou pilão-de-muene-congo: com pamba,ucusso e pó preto de folhas respeitantes a **Vúnji**, traçam-se, alternadamente, círculos em torno da vasilha; na borda superior, igualmente a toda a volta, prende-se uma tira de pano cru, duns dois centímetros de largo; a essa tira, prendem-se, mas descaindo em franja e também em sucessiva intercalação, outras tiras — umas também de pano cru, outras de pano encarnado e outras de pano azul — todas com o comprimento de um decímetro; nos intervalos, viradas para cima, aplicam-se folhas de mandiocqueira, mamoeiro, ou outras, como ainda galhos de trepadeira e de flores silvestres.

Com o pau de moer — o muísso — procede-se análogamente, quer no traçado, quer na guarnição. Só não se empregam as peças vegetais.

Após essa «vestimentação», fazem-se, no interior do pilão, as preliminares cruces a pamba eucusso, e então o preenchem com os aludidos alimentos — mandioca, quicuanga, cana doce, banana, dendém, jinguba, milho — nove bocados de cada produto, excepto o dendém e os grãos, que são inteiros, vertendo-se, no final, primeiro em nove pequeninas porções, depois sem medida, quitoto-e-maluvo, vinho e água.

Dentro do recheio, espeta-se o pau moedor, de modo a não cair, pois, se tal acontecer, advirão azares para os promotores do ritual. Com as mesmas riscas, mas sem os restantes apetrechos, espeta-se uma haste de dois caules entrelaçados, duns vinte e cinco centímetros de comprimento. E ainda verticalmente, fincados no dito conteúdo, um pedaço do extremo superior de cana doce, ou, facultativamente, de cana brava, e diversos laços de mateba ou de palmeira.

A uma panela de barro, depois colocada junto do gral, sobre três pedras, executam-se as citadas caracterizações e franja, após o que se introduz igual recheio. E espetados, um guíco, uma colher de pau, uma vassoura, tudo já sem préstimo, e mais um galho de mulemba e os referidos laços.

Num prato de ferro esmaltado, prepara-se, finalmente, o dicosso, também contendo, como nos casos anteriores, os ditos laços. Tal como a panela, igualmente permanece ao lado do pilão, outrossim acon-

tecendo à garrafaria com aguardente, vinho abafado e comum, mel e óleo de rícino.

Em tantas médias quantas as vítimas, evocam-se as almas das mesmas. Dolorosas pelo trágico fim, manifestam-se chorando. E sempre tristes, falam de seu arrependimento ou inocência.

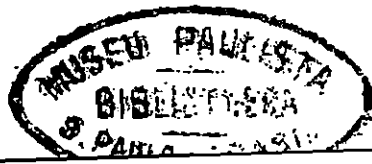
A esse tempo, Muene-Congo e Vúnji já se acham em indução em duas xinguiladoras — as principais figuras da função. Então Muene-Congo, ouvidos vivos e mortos, repreende-os severamente, lançando-lhes depois a absolvição, agitando sobre eles o seu manto. E Vúnji, por seu turno, após os haver verberado igualmente, igualmente lhes perdoa o delito.

Para o efeito, retira do pilão a haste dos caules entrelaçados, torneia-a em volta da cabeça de cada familiar, incluindo a própria alma, bate-lhe levemente com ela nas costas, e, molhando-a no pilão, dá-lha a chupar; em seguida, retira duas folhas, que também mergulha no pilão, e, com uma em cada mão, e cada mão empunhando simultaneamente uma galinha, sacode para o grupo, girando depois folhas e aves, em redor da cabeça de cada familiar; por fim, retira, quer do pilão, quer da panela, quer do prato, vários laços, repetindo com um deles a operação do volteio, findo o qual o desenlaça e o atira para o chão, mas cada laço para sua cabeça. Só não deita fora a haste dos caules entrelaçados e as folhas, que logo torna a prender na cinta a que se achavam ligadas.

Cortando um bocado de orelha a um porco, o que também pode ser executado por Muene-Congo, com ele caracteriza, apenas com um toque, a testa, fontes e dorso das mãos e pés de todos. Simbolizando o protesto e respectiva anulação, ata, por trás das costas, mas logo desatando, as mãos das almas. Concluída a sua missão, sorve uma mistura de mel com óleo de rícino — a sua ambrósia particular — que uma assistente prepara.

Vúnji vai-se, vem Luango. Também ralha e perdoa. Para o perdão, igualmente retira duas folhas do pilão, que também molha no líquido respectivo, bem como os apetrechos da panela — pau amassador, colher, vassoura e galho — e, com a munição repartida por ambas as mãos, esparge o grupo, repondo tudo nos seus lugares. Chupa um ovo e bebe uma pinga de aguardente, tudo fornecido por uma fiel.

Muene-Congo recebe também o seu brinde. Primeiro, oferecem-lhe um pires com jindungo-do-congo e cola aos bocadinhos. A divindade come um pouco. Depois, apresentam-lhe uma garrafa com aguardente, vedada com uma moeda e um lenço sobreposto em cobertura.



A deusa, com não pode beber, apenas aspira fortemente, perdendo a bebida a força natural. Assim mimoseada, Muene-Congo, por sua vez, oferece aos circunstantes o manjar contido no pires. Todos se servem.

Muene-Congo e Luango desactuam, em seus lugares «sobem» os petelos, ou, portuguêsmente, os denominados D. Pedro Mazarti. Abeirando-se do pilão, ambos os deuses, segurando o pau moedor, põem-se a pilar enèrgicamente. Então, para que o gral não caia, pois, como já ficou dito, o seu derrubamento provoca a morte a todos os implicados no protesto, vários assistentes amparam-no vigorosamente. È uma luta que se estabelece. Por fim, as divindades abandonam a tarefa, e os familiares, triunfantes, transportam ocultamente o pilão para um canto do quintal, pelo que se diz «roubar», fazendo outro tanto com a panela e o prato. E aí, em limpeza psíquica, se lavam com os líquidos contidos, bastando, para o efeito, passar pelo corpo, de alto a baixo, as mãos molhadas em qualquer das vasilhas.

Os deuses, entretanto, abatem, à paulada, o porco já referido, amarrado pelas pernas. Alguns fiéis limpam depois a rês. Nesse espaço de tempo, os deuses banqueteiavam-se com bocados de quicuanga, mandioca, banana, cana doce, dendéns, milho, jinguba, tudo cru e depositado num balaio. Satisfeito o apetite, distribuem a acepipe pelos presentes. Então, esquartejam o animal, contemplando novamente todos com uma parte, só cozinhada em casa de cada um. Nesse instante, apenas se assa uma lasca para as almas, ainda em possessão, sempre sentadas ao lado dos parentes.

Um dos deuses vai-se, vem Mussunda Ganga. Estirando-se no chão, de barriga para baixo, geme e contorce-se. Uma fiel derrama-lhe ao lado uma porção de água. A deusa esfrega as mãos na lama formada, e, com ela, caracteriza os pés da assistência, a fim de lhes dar saúde e paz. Quando se ergue, liberta-se, e novamente actua D. Pedro Mazarti.

Agora, um familiar enoda com dois nós um fio de mabela, tantos quantos os implicados, besunta-os com uma mistura de tacula com óleo de palma, e, metendo-os numa panelinha, submete-os a fogo brando, remexendo a fritura com um pauzinho. Feito isto, apresenta o recipiente a um dos deuses, o qual ata ao tornozelo de cada um dos interessados um desses filamentos, pelo que lhe cobra uma certa quantia, actualmente cinquenta centavos.

Findo o encargo, as divindades evolvem-se. E o protesto ficou anulado.

Quanto ao recheio e guarnição do pilão, bem como a panela

com o seu conteúdo, tudo isso é lançado numa barroca por onde correm as águas das chuvas. Antigamente, era com o próprio pilão, tal como nalgumas áreas do interior de Luanda, só com a diferença de que lá se arremessa para um rio, longe da margem. Esta função, ordinariamente iniciada por volta das dez horas da noite e concluída lá para de madrugada, importa nuns dois mil escudos.

Para melhor ideia duma protestação mediante as divindades, ou, tipicamente, dum cubamento, vamos relatar um episódio ocorrido em Luanda, em fins de 1954:

Uma mulher, verificando que lhe haviam desaparecido quatro galinhas, deitou a gritar pelas imediações da casa, quem as teria consigo. Como ninguém se acusasse, foi a um local onde havia existido moradia de grande quimbanda. Batendo no chão com uma cana, rogou:

— Vós, calundus que estais debaixo deste chão ⁽¹⁾, procurai o ladrão das minhas galinhas! Só se não sois calundus de verdade! Mas se fordes mesmo calundus de verdade, mostrai-me o ladrão! Gritei pela sanzala e ninguém só se apresentou com as galinhas! Tu, Muene-Congo, tu, Vúnji, vós que não consentis abusos, ouvi-me nesta queixa!

Quem roubara as galinhas, fora uma vizinha. Apesar do alarme da dona, calara-se muito bem caladinha. Para requinte do seu cinismo, matou duas aves e preparou um pitéu. E para o manjar, convidou três amigas.

Volvidos uns dias, a ladra adoece gravemente. Baixa ao hospital. Não se salva. Mas na véspera da morte, num rebate de consciência, confessa o delito à família:

— Eu vou morrer! E o que me vai comer, não é doença de Deus, mas quatro galinhas alheias que roubei! A dona gritou por elas, mas eu não lhas entreguei! Comi duas galinhas, as outras estão em casa! Para elas vos não trazerem mortes, entreguem-nas depressa à dona!

Os parentes assim procederam. E ela foi-se, por punição das divindades.

Dias depois, uma das convivas também adoece e falece. Depois, outra também adoece e falece. Mas a doença destas duas, ao contrário da da primeira, apenas durou uns três dias.

Adoece terceira conviva. Mas esta, numa suspeita das ocorrências, prudentemente pede à família que se consulte um quimbarda.

(1) Mais um testemunho de o Além-Túmulo dos naturais ser o mundo subterrâneo.

— Comeu galinha roubada em casa duma amiga. Já houve mortes, porque a dona fez um cubamento. Para se salvar, tem que se fazer, já, já, o tratamento do Muene-Congo. — Revelou o ocultista, através de sua adivinhação.

Efectua-se a função propiciatória. E a enferma salvou-se.

Dias decorridos, adocece um filho da dona das galinhas. Como nos transes anteriores, também se fina em pouco tempo. Adoece segundo filho. O mesmo trágico fim. Adoece terceiro filho. Igualmente o mesmo trágico fim. E todos, já homens, na fatal brevidade de tempo!

Alvorçada, a pobre mãe investiga a causa de tais mortes. Donde teria partido esse malefício? Afinal — declarara o adivinho — partira de si mesma, por ter aceite as galinhas restituídas!

— Para aceites as galinhas — esclareceu o hariolo — devias primeiramente comunicar aos calundus. Não o fizeste, e eles se zangaram: é que tão ladrão é o que rouba, como quem aceita coisa roubada. Agora, se não queres que morra mais gente, manda levantar, quanto antes, o pilão-dos-protestos!

Para obstar a uma dizimação maior, a desventurada mãe mandou imediatamente realizar a conveniente liturgia. E só assim se impediu que mais mortes devastassem a sua família.

Outro lance da punição dos deuses ocorreu em Bom Jesus — vila situada a uns sessenta quilómetros de Luanda — há perto de meio século:

Uma mulher, para afugentar os larápios que constantemente lhe saqueavam a lavra, arranjou, à semelhança dos bruxedos usados em tais circunstâncias, o seguinte estratagema: dependurou a uma árvore o casco duma cabaça, a que, primeiro, havia feito vários orifícios e as imprescindíveis riscas cabalísticas, e, nesses orifícios, aplicado penas e fiadas de missangas consagradas a Vúnji. O espantalho, com aquele ar de feitiçaria, deu o resultado desejado: os ladrões, no receio de algum azar, deixaram de assaltar a propriedade.

Com o tempo, o terreno cansou-se de produzir. Então a lavra-deira, como sucede em tais emergências, deixou a lavra, para mais longe foi cultivar.

Com as chuvas, a cabaça desprende-se, as guarnições se espalharam. Posto que a feitura da cabaça não envolvesse nenhum acto espiritual, **Vúnji**, entretanto, indigna-se com tal procedimento. Em resultado, faz descarregar sobre ela pertinaz enfermidade.

Os quimbandas a que a mulher recorre, atribuem efectivamente

o mal à **deusa**, mas não revelam a sua verdadeira causa. Sem o tratamento adequado, acaubou por morrer.

No uso duma prática tradicional, a família averigua a procedência do falecimento. Procurou, e isto ainda segundo a velha costumbre, não apenas um áugure, mas uns três: simplesmente para confirmação das adivinhações. E então soube a verdade completa: realmente fora **Vúnji a causadora** da doença e conseqüente morte, tão somente porque a extinta, sem um rito que desobrigasse a divindade da sua interferência, abandonara a lavra e o seu amuleto.

— Ora — juntou o vaticinador — **Vúnji ficou furiosa** com isso, tomou esse procedimento como desprezo. E castigou-a. Mas, acautelem-se! Se não quiserem que ela coma mais gente, ponham já de pé o pilão-de-muene-congo!

Para a punição não se estender a mais familiares, rapidamente se preparou a função respectiva. Posto que nenhuma relação haja, a este incidente prende-se um outro: quando se jogou ao rio o pilão, o quimbanda que dirigiu o ritual, enfeitado, por inveja, por outros, caiu à água, para sempre desaparecendo o seu cadáver.

Bangala Bota — Deusa do Congo.

Em indução, senta-se na esteira e bate com a mão, rapidamente, ora no chão, ora na boca, em sinal de protesto, a cuja função pertence.

Quitédi de Muene-Congo — Deusa do Congo.

Igualmente respeita à função dos protestos.

Quiala de Ganguela — Antigo bossal de Ganguela.

Cassuto — Deus do Congo.

Em punição, provoca barriga-de-água, ou, cientificamente, hidropisia, e, outras vezes, inchação dos testículos — aspectos esses em que, mas apenas num deles, se apresenta em possessão.

Mussunda Ganga — Deusa do Congo.

Em possessão, estira-se no chão, contorcendo-se e gemendo. Sua função consiste em restituir a saúde e a paz, para o que besunta o corpo do paciente com terra molhada. Para o efeito, verte-se água junto da divindade, esfregando ela aí então as mãos.

D. Pinji do Luango — Deusa do Congo.

Quando tropeja, a divindade actua, correndo o possesso como louco. Então, para não sofrer nenhum risco, alguns familiares o acompanham durante o transe.

D. Pedro Mazárti — Antigo fidalgo do Congo.

D. Manuel Iaiá — Antigo fidalgo do Congo.

Tudídi Mulele Pêngula (Deixa o Pano Travado) — Deusa do Congo.

Estes três últimos deuses — D. Pedro Mazárti, D. Manuel Iaiá e Tudídi Mulele Pêngula — são evocados em casos graves, ou para socorrer uma família em extermínio por pragas, ou, ainda, para anular desavenças. Carecem do sacrifício de um porco.

«Pedra» de Vúnji, relativa à geração:

Vúnji, Luango e Quissanga.

Vúnji — Deusa da justiça.

É única e saiu numa lagoa. Em possessão, sorve mel e óleo de rícino, misturados num prato. Ao invés de outras divindades, para actuar pela primeira vez, não se realiza o cerimonial da dissaquela.

Antes de ser evocada, pode manifestar-se no ventre materno, pela ausência do cataménio, desde o último filho referente ao fenómeno, isto é, a mulher alcança sem o aparecimento do mesmo.

O tratamento da mulher nesse estado, consiste no uso de folhas pulverizadas, mel e rícino. Os pós ficam em chifres de palanca e corça e num casco numa tartaruga pequena; e, em cabacinhas, os outros ingredientes, bem como uma mistura dos aludidos pós. O rícino serve para defumações e fomentações, e o restante, para ingerir.

Além dessas drogas, um sacerdote dessa divindade prepara, mas em possessão, a lagoa da Senhora Vúnji — uma panela de barro com dois borgaus e água simples. Com a água dessa «lagoa», sempre renovada quando se esgota, a paciente temperará frequentemente os seus banhos, acontecendo outro tanto com as futuras lavagens do filho, mas estas até ao nascimento do seguinte, portanto quando já estiver crescidinho, ou, ainda, por ocasião de doença.

O ocultista chamado a tratar este acidente, no final do ritual — adivinhação e prescrição terapêutica — deita pamba para dentro do bico numa galinha de penas ouriçadas e profere:

— Aqui está a tua casa, Senhora Vúnji!

A ave conserva-se para criação. Os ovos ou crias são vendidos, revertendo o produto para o dizaco de Vúnji, isto é, o mealheiro místico consagrado a essa divindade, e o qual se destina à compra de aprestos necessários ao culto, como mel, rícino, e, quando em visita ao pai-de-umbanda, brindes de tabaco e vinho. De quando em quando, também se pode adquirir, com esse mesmo dinheiro, qualquer peça de

vestuário, quer o eleito seja criança, quer adulto, podendo este — o eleito — comer, sem dispêndio, alguns ovos ou crias.

Se a dita galinha morrer sem ter deixado prole, o ocultista deverá repetir a operação da pomba noutra galinha da mesma espécie.

A **vunjidade, ou, correntemente, mediuminidade, pode ocorrer, não só no ventre materno — vunjidade congénita (nvunji iovale) — mas também depois do nascimento — vunjidade por simpatia (nvunji ia ukamba).** No primeiro caso, a vunjidade é maligna; e no segundo, benigna.

Quem, na presença de criatura eleita no período pre-natal, se lamentar, vê concretizado o seu desejo de justiça. Para obstar a esse mal, deve acrescentar no final do queixume: «Senhora Vúnji, o que disse, não é para ti. Apenas desabafei com o meu amigo (ou amiga).»

Se, pelo contrário, o acidente se manifestou após o nascimento, nada de anormal advém duma lamúria.

Conforme a procedência, verificada por adivinhação, assim a **vunjidade pode resultar: ou por efeito de afeição (nvunji ia kazola); ou da geração (nvunji ia muiji); ou ainda dum crime outrora praticado por um parente na pessoa dum fiel a essa entidade (nvunji ia kituxi).** Estas duas últimas proveniências, em regra, respeitam à via materna.

Em punição, a sua justiça revela-se através de qualquer das seguintes enfermidades: anemia, o que acontece mais vulgarmente, enfraquecimento da vista, tosse seca.

Luango — Divindade congénere de Vúnji.

Também se manifesta no ventre materno, mas pela continuidade do mênstruo, embora aguado, durante a gravidez. O fenómeno só se opera após a revelação de Vúnji. Portanto, é seu imediato em manifestação natal.

Para se debelar a anomalia, o quimbanda, apurada divinatóriamente a causa, atira para o ar, mas em frente, uma pitada de pomba, rogando :

— **Se és Luango de verdade, pare o sangue, que aqui está a tua pomba !**

Ainda semelhantemente a Vúnji, também prepara a respectiva «lagoa» — a dita panela de barro contendo água simples e dois borgaus. Serve, como no caso apontado, para o mesmo fim.

No final da liturgia, igualmente deita pomba para dentro do

bico, não duma galinha, mas dum galo, também da mesma espécie, proferindo:

— Aqui está a tua casa, **Senhor Luango!**

O preceito adoptado para com Vúnji, estende-se a Luango, quer no concernente aos banhos, quer à ave.

Quissanga — Auxiliar de Vúnji.

Em nascimento, é o imediato a Luango. Mas não se caracteriza por nenhuma particularidade.

Divindades diversas (1).

Cabila — Pastor de Mutacalombo ou de Mutanjini.

Quando um caçador não consegue abater uma peça de caça, se, por intermédio dum xinguilador, lhe suplica a sua intervenção, ele proporciona-lhe alguns animais que furta ao amo, difícil de aceder a tais pedidos.

Após a caçada, o caçador, como testemunho de verdade, apresenta ao xinguilador as caudas dos animais abatidos. Na sua presença, ajoelha-se, bate palminhas de reverência, e, tomada a bênção, informa-o do número de cabeças mortas.

— Parabéns, por Nâmbua e Samba, o milhafre-macho que vá para a panela (2)! — Felicita o médio.

Regressando ao mato, esquarteja todas as peças e torna a voltar à casa do xinguilador. Mas com a carga. Então, cozinha as miudezas, com cuja iguaria brinda os calundus, pelo que o xinguilador se submete ao estado de possessão.

Depois de algumas divindades se mimosearem com um pouco de petisco, **o Cabila ordena ao caçador que distribua a carne pelo xinguilador, companheiros e demais presentes, sendo o maior quinhão para si.** Se, dentre os contemplados, existir uma mulher grávida, ao feto também toca a sua parte.

Na partilha, o caçador permanece de joelhos. Em caso de ingratidão para com a divindade, isto é, se não lhe participar o resultado da caçada, jamais tornará a abater uma só peça. É a punição.

(1) Para mais amplo esclarecimento, achámos conveniente inserir mais estas divindades. Ao invés das anteriores, não estão reunidas em «pedras» ou secções, porquanto tais elementos foram-nos fornecidos ao acaso. O seu registo obedece tão somente ao simples desejo dum melhor conhecimento do panteão angolano.

(2) O sentido é: «Hoje vamo-nos fartar». E o vernáculo: «Tanaku, Nâmbua ni Samba, kasonge kía ndumbe kale mu imbia!».

De «kubila»: pastorear.

Camucangue — Deusa da violência.

Quando um xinguilador não quer sofrer a actuação, se o pai-de-umbanda solicitar a sua intervenção, ela prende-lhe fortemente os pulsos, cruzando-lhos atrás das costas. Assim manietado, o xinguilador, contorcendo-se no chão, acaba por aceitar as induções.

Capitas — Designação genérica de certos deuses do Congo.

Eis alguns nomes individuais, embora cada um também constituindo uma classe: D. Pedro Mazárti, ou, simplesmente, Petêlo, D. Manuel, D. João, D. António, Massangó de Bunda, Nêngua (divindade feminina), D. Francisco.

No interior de Luanda, a denominação geral é «Iala» — termo que significa: «homens grosseiros».

O intérprete dessas divindades não pode matar um sapo, nem tão pouco se pode fazer tal na sua presença. Quem contrariar este preceito, levanta contra si a ira de semelhantes entidades, promovendo imediatamente a sua actuação no dito sacerdote. E Capita, furioso, acomete o transgressor. É que o sapo, chamado D. Maria Cumequeta de Máji de Guba, portanto Muene Congo, é sua mãe.

Dado um incidente desses, Capita, depois, rompe a chorar. E juntamente com outros Capitas, que manda convidar, faz o enterro do sapo, pagando o «criminoso» todas as despesas, como um ou dois metros de pano cru, para o envoltório sepulcral. E tudo acontece como se fora em óbito de criatura humana.

Cuco Muquita de Suco, ou, abreviadamente, **Cuco Muquita** — Deusa anciã da Quissama.

Só actua alta noite. É contrária à procriação, pois desgosta de cheiros desagradáveis, como a urina, etc. Se a sacerdotisa já foi mãe antes de se iniciar na mediumidade, não conceberá mais, nem tão pouco conceberá a mulher que sofrer a eleição dessa divindade — circunstância essa perfeitamente análoga à imposta pela deusa Muquita de Suco, também da Quissama, mas nova. A esterilidade é o seu sacrificio, por isso, se deve, em caso de filhos, prestar-lhes uma grande higiene, independentemente da súplica que o quimbanda fizer para a sua conservação.

Dijila de Solongongo — Espírito de grande ave de rapina, denominada «holococo».

Em possessão, o paciente fica com os braços e dedos contraídos, as pernas esticadas, gritando como o próprio pássaro.

Com criança que nasce sob o seu signo, quando a ave vozeia, a

mãe assobia logo demoradamente. De contrário, à criança dá um ataque, com idênticas manifestações das da possessão, podendo até morrer.

Ganga Senda — Deusa da loucura.

É anciã e auxiliar de Muquita de Suco. Não gosta de filhos, tal como Cuco Muquita e Muquita de Suco.

A sua eleição, isto é, quando pretende fazer alguém seu sacerdote, sintomatiza-se por um certo enlouquecimento, ou apatetamento. E esses estados terminam com a aceitação do seu culto, apenas se manifestando durante a possessão.

Gola — Espírito de jibóia.

É da Quissama. Não fala e rasteja como serpente, só actuando em quarto escuro.

Se ao xingulador estiver para acontecer uma grande novidade, no seu quarto entra uma jibóia em aviso. Se matar uma galinha ou outro animal qualquer, morrerá alguém de casa, ou de morte natural, ou de enfeitamento. Então, para explicar tal aparição, actuará o deus Quimalauezo.

Hito — Deus da esterilidade.

Em transe, surge chorando. Apesar de contrário à procriação, cede aos ritos consagrados a esse fim.

Hônji — Deusa da justiça.

É do Congo e sobrinha de Muene Congo. Embora ambas as divindades sejam terríveis, Hônji, no entanto, suplanta-a no rigor. Sua punição efectua-se, ou através de hemoptises, ou, mais rapidamente, através do trovão. Neste caso, o trovão pode mesmo explodir fora da época pluviosa, com acompanhamento de vento ou chuva. A este malefício — o que envolve os elementos da Natureza — dá-se o nome particular de «jimbâmbi».

Quimalauezo — Deus da Quissama.

Segue a Gola, a fim de explicar a aparição da jibóia no quarto do xingulador.

Quando já não «subirem» mais entidades, o que, em dissaquela normal, pode ocorrer até ao quinto dia, porquanto, em circunstâncias anormais, a chamada pode resultar infrutífera durante semanas, o pai-de-umbanda submete as pacientes à prova do pêlo, a fim de, em novas possessões, facultar às divindades o uso da fala. Noutros casos, também apura se as induções foram ou não verdadeiras, portanto se as noviças procederam com fidelidade ou dissimulação.

Para essa formalidade, apenas com a duração de um dia, mas também ao som do mesmo instrumental e cânticos adequados, tal como na cerimônia anterior, o sacerdote cobre a paciente com um pano, onde também se resguarda. E conforme as entidades que «sobem», assim aplica o pêlo — instrumento que retira da sua gonga ou cestinha, agora na esteira, ao seu alcance. Então, como que aberta a língua por uma chave, a divindade revela o seu nome, logo proclamado pelo oficiante, posto que cada entidade se torne reconhecível pelas expressões e vozes peculiares.

Em possessão de muculo ou de qualquer outra alma, o pai-de-umbanda passa pela língua da inicianda, rapidamente, cada operação nove vezes, primeiro uma faquinha, depois uma agulha, depois ainda uma acha em fogo ⁽¹⁾, dando-lhe por fim a beber o dicosso-das-almas ⁽²⁾. Se gritar, a indução é falsa. A acha é enlaçada com uma fibra de embondeiro, para destruir qualquer mau olhado.

Tratando-se de calundu, o pêlo, salvo alguns casos, não difere entre os do mesmo grupo. Em capítulo especial, apresentamos os vários pêlos utilizados — estes apenas empregues uma vez sobre a língua do paciente, como que em raspagem. A comprovação da possessão verifica-se no quarto-do-coza, onde terá que sofrer uma reclusão de oito dias. Se xingou falso, morre por efeito de cubamento ou praga, feita pelo celebrante, atraindo a cólera de Quitédi de Muene-Congo.

Após a proclamação do nome, o pai-de-umbanda ensina à divindade algumas regras mundanas: saudar e dançar.

Para saudar, observa o costume seguido na terra de sua naturalidade. Como a maioria das saudações se restringe a simples palmilhas, embora todas as entidades se ajoelhem aos pés do celebrante, indicaremos apenas três das mais excêntricas.

Com **Dinhanga** ⁽³⁾, manda-o prostrar-se a todo o comprimento ficando os braços em arco, e bater com as nádegas no chão, lateralmente, uma de cada vez; depois, roçar as faces no chão, primeiro uma, a seguir outra; finalmente, ajoelhar-se, e, segurando a mão direita do pai-de-umbanda, tocar no peito deste, primeiro no lado esquerdo, depois no direito, terminando a gesticulação com um movimento vigoroso

(1) Outros ocultistas, em cada acto, apenas operam uma ou duas vezes, e o fogo é previamente mergulhado no dicosso-das-almas. Outros ainda, embora empregando o fogo vivo, aplicam alternadamente a faca e a agulha.

(2) A composição deste preparado místico varia consoante a aplicação. Em possessões, consoante a entidade — alma ou calundu, e, mesmo com calundu, consoante a prescrição.

(3) Em possessão, o xingulador representa a divindade. Daí, quem procede, é a própria divindade.

para baixo, para logo, com a mão esquerda, se efectuar inversamente sobre o peito do saudante (1).

Com Capita, ordena-lhe que se ajoelhe, e, com as palmas unidas, faça uma cruz no chão. Segurando-lhe as mãos, alça-as até um pouco acima da cabeça, roçando-as pelo corpo do saudante, e, baixando-as, toca-as no seu próprio peito, depois no do saudante, terminando com um impulso para baixo.

Com Gombo, ensina-lhe a fazer uma cruz, cruzando as palmas para o ar.

Para dançar, não a dança vulgar dos batuques, mas uma dança aos pulinhos, arrastada nos bicos dos pés, num meio corcovamento, tal como se esgaravatasse, ministra-lhe os primeiros passos, incumbindo as xinguiladoras já feitas, que dançam sob a mesma possessão, de continuarem o ensino. Em virtude da semelhança da movimentação, diz-se «esgaravatar» — *kusanda* — e não «dançar» — *kukina*.

Antes de findar a actuação, o espírito prosterna-se aos pés do tocador de goma, e, ao genuflectir-se, apenas bate umas palminhas, expressando, desta arte, o seu agradecimento pela toada electrizante — um dos factores que o levaram a «subir».

Os espíritos já iniciados, portanto as xinguiladoras feitas, procedem como o companheiro iniciante, tanto na saudação ao pai-de-umbanda, como no reconhecimento ao batedor de goma.

Posto que a dança constitua um delirante prazer para as divindades, nem todas, no entanto, gostam dessa diversão, como Gombo, Mutacalombo, Muene-Congo. Quer dizer: só dançam as divindades de segunda e terceira ordem, pois as grandes, pela sua respeitabilidade, desprezam tal prática. O Santo de Cazola, embora dance um pouco, é, no entanto, com desprezo que o faz. Ao contrário dessas entidades, as que mais gostam de dançar, são os Capitas, como D. Pedro, D. Manuel, que até assobiam.

Ministrados os pélos, conseqüentemente no final de todas as possessões, realiza-se um novo cerimonial, denominado «kudinga» (2), no qual algumas divindades são propiciadas com um sacrifício.

Qualquer que seja o local — quintal ou encruzilhada — pois os lugares dependem da espécie da liturgia, é sempre ao ritmo do instrumental e cânticos que decorre a efectuação.

(1) A primeira parte da saudação — prostração e roçamento das faces — também é usada nos templos por muitas mulheres das camadas baixas. Além desta manifestação, o roçamento das faces igualmente é executado nos altares.

(2) Este verbo quimbundo resulta da contracção de «kúdia manhiga»; comer sangue.

Como os holocaustos variam segundo as entidades, especificaremos as cerimónias concernentes a cada «pedra»:

«Pedra» de Cazola.

Novamente evocado, o Santo de Cazola, com uma faca, imola um pato e uma pomba, sucessivamente apresentados por um auxiliar. Num copo, onde já se deitou uma ou duas gemas, açúcar, vinho do Porto, recolhe-se um pouco de sangue. Tudo batido, o sacerdote apresenta a gemada ao «santo», que sorve um pouco, dando o resto a beber a outros «santos» em possessão.

As penas e tripas são cuidadosamente enterradas, sem nenhum desperdício, sobretudo de penas. A carne, depois de cozinhada para um festim, abaixo descrito, será comida por todos os assistentes, menos pelas pacientes. E os ossos, tanto deste sacrifício, como os dos outros, não se deitam fora, antes se juntam, para, depois de secos, torrados e moídos, serem utilizados em dicossos e mucassos para maculos, ou seja, para preparados líquidos místicos, já referidos várias vezes, e caracterizações místicas, referentes a antepassados.

O festim compõe-se de iguarias à europeia e à africana. As europeias constam de guisados preparados com as aves. E as africanas, consequentemente temperadas com óleo de palma: de quitande de feijão e de macunde; de fúnji de farinha de milho, de massambala e de bombó; de guisado de bagre e de cacusso, sendo ambos os peixes, secos sem sal.

Antes de se cozinhar, o ocultista, para «rasgar o fogo» — *kutandula o dijiku* — fará, em cada trempe, as obrigatórias cruces a pomba e ucusso, bem como no exterior das panelas. E a prova do sal é verificada através das trempes (1), pelo que se deita um pouco de molho numa das pedras de cada fogo.

Antes de as pacientes comerem, o celebrante, com uma dedada de cada alimento, caracteriza-se na testa, fontes, nuca, parte inferior da garganta, junções dos ombros, cotovelos e joelhos.

À medida que conclui cada operação, lança para todos os lados, ora para a frente, ora para trás, ora para a direita, ora para a esquerda, os bocados caracterizadores. Então, começa o banquete. Mas, com as oblatantes, só comerá quem já procedeu idênticamente para com essas divindades.

(1) Ordinariamente, as trempes são constituídas de pedras, sempre imutáveis no uso.

«Pedra» de Gombo

Novamente evocado, Gombo, em vez do sacrifício, é torneado, pelo celebrante, à volta da cabeça, com um galo.

Apesar de não se efectuar a imolação, a ave, no entanto, não deixa de ser abatida para festim.

«Pedra» de Mutacalombo

Novamente evocado, Mutacalombo, com os dentes, arranca a cabeça a um galo, que um auxiliar lhe apresenta, sorvendo depois, directamente da incisão, um pouco de sangue.

A carne, assada no espeto, será comida, tal como na cerimónia anterior, por todos os assistentes, menos as pacientes e mulheres sem marido.

«Pedra» de Quibala-Muíji

O sacrifício, sob a mesma toada, presta-se numa encruzilhada. Primeiro, procede-se ao sepultamento dos maculos, isto é, dos bisavós — os quatro paternos e os quatro maternos.

Para representar os extintos, o sacerdote rasga oito retalhos de pano cru, e, em cada um, deita serradura de tacula, de quissécua, de quicongo, um fragmento de pena de andua, outro de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante, uma escama de pangolim e um caurim. Os retalhos, depois de recheados, são simplesmente dobrados. Em quatro painéis de barro, deposita as efígies, duas em cada. E sobre cada par das ditas efígies, acama nove rodilhas de musséquenha.

Num buraco, preliminarmente assinalado com cruces a pomba e ucusso, acomoda as vasilhas, cada uma tapada com uma pedra chata. **Figurando antigos serviçais, Guênjis** em posseção em xinguiladoras feitas, buscam então pedras, que amontoam nesse mesmo lugar, formando uma pequena elevação de forma sepulcral, chamada «mesa de diculundundo». No final, cada divindade cobra o seu trabalho aos familiares das pacientes, os quais satisfazem prontamente a remuneração.

Sobre essa «mesa», as aludidas divindades depõem um galo, um carneiro e uma cabra, convenientemente atados. As pacientes sentam-se de volta. A toada mística — instrumental e cânticos — soa evocativamente, desde a chegada ao local.

Mutacalombo, «subindo» a uma delas, decapita o galo com os dentes, sugando depois um pouco de sangue. Com uma machadinha, vibra, em seguida, um golpe no cachaço do carneiro, sugando-lhe também o sangue.

A essa possessão, sucede a da mulher da Quissama, ou seja, de Suco. Utilizando o mesmo instrumento, abate a cabra. Mas não sorve o sangue.

A fim de «darem de beber zembas», as xinguladoras feitas desguarnecem-se duns paramentos chamados zembas, trazidos a tiracolo, adiante explicados, e colocam-nos no lugar para onde escorre o sangue. Com o mesmo fim — o «darem de beber» — tanto xinguladoras feitas, como as em iniciação, vão, entretanto, ensanguentando a roupa exterior.

Retiradas as vítimas, estendem na mesa dois grilhões, um de cada lado. Feito isto, depõem alguns pratos, chávenas, copos, talheres, preferentemente tudo novo, e bem assim uma pequenina ancoretta de aguardente, outra de vinho abafado e outra de vinho tinto. Entretanto, «sobem» os Guênjis às iniciandas. Então, oficiante e auxiliares oferecem-lhes vinho abafado — brinde extensivo aos Guênjis iniciais e restante assistência.

Como remate do sacrificio, o celebrante, com um pau, quebra a louça e ancoretas ⁽¹⁾. E rumam para a sua casa, os Guênjis sempre em indução. Entretanto, a quantos passavam pelo local, comidas e bebidas se lhes ofereciam à discrição.

À chegada, o sacerdote é recebido por alguns parentes das noviças com um garrafão de vinho comum. E com os animais, prepara-se um festim. Mas a sua carne é interdita às pacientes.

«Pedra» de Muene-Congo

Não em encruzilhada, mas no terreiro onde tem ocorrido a função, Muene-Congo é novamente evocada. Mas de tarde.

Actuada a deusa, uma auxiliar atira para os olhos da paciente uma moinha composta de jindungo, tacula manipulada e alfazema. Em seguida, apresenta-lhe a cheirar uma cestinha — a gonga — contendo a mesma mistura. Se espirrar, a indução é falsa.

Após essa demonstração de autenticidade, a auxiliar ensina-lhe

(1) Rigorosamente, é com as aduelas destes rituais que se fabricam os muxacatos — instrumentos divinatórios — referidos no cap. «Adivinhação».

a persignar-se. E então o sacerdote lhe aplica o pêlo, que é um dente de jacaré, e o qual lhe passa uma vez pela língua. Mas tais operações, como já dissemos anteriormente, são executadas sob um lençol, em jeito de pálio.

Verificada a mediuminidade, o celebrante faz-lhe, no dorso da mão direita ⁽¹⁾, as cruces a pomba e ucusso. Depois, com os mesmos pós, marca, alternadamente, na face dum facão, oito riscas longitudinais. Então várias xinguiladoras, segurando um porco, apresentam-lho em postura de abate. E a divindade crava-lhe o facão, pela brecha lhe sorve um pouco de sangue.

A Muene-Congo, sucede D. Pedro Mazárti — possessão essa que também ocorre nas xinguiladoras feitas. Assim induzidas, limpam a rês, esquartejam metade, pois a outra metade constitui pertença do oficiante, e cozinham-na finalmente. Como petisqueira, também cozem mandioca, dendém, e, estando-se na época, massarocas, torram jinguba e descascam cana doce. Enquanto cozem os alimentos, as divindades, ao ritmo do instrumental citado, dançam animadamente.

Preparado, na ocasião, o fúnji de bombó, banqueteiaram-se todos. Além dos alimentos referidos, ainda comem banana e quicuanga. As pacientes não tocam na carne.

Efectuado o festim, as divindades libertam-se. Mas, na manhã seguinte, Muene-Congo é novamente evocada. O pai-de-umbanda dá-lhe jindungo-do-congo e apresenta-lhe ao nariz uma garrafinha com aguardente, tapada com uma moeda e um lenço. A divindade aspira fortemente, perdendo a bebida a força natural.

Muene-Congo vai-se. A mesma paciente, «sobe» agora Mussunda Ganga. De bruços, deitada no chão, a deusa contorce-se e geme. Uma auxiliar despeja, junto dela, duas ou três canecas de água. Os parentes aproximam-se. A deusa, para lhes restituir a saúde e a felicidade, esfrega a mão no molhado e besunta-lhes o corpo. Por fim, um deles, com uma nota em cada mão, oferece-lhe o donativo, a fim de a erguer do solo. E o espírito vai-se.

Após os sacrifícios, as pacientes recolherão a um quarto — o quarto-do-coza — a fim de reverenciarem as divindades, acto este qualificado de «kukoza». Aí, permanecerão oito dias, mas paramentadas: na cabeça, com um lenço guarnecido de quatro jimbambas — uma na testa, outra em cada fonte e outra no topo; a tiracolo, formando x, com as patacanhas; e na cintura, à frente e atrás, com as

(1) Como já frisámos atrás, o xinguilador em possessão representa a divindade.

micungas. Esses utensílios são de fibra de embondeiro e foram manufactuados pelo pai-de-umbanda.

Durante a reclusão, as pacientes não poderão dormir na cama, e a higiene só se estende à boca, cantos dos olhos e sexo. O aposento não é franqueado a todos: só a crianças e a mulheres solteiras se permite o acesso. E se alguma casada tiver que o frequentar, guardará continência durante esse período.

Durante a clausura, as pacientes friccionarão numa pedra, mas cada qual em sua, um pedaço de tacula. Com a serradura, depositada num coco com óleo de palma, manipularão nove bolinhas do tamanho dum ovo de pomba, designadas por «filhos-dos-calundus».

A fim de se deliciarem com a tacula e óleo de palma, quer besuntando o corpo e roupas, quer ingerindo a mistura, as divindades tornam a induzir nesse mesmo quarto. Na possessão de D. Pedro Mazárti, oferecem-lhe um cálice de aguardente. E se actuar um novo calundu, o pai-de-umbanda ministra-lhe logo o pêlo respectivo.

Dado o caso de se manifestar o cataménio, a acometida suspenderá a tarefa.

Ao nono dia, o pai-de-umbanda ata, no braço e perna direita de cada paciente, a fim de anular qualquer mau olhado, um entrancado de fibra de embondeiro — a quijita — enodado com cinco nós. Nesse dia, sob o instrumental já citado e hinos alusivos, realiza-se nova solenidade: é a congregação das divindades — *kusangesa ilundu* — cuja quantidade o celebrante verifica pelo número de nós dados num cordão, pois, nesta função, as entidades que forem actuando, são por ele confrontadas. E então, como em oportunidade anteriores, dançam entusiásticamente.

No final dessa série de ritos, o pai-de-umbanda prepara as zembas, que são umas cintas fechadas, umas de baeta azul, outras de baeta encarnada e outra de pano cru, contendo, as duas primeiras, um fragmento de pena de andua, outro de garça, outro de sebo de caga, outro de crina de elefante, uma escama de pangolim, e, resultante de carbonização, cinza dos seguintes materiais: lixo apanhado nas proximidades dum estabelecimento de grande movimento; lixo apanhado nas proximidades dum mercado; e, apanhada em qualquer sítio, uma rodilha desprezada de carregador — materiais estes reservados da colheita efectuada pelos parentes das noviças, a quando da feitura dos mazacos.

A terceira — a de pano cru — que, dada a sua característica espiritual, só se manufactura uma, leva, além dos ditos fragmentos

de pena de andua, de garça, de sebo de caça e de crina de elefante, os seguintes elementos: serradura de quissécua e de quicongo, e, relativas ao cadáver de que procedem os calundus, aparas de cabelo e de unhas das mãos e dos pés — aparas que, em mística, se denominam «inongo» (1). Se o dito familiar ainda não tiver falecido, esta zemba só se prepara após o seu passamento; e se, por qualquer eventualidade, as citadas aparas se tenham extraviado, «geram-se» outras, isto é, o pai-de-umbanda manipula um preparado que as representa.

Para a elaboração, junta, primeiro, no centro da faixa, todos estes preparos. Dobrando-a longitudinalmente, cose, pelo comprimento e lados, a parte abrangida pelo recheio, formando como que uma almofadinha. Após esta operação, coserá então a faixa toda, unindo os extremos.

Conforme as cores dos tecidos, assim se consagram as zembas: a Quibala-Muíji — divindade fundadora de cada geração — a de baeta azul; aos maculos — antepassados — a de baeta encarnada; e ao familiar de que procedem os calundus — a de pano cru.

Havendo actuado Úfi — o deus da caça — mas da geração, também se lhe consagra uma zemba. É igualmente de pano cru. Mas o recheio, em vez das aparas de cadáver, incorpora uma moeda antiga de cobre e folhas pulverizadas referentes a essa divindade. No demais, a mesma coisa.

As zembas são envergadas a tiracolo, mas formando x, mesmo sobre as vestes. Usam-se de quando em quando, durante oito dias, e, simbolicamente, nos rituais de iniciação e de morte de xinguilador, ou, protecionalmente, em longa viagem pedestre. Nas funções apontadas, usar-se-ão todas, e, nas viagens, apenas as de baeta azul e encarnada. Num caso ou noutro, a xinguiladora besuntará o cabelo com uma mistura de tacula com óleo de palma e ostentará um turbante azul, em xadrez, guarnecido de jimbambas, quatro a quatro, em cruz, em cada um dos seguintes lugares: frente, lados e topo. É o lenço de Suco. Mas igualmente besuntado com o mesmo preparado. Por isso, sobre-põem-lhe um outro vulgar.

Se, por direito de sucessão, se herdar as zembas duma parente, também se exhibirá, juntamente com as suas, as zembas herdadas.

Para se manter em harmonia as divindades, consequentemente

(1) Por morte de alguém, é usual cortar-se ao cadáver um pouco de cabelo e de unhas das mãos e pés — aparas que se guardam numa cinta fechada, também denominada «zemba» — zemba dos incngos — quer para lembrança, quer para fins místicos.

para se alcançar a sua graça, quer dando saúde, quer afastando do mal, quer, enfim, velando pela felicidade, as zembas, pela lua-nova, devem ser embebidas numa mistura de vinho e mel — acto especificado por «kunuisa o jinzemba», ou seja, «dar de beber às zembas». Outrossim se procede nos sacrificios propiciados às divindades, como os do noviciado, não com a mistura de vinho e mel, mas sim com o sangue que escorre dos animais imolados. Mas a parte que se banha, é a do recheio.

Cada inicianda recebe dois destes paramentos — o de baeta encarnada e o de baeta azul. O de pano cru só toca à mais velha, por representar a cabeça do noviciado, igualmente lhe cabendo o consagrado a Uii, caso essa divindade tenha actuado. Só por herança se aumenta o número das zembas.

Nota

Como, no aportuguesamento das divindades, tivemos que traduzir as preposições, vamos apresentar esses mesmos nomes com a preposição original, a fim de vincarmos a característica inicial, e mesmo porque é assim que se usam em linguagem corrente portuguesa. Se modificámos tal partícula, foi simplesmente para clareza.

Eis, pois os nomes alterados propositadamente:

Banguela <i>de</i> Gombo	Banguela <i>dia</i> Gombo
Cuco Muquita <i>de</i> Suco	Cuco Muquita <i>a</i> Suco
Dembo <i>do</i> Congo	Dembo <i>a</i> Congo
Diculo <i>de</i> Gombo	Diculo <i>dia</i> Gombo
Dijila <i>de</i> Solongongo	Dijila <i>dia</i> Solongongo
Dinhanga <i>de</i> Quitúxi	Dinhanga <i>dia</i> Quitúxi
Gonga <i>do</i> Puto	Gonga <i>a</i> Puto
Guênji <i>de</i> Gombo	Guênji <i>dia</i> Gombo
Lemba <i>de</i> Calombo	Lemba <i>dia</i> Calombo
Lemba <i>de</i> Hãhi	Lemba <i>dia</i> Hãhi
D. Manuel <i>de</i> Gombo	D. Manuel <i>dia</i> Gombo
D. Maria Cumequeta <i>de</i> Máji <i>de</i> Guba	D. Maria Cumequeta <i>cua</i> Máji <i>ia</i> Guba
Massango <i>de</i> Bunda	Massango <i>a</i> Bunda
Muquita <i>de</i> Suco	Muquita <i>a</i> Suco

D. Pínji <i>do</i> Luango	D. Pínji <i>a</i> Luango
Quiala <i>de</i> Ganguela	Quiala <i>dia</i> Ganguela
Quitédi <i>de</i> Muene-Congo	Quitédi <i>quia</i> Muene-Congo
Santo <i>de</i> Cazola	Santo <i>ia</i> Cazola
Õii <i>de</i> Gongo	Õii <i>dia</i> Gongo
Zumbi <i>de</i> Gana	Zumbi <i>ia</i> Gana

PÊLOS

O pêlo é o reagente da possessão, e, nalguns casos, também prova. Varia conforme a entidade actuante.

Em possessão de muculo ou de qualquer outra alma, o sacerdote passa pela língua do iniciando, rapidamente, cada operação nove vezes, primeiro uma faquinha, depois uma agulha, depois ainda uma acha em fogo ⁽¹⁾, dando-lhe por fim a beber o dicosso-das-almas. Se gritar, a indução é falsa. A acha é enlaçada com uma fibra de embondeiro, para destruir qualquer mau olhado.

Em possessão de calundu, passa-se pela língua, apenas uma vez, o instrumento respectivo, abaixo especificado. Se as divindades pertencerem a uma mesma «pedra» ou secção, o pêlo, salvo nalguns casos, não difere entre as entidades desse mesmo grupo. A comprovação da possessão verifica-se no quarto-do-coza: se xinguilou falso, morre por efeito de cubamento ou praga, feita pelo celebrante, atraindo a cólera de Quitédi de Muene-Congo.

Eis alguns pêlos de calundus:

Para Diculundundo — Osso de palanca.

Para Dinhangá Assassino — Osso de rato de palmeira.

Para Dinhangá de Quitúxi — Noz de coração humano, correntemente designada sob a dissimulação de «coração do país» (muxima ua xi), «nozinha de cola de Bango» (kadikezu ka Mbangu), «coração

⁽¹⁾ Como já ficou dito no cap. «Iniciação de Xingullador», outros ocultistas, em cada acto, apenas operam uma ou duas vezes, e o fogo é previamente mergulhado no dicosso-das-almas. Outros ainda, embora empregando o fogo vivo, aplicam alternadamente a faca e a agulha.

Além dessas ministrações, outros ocultistas, tocando o dedo no chão, a fim de impregnarem o paciente das virtudes do mundo exterior e interior — xi ni mavu — com ele também lhe passam pela língua. E na raspagem da faquinha e da agulha, de cada vez que operam, limpam o utensílio à testa — norma esta também extensiva aos pêlos dos calundus.

de pobre» (muxima ua pulungu), «vidazinha» (kansuenhu), ou, simplesmente, «noz de cola» (dikezu).

Para Gombo — sal-gema. Mas com uma raspagem inicial com a faquinha, apenas uma vez.

Uma outra ocultista, pois estes pêlos foram revelados por uma sacerdotisa, dá a cheirar noz de cola, gengibre seco, sal-gema, tudo contido num pires, onde também se coloca uma colher de chá, e, contido numa garrafa, coberta com um lenço branco, vinho branco.

Para Lemba — Mistura de óleo de palma com mel. Mas dada a beber na ocasião.

Para Mucuí-Quitúxi — Como é uma simples alma, aplica-se a faquinha, a agulha e o fogo.

Nesta possessão, a dita ocultista emprega osso de onça.

Para Muene-Congo — Dente de jacaré.

Para Mutacalombo — Osso de elefante ou pacassa.

Para Mutanjínji — Osso de pacassa, elefante ou cavalo marinho.

Para Santo de Cazola — Um crucifixo e uma moeda de prata. Mas com uma raspagem inicial com a faquinha, apenas uma vez.

À exceção dos restantes componentes da «pedra», o do Banguela é ferro.

Para Suco — Sal-gema.

Para Úii (da geração) — Osso de pacassa. Mas recebido em cima duma árvore, para onde sobe a divindade, consequentemente o paciente.

Para Vúnji — Osso de cabeça de cobre cuspideira ⁽¹⁾.

Nesta possessão, a dita ocultista emprega o bico duma galinha preta e um corninho contendo uma mistura de mel, óleo de ricino e folhas pulverizadas.

⁽¹⁾ Acerca do pêlo desta divindade, a ocultista que nos forneceu os elementos deste capítulo, mais tarde, depois de nos ter dito que o pêlo de Vúnji era osso de cabeça de cobra cuspideira, declarou-nos, com surpresa nossa, que não nos revelaria o pêlo da dita entidade, nem que a esportulássemos com dois contos!

CERIMONIALISMO DO XINGUILADOR

Na falta de parentes para a efectuação duma dissaquela, os interessados adquirem meia peça de fazenda, três metros de baeta encarnada, três de baeta azul e outros três de zuarte.

Sobre o primeiro volume, meio desdobrado, os interessados sobrepõem as mãos direitas. Então um ocultista, sob possessão de qualquer divindade, derrama, na última mão, uma pitada de pomba ou cinza. Ao retirarem as mãos, o último sacode-a para o pano.

Com os outros tecidos, procede-se análogamente, mas sob possessões determinadas: com Mutacalombo, para a baeta encarnada; com Cuco Muquita, para a baeta azul; e com Suco, para o zuarte.

Atados separadamente, os embrulhos são arrecadados cuidadosamente, de modo que conservem o pó que se sacudiu. Se, por descuido, o pó se escapar, os calundus apoquentarão de novo, infligindo rebeldes enfermidades e azares — os usuais meios de que se servem para se manifestarem.

Para se obstar ao mal, impõe-se novo cerimonial. Entretanto, mesmo que nada de anormal tivesse ocorrido, isto no tocante à conservação do poder místico, a renovação da liturgia também se torna necessária de onde em onde, num período duns três anos.

Este penhor, denominado «*dunda*», transmite-se numa sucessão de linha donde procedem os calundus manifestantes, portanto paterna ou materna, até que, havendo já o número suficiente de familiares, se possa efectivar a imperiosa dissaquela.

Pela semelhança e efeito, a *dunda* corresponde a mazacos de maior importância, como se poderá depreender da explanação a este respeito, no cap. «Iniciação de Xinguilador».

A xinguiladora não pode xinguilare em estado de regra, nem de fralda. No primeiro caso, a divindade não actua, e no segundo, ela arranca-lha diante de todos. Para se resguardar, deve prevenir-se de

calças femininas, ou, sendo atrasada, passar um pano por entre as pernas, amarrando as pontas à cintura ⁽¹⁾.

Quem, em sessão evocatória, não quiser xinguilar, para evitar a actuação, mete um alfinete no cabelo. Espíritos maus, entretanto, tanto massacram o xinguilador ⁽²⁾, que ele acaba por aceitar a possessão.

Quando alguém, por doença, teve que xinguilar, mas que, por acanhamento, não o pretende fazer mais, o pai ou mãe-de-umbanda «fecha os candus» logo após o noviciado, irradiando-os para sempre. Quanto às miondonas, permanecerão mudas, apenas se manifestando em sonhos.

Quando um homem, sobretudo já mais esclarecido pela civilização, não quiser usar determinados paramentos, como cordões de missangas, turbantes e outros objectos mais do uso feminino, o oculista, em ritual apropriado, «compra-lhe a cabeça».

Para se sofrer uma indução, o xinguilador deve desguarnecer-se de certos acessórios, como calçado, calças, vestido, enfim, de certos luxos do Progresso. Se assim não proceder, os calundus, sobretudo Gombo, arancam-lhe esses utensílios.

O homem, para remediar semelhante horror das divindades, basta envolver-se, sobre as calças, com um pano. Mas sem os sapatinhos. E a mulher terá que trocar, durante a possessão, o traje europeu pelo africano. Quer dizer: vestir-se-á de panos.

Para se manter as graças do Santo de Cazola, arranjam-se três copos — um pelo interessado, mesmo que não xinguile ⁽³⁾, outro por parte da mãe e outro pela do pai — contendo, cada um, pomba ou pó de arroz, incenso, dois ou três caurins, uma moeda de prata e um crucifixo atado com uma fita azul, sendo o mesmo, conforme o desejo do santo, de prata ou de ouro. Quem quiser, também o pode usar ao pescoço.

Os copos, preparados litúrgicamente pelo quimbanda, são arrecadados numa mala, e, pela lua nova, defumados.

Quando um xinguilador vai por uma mata, e nela se encontra

⁽¹⁾ Mesmo sem a manifestação do cataménio, a mulher africana que ainda mantém o traje regional, usa permanentemente a fralda.

⁽²⁾ Para os casos gerais, empregamos a forma masculina.

⁽³⁾ Para o bom êxito da nossa tarefa literária e, conseqüentemente, da parte económica, o deus **Mavília Bongo**, já referido no cap. «Divindades» aconselhou-nos a possuir esses copos da felicidade. Então, sim, obteríamos muito dinheiro, não seríamos vítimas dos moscardos dos caloteiros — esses malditos parasitas que, criminosamente, nos ferram com o agulhão do seu calote. É que, dada a pobreza do ambiente literário, muitos livros, para facilidade da venda, além das livrarias onde estiveram colocados, também foram passados directamente por intermédio de pessoas amigas e conhecidas.

um caçador, se ele xingular **Dinhanga**, essa divindade actua logo para o avisar. Quando o caçador surge, em vez de o agredir, como muitas vezes acontece, ajoelha-se perante a divindade e dá-lhe a noz de coração humano, pela divindade solicitada.

Nessas travessias, os xinguiladores andam providos, além dos acessórios usados pelo extinto vitimado por crime, de algumas peças da indumentária mística, exibidas durante a reclusão da iniciação, como os panos e micungas. Em substituição do quitundo, põe na cabeça o *muhengue*; e em substituição das patacanhas, as *zembas*, com aplicações de guisos.

Quando, por dívidas atrasadas de honorários, o ocultista deseja a sua efectuação, expõe ao sol a sua *gonga* ou pasta, batendo-lhe de espaço a espaço, proferindo: «anda, vai buscar o dinheiro!».

Quando um xinguilador falece, aplica-se-lhe às narinas um bocado de algodão, a fim de, com a irradiação dum ocultista, seguida de possessões nos xinguiladores presentes, expelir um pouco de sangue. Este acto, designado por «pedir a *dua*», destina-se a evitar que a alma venha perturbar a saúde da família.

O sangue só é solicitado ao extinto, quando, no ritual da iniciação, oblatou as divindades com o sacrificio competente. Como, no acto, a divindade sorveu sangue, esse mesmo sangue deverá ser restituído.

O algodão, depositado numa cinta fechada, denominada «*zembra*», constitui pertença do parente mais próximo do ramo do extinto, transmitindo-se numa sucessão homogénea, até completa extinção do dito ramo — data então em que se enterra o acessório místico. A cinta é usada de quando em quando, sobretudo pelo novilúnio, transversalmente ao peito, em cima da roupa.

Em possessão em óbito de xinguilador, em longa viagem pedestre, em determinados rituais, o xinguilador exhibe os paramentos simbólicos aos cultos de certas divindades.

Para *Gombo* de *Cazola* ou da *Afeição*, ostenta ao pescoço um cordão de missangas, formado intercaladamente de duas ou três compridas, raiadas de duas ou três cores, com outras tantas redondas, mas encarnadas, chamadas «missangas-de-maria-segunda», figurando sempre uma ou duas brancas.

Para *Gombo* de *Quitúxi*, ou do Crime e para *Gombo* de *Muíji* ou da *Geração*, o cordão, único para ambas as divindades, é idêntico ao anterior, apenas não abrangendo as missangas brancas.

Para *Vúnji* de *Cazola* ou da *Afeição* e *Vúnji* de *Muíji* ou da *Geração*, um cordão único de missangas brancas.

Para Vúnji de Quitúxi ou do Crime, um cordão de missangas brancas, pretas e encarnadas, intercaladamente dispostas duas a duas ou mais.

Para Quissanga de Vúnji, um cordão de missangas pretas.

Em virtude do elevado custo das missangas compridas, pois cada uma pode valer 50\$00, os fios consagrados a Gombo, inicialmente, contêm poucas pedras. O seu preenchimento efectua-se aos poucos, na medida do possível.

Para Sereia, a xinguiladora ostenta na cabeça um turbante com nove jimbambas — três na testa e outras três nas fontes, dispostas em triângulo.

Para Gongga, usa ao pescoço o amuleto consagrado a essa divindade.

Consta dum saquinho contendo uma moeda de prata, ou, na falta, de níquel, um dedo de galo encarnado (¹), folhas pulverizadas de determinadas plantas, espuma das iguarias cozinhadas no festim consagrado às miondonas, e migalhas das guloseimas apresentadas nessa oferenda.

Se a Gongga for europeia, o invólucro é tecido com fio de pesca; e se africana, com fibra de embondeiro, acontecendo outro tanto ao cordão. Quanto ao feitio, pode apresentar uma convexidade, se o possuidor não for gémeo, e duas, se o for.

Para Gonggo, um amuleto de madeira com uma ou mais efigies.

Para interpretar Muene Congo, o xinguilador ata ao pescoço um lençol, sob o qual a divindade acoberta quem a ele recorre.

Para Cuco Muquita de Suco e Suco, cobre-se com um enorme pano zuarte, à maneira de xaile.

Para Mutacalombo, com uma baeta encarnada; e para Mutanjínji, com uma baeta azul. Ambas também à laia de xaile.

Para Santo de Cazola, veste-se todo de branco, incluindo, conforme o sexo, uma camisa ou blusa de mangas compridas. Na falta dessa indumentária, basta cobrirem-se com um pano branco, mesmo sobre a roupa trajada.

Para interpretar Dinhangá, ostenta, à cintura, uma moquinha, e, na mão, como que espetando na sua própria ilhargá, uma machadinha.

(¹) Outros ocultistas não empregam esse elemento, havendo outros que empregam o recheio consoante a procedência da divindade.

ADIVINHAÇÃO

A adivinhação pode ser espiritual e material.

A espiritual exerce-se por actuação directa ou indirecta. Na directa, o espírito age sobre pessoa: adivinhação de cabeça (muzambu ua mútue); e na indirecta, sobre coisa; adivinhação pelos do Além (muzambu ua malunga).

A material pode ser: de muxacato (muzambu ua muxakatu); de casa patronal (muzambu ua kilumbu); de mão (muzambu ua maku); de cabaça (muzambu ua mbinda); de copo (muzambu ua kopo); de leque (muzambu ua kitanda); de chocalho (muzambu ua saxi); de efervescência (muzambu ua dikau); e mais outros processos.

Na actuação directa, o ocultista funciona como simples instrumento de mediumidade. Este acto, como já se viu, designa-se xinguilar. O médio, em relação ao espírito, chama-se catulo ⁽¹⁾; e em relação aos viventes, não importando o sexo, mulher-de-espírito, mulher-de-escravidão, xinguilador, e, vernaculamente, «ndumbe» ⁽²⁾. Esclarecendo: o espírito, referindo-se ao médio, emprega o termo «catulo», e os viventes, os outros.

Conforme a entidade a evocar, assim o quimbanda se para-menta ou se caracteriza. Entretanto, é sempre sentado num banquinho que sofre a indução.

(1) De «kutula»: confidenciar.

(2) Este vocábulo provém de «ndumba»: muitos. Dentre as quatro designações, a corrente, em português, é a de «xinguilador».

No Brasil, segundo lemos em «O Negro Brasileiro», pelo Prof. Dr. Artur Ramos, e em «Cultos Afro-Brasileiros do Recife», pelo Prof. Dr. René Ribeiro, usa-se o termo «cavalo sento», com a significação de «instrumento mediúmnico». Segundo Querino, citado por este segundo folclorólogo, a expressão também é empregue na África Ocidental.

Nesta região, pelo menos, não é conhecida. Mesmo de qualquer outro território africano, a versão nunca poderá dar «cavalo», com o sentido de «almária», mas sim «amigo». Em quimbundo, «cavalo» diz-se «kabalus». E isto por nacionalização, em virtude do exotismo desse animal. Logo, «montar o cavalo» na acepção de «actuar o médico», é dicção inaceitável. É verdade que «actuar», em quimbundo, reproduz-se por «subir». Assim, diz-se: o calundu subiu à cabeça.

A divindade que actua em cabeça para adivinhar, é o Banguela de Gombo. As outras aconselham simplesmente, e, conforme a sua função, medicam ou aplicam a justiça.

Para interpretar o Banguela de Gombo, o sacerdote caracteriza verticalmente, com três riscas, as regiões angulares dos olhos, fontes e testa, aqui apanhando o centro a toda a altura. Cada marcação é feita com produto diferente — pamba,ucusso e pó preto — mas parcialmente cada aplicação. Primeiro pinta, a uma cor, cada uma dessas regiões.

De harmonia com o desejo da divindade, assim se paramenta o ocultista: se for mulher, pode apresentar a sua roupa natural, ou um enorme vestido; se for homem, ou o dito vestido, ou um pano atado à cintura, sempre ocultando as calças, caso use essa vestimenta, pois o Banguela de Gombo sente horror a calças, e também a calçado. E já agora, a dinheiro em papel também. Homem ou mulher, ostenta na cabeça um bioco de pele de raposa, descaindo até ao limite do peito; à cintura, um avental de pele de leopardo; e ao peito, um cordão de missangas.

Nesta possessão, mas só em prática divinatória, o intérprete utiliza um espelinho redondo, pregado à pele duma espécie de gatinho selvagem, funcionando esta como estojo. Quando a divindade surge, o que obtém por um chocalhar de dois chocalhos de cabaga, um em cada mão, mas arrotando simultâneamente, volta o véu para trás e lança sobre o espelho uns pós de pamba, que espalha com um sopro.

Já sem a chocalhada evocativa, vai lendo os acontecimentos no espelho. Se nota um embaraço, saca dum rabo de palanca — o mussesse — a cuja base se prende uma bolinha com pós vegetais. Então aspira a bolinha, arremessa para os lados um pouco de pamba, e, com um esconjuro, enxota com o rabo o empecilho.

As divindades, por se exprimirem numa linguagem desconhecida ou pouco compreensível, tornam a explicação inacessível aos consulentes. Então alguém, ordinariamente o aprendiz, esclarece a fala.

No momento da desactuação, o médio alça vigorosamente os braços, um de cada vez, saltando como ave levantando voo. Outros batem com a cabeça na parede.

A adivinhação espiritual indirecta exerce-se de vários modos: num santuário — dilombe — aromatizado com alfazema ou outra erva

de cheiro, com mesa coberta de toalha, bacia de rosto e toalha respectiva; por um boneco de pano, envolvido em roupas, sob um chapéu; por uma trouxinha; por uma espécie de telefone — corda suspensa duma porta, pela qual desliza uma cabacinha.

Os espíritos que assim actuam, são as malungas. Foram indivíduos das raças branca e preta, sendo as malungas daquela procedência denominadas especialmente de «santos». Diferem dos santos de Cazola, por não actuarem em pessoa. Os seus avisos devem ser observados. De contrário, sucedem azares.

Em qualquer dos casos, excepto no do telefone, a comunicação efectua-se por um assobio, que o sacerdote interpreta.

Com o telefone, procede como se falasse por um desses instrumentos, apenas aplicando o fio ao ouvido. De quando em quando, vai formulando perguntas ao espírito, esclarecendo depois o consulente com as respostas.

Para iniciar, o ocultista senta-se num banquinho e arremessa a cabacinha para cima. Se descer, o espírito não está presente. Se se mantiver no alto, está.

As malungas também podem manifestar-se por escrito. Para isso, o consulente introduz numa cana um papel, todo dobradinho, cana essa que o intérprete coloca numa mesa, em aposento fechado. Antes de meia hora, abre a porta e retira o papel, então escrito com a resposta.

Na adivinhação pelo **muxacato** ⁽¹⁾ de tábua — pedaço de aduela ou de madeira especial, duns vinte e cinco centímetros de comprimento, com uma concavidade longitudinal ao centro, onde, por atrito, se faz correr, em todo o comprimento, um pauzinho denominado «filho» — o hariolo procede do seguinte modo: primeiro, traça com pomba ou cinza ⁽²⁾, uma cruz em cada face das mãos; depois, com o mesmo pó, assinala outra cruz no pauzinho, e, na tábua, quatro riscos — um longitudinal e três transversais.

Cumprido este preceito, vai formulando uma série de perguntas, fazendo deslizar o pauzinho. Enquanto girar livremente, a pergunta não corresponde ao facto. Só o emperramento traduz afirmação. Então, para despegar o pauzinho, o áugure lança sobre o instrumento uma pitada de cinza.

(1) De «kuxakata»: arrastar os pés.

(2) Em mística, a cinza toma o nome de «pomba-la-ngola-kltuanji-kia-samba».

Para melhor compreensão desta manobra, remetemos o leitor para «Uanga», onde accionámos uma adivinhação deste género. Lá, também figura a explicação da feitura do instrumento.

Pelo muxacato de mão, o vaticinador, circunscritas ambas as mãos — palma e dorso — com círculos marcados com qualquer daqueles produtos, realiza um vaivém de atrito, como que em esfregamento. Tal como pelo processo anterior, a negação manifesta-se pela continuação do movimento, e a afirmação, pelo emperramento.

A adivinhação de casa patronal, assim chamada por sugerir o sistema adoptado pelos antigos amos sobre os escravos, para os obrigar a confessar, efectua-se através dum ferro em brasa.

Depois do interrogatório ao suposto delinquente, o quimbanda, primeiro, deita no fogo uma pena de galinha. Se for verdade, a pena queima-se; se for mentira, retorce. Mas como a confissão raro se faz, isto é, como geralmente se mantém a negativa, a confirmação obtém-se com o ferro em brasa. Se o acusado se queimar, é realmente o próprio; não se queimando, está inocente.

Na adivinhação de mão, o quimbanda faz em ambas as mãos — palma e dorso — uma cruz com pemba. Com os olhos fixos na mão direita, como que a lendo, vai tecendo o questionário. De quando em quando, vai-lhe deitando uma pitada do mesmo pó. Se for verdade, meneia afirmativamente a cabeça.

Na adivinhação de cabaça, deita-se água numa cabacinha furada nos lados e base. Se, ao interrogatório, o líquido se escoar, não é verdade. Caso contrário, a acusação é verdadeira.

Na adivinhação de copo, faz-se no chão uma cruz a pemba. A medida que se interroga, vai-se rodando o copo. Se emperrar, é verdade.

Para o desprender, toca-se-lhe com o dedo e lança-se sobre ele uma pitada de pemba ou cinza.

Na adivinhação de leque — objecto com essa forma, constituído de varetas de bordão — o adivinho, com esse instrumento aberto, vai formulando perguntas, atirando-lhe, a espaços, pitadas de pemba. Se se mantiver aberto, é verdade.

Quando se fecha — sinal de negação — toca-lhe com o dedo, para se abrir, ao mesmo tempo que lhe deita pemba.

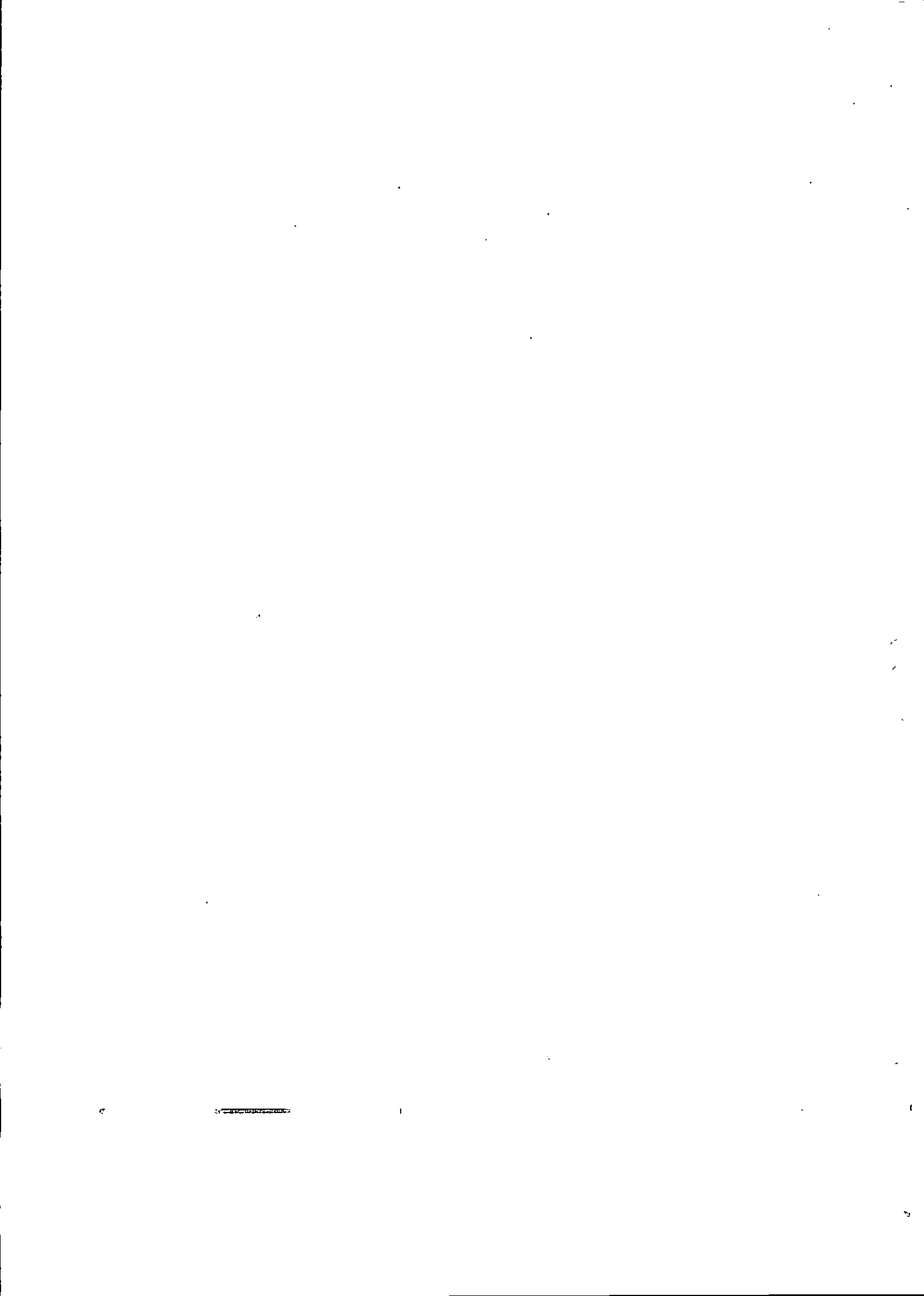
Na adivinhação de chocalho — instrumento formado de três cabacinhas introduzidas numa varinha — o ocultista, com esse objecto erguido, ficando as cabacinhas a meio da haste, vai fazendo perguntas,

atirando-lhe pomba de vez em vez. Se for verdade, as cabacinhas não se deslocam; sendo mentira, vão para baixo.

Na adivinhação de efervescência, deita-se água numa cabacinha. Se, ao interrogatório, o líquido produzir efervescência, é verdade; se permanecer na mesma, é mentira.

Seja qual for o processo adoptado para a determinação duma causa — doenças, azares, sonhos, falecimentos — o poder é conferido, ou por alma de quimbanda — muculo — ou em sonho pelos guias tutelares — miondonas — ou por outro quimbanda, e, neste caso, é o interessado quem escolhe a espécie do instrumento. A preferência — note-se — só se estende à adivinhação material, pois a espiritual resulta de eleição da respectiva divindade.

Embora todas as divindades possam esclarecer-nos sobre o que pretendemos, só o Banguela de Gombo se pronuncia abertamente, sem a intervenção de perguntas nossas. Quer dizer: com as outras divindades, vamos perguntando o que nos interessa, ou antes, pedimos-lhe o seu conselho; e com o Banguela de Gombo, ele próprio se encarrega de dizer o que aconteceu e está para acontecer. Desta diferenciação, emprega-se, para aquelas, a expressão «kuia mu beza» — ouvir a divindade; e para o Banguela de Gombo, estotra de «kuia ku muzambu» — ir à adivinhação.



RITOS DIVERSOS

Expulsão do Forasteiro (Kutubula o Ngenji)

Quando um parente se havia dedicado à compra e venda de escravos, ou mesmo ao simples negócio com o gentio, por sua morte, a alma, coagida pelas **almas dos forasteiros — jinguênji** — com quem transaccionara, os quais zombam dele pela perda da sua importância terrena, ocasiona doenças ou reveses à família.

Descoberta a causa por adivinhação, impõe-se consagrar-lhe uma dissaquela propiciatória, a fim de se pôr termo a tal desfruto.

Como semelhante sessão absorve bastante dinheiro, o quimbanda, como penhor de sua efectivação, prepara a comercial muhamba — o artefacto gentílico para condução de mercadorias.

Com folhas de palmeiras, faz uma espécie de cesto. Depois, recheia-o com um prato velho, uma panela velha, mais coisas velhas, uma botija vazia, uma savelha seca, um bocado de sal atado num retalho, uma missanga branca — distintivo do Gombo de Cazola ou da Afeição — e outra missanga de cor — distintivo do Gombo de Muíji ou da Geração.

Reunido o dinheiro suficiente, num montante não inferior a quatro contos, realiza-se a dissaquela, tal como já foi descrita. Mas, dias antes, procede-se ao funeral místico do aludido parente.

Para tal, o pai ou mãe-de-umbanda fabrica uma efígie de madeira, e, conforme o sexo, assim a veste — com calças, vestido ou panos. Se o extinto foi um grande comerciante, o corpo simbólico é encerrado num arremedo de caixão. Mas se foi insignificante, apenas é deposto numa esteirinha.

Num caso ou noutro, o alegórico defunto é sepultado no quintal ante possessões de forasteiros e funantes, representando aqueles os

antigos escravos ou gentios com quem negociara, e estes os da sua *kukatula o kixila* — depositam, em cada canto da cova, quatro vasilhas com dicosso.

Se se tratar de casal que se entregara ao referido negócio, o cerimonial estende-se a ambos, cada qual em seu caixão ou esteira, mas em sepultura comum.

Após a dissaquela, vai-se a uma encruzilhada, afastada do povoado, para expulsar o **forasteiro** — *kutubula o ngenji*. Aí, o pai ou mãe-de-umbanda traça no solo uma cruz a pomba, cavando em seguida, no lugar assinalado, um buraco. Nele, assenta duas painelas, chamadas de «maculos», contendo, cada uma, um fragmento de pena de garça ⁽¹⁾, outro de andua ⁽²⁾, outro de crina de elefante, outro de sebo de caça e quatro rodilhas de musséquenha — vasilhas essas que tapa com uma pedra chata.

Entretanto, almas de forasteiros em possessões carretam pedras para junto do sítio da operação. Com elas, o pai ou mãe-de-umbanda arma uma elevação de forma sepulcral — a mesa de diculundundo de funante — onde, estendido um grilhão de ferro — símbolo de escravidão — acomoda um carneiro, uma cabra e um galo, convenientemente atados.

Numa extremidade, frente a frente, sentadas numa pedra, duas familiares que se submeteram à iniciação, ao som do respectivo cântico e instrumental, sofrem várias induções. Começam pela de Mutacalombo, simbolizando o pai, e pela de Caiongo, simbolizando a mãe. Mal «sobem», Mutacalombo, com uma machadinha — dicua de Mutacalombo — vibra no carneiro, no cachaço, uma pancada, logo repetida por Caiongo. E pela brecha, sugam um pouco de sangue, ao passo que os parentes das possessas, molhando o dedo, o tocam na testa.

A essas possessões, sucede a de Mutanjínji. Como, ao invés da maioria das divindades, é única com esse nome, primeiro actua numa, depois noutra, também vibrando, de cada vez, uma machadada, mas agora na cabra. Para não transgredir as normas do deus Gombo, contrário à carne de cabra, tal como os circunstantes, só ensanguenta o dedo, que o toca na testa.

Agora actua os Dinhangas. A vítima é o galo. Um deles

(1) A pena desta ave, mas da cauda e asa, é muito utilizada em tratamentos místicos. É vendida aos bocadinhos, custando cada um cerca de 2\$50.

(2) Idem.

arranca-lhe a cabeça com os dentes, e ambos absorvem um pouco de sangue, procedendo os presentes como anteriormente.

Finalmente, vêm os Guênjis, isto é, os Forasteiros. A essas actuações, o pai ou mãe-de-umbanda, retirados os sacrifícios, coloca na mesa duas ancoretas de pequenas dimensões — uma com vinho abafado e outra com vinho tinto — a muhamba já referida, quatro pratos, dois copos, duas chávenas, duas colheres, dois garfos, duas facas, tudo novo. Depois de os dois espíritos se terem servido das bebidas, o pai ou mãe-de-umbanda, com o machado, espatifa todos os objectos.

Contemplados os assistentes com a sua parte de idênticos vinhos, seguem para a casa do oficiante, mas as xinguiladoras em possessão. Não entram: apenas se acomodam debaixo duma árvore, conversando os Guênjis entre si, os novos aprendendo com os antigos, pois, os espíritos induzidos pela primeira vez ignoram as regras mundanas.

Os animais imolados são repartidos pelo sacerdote e familiares.

Com este cerimonial, a alma do funante, livre dos sarcasmos das almas dos gentios com quem negociara, permanecerá descansadamente no Além-Túmulo.

Transgressão da primeira Regra (kubala o kikumbi)

Quando uma mulher surpreende a primeira regrã duma jovem, deve guardar continência durante o período que durar essa manifestação. A quebra deste preceito — *kubala o kikumbi* — atrai os deuses Hito e Solongongo, os quais prejudicam a moça na sua procriação, pois os filhos, ou morrem de tenra idade, ou nascem já mortos.

No caso de transgressão, para se obstar a mais mortalidade, a vítima sofre tratamento especial. Adivinhada a causa por quimbanda, posto que ela, frequentemente, sonha que está apanhando na água bastante peixe com as mãos, ou que os filhos lhe desaparecem, é a paciente encerrada num quarto, para «kukoza», ou seja, para homenagear as divindades.

Aí, acomodada numa esteira, sobreposta a um luando, friccionará num tijolo, durante nove dias, um pedaço de tacula, outro de quissêcua e outro de quicongo, facilitando a tarefa com água, que vai deitando na pedra. O produto — espécie de papa — deposita numa casca de coco. Diariamente, e isto umas duas vezes, besunta as articulações e o baixo-ventre. Como não pode lavar as mãos, limpa-as ao corpo e

à roupa. E nesse aposento, não entra mulher casada, nem solteira com namoro, e, muito menos, homem.

Ao nono dia, a mãe-de-umbanda autoriza-a a sair, e prepara-lhe então quatro trouxinhas profiláticas. Cada uma contém uma bolinha da massa referida, um pedaço de crina de elefante, outro de pena de andua e de garça, um caurim, ou jimbo em quimbundo, e sebo de caça. As trouxinhas — duas do tamanho da cabeça dum dedo, e outras duas um pouco maiores — são cosidas e amarradas com linha.

Numa lixeira, é lavada no dicosso — preparado de água, vinho, quitoto-e-maluvo, farelo de milho, cabalisticamente assinalado com cruces de pamba e ucusso — que se derrama sobre a cabeça. Antes dessa lavagem, a mãe-de-umbanda parte-lhe um ovo na cabeça, recitando um esconjuro. Se a paciente cozinhar em trempe de pedra — massúca — esta operação efectua-se na sua residência, junto desses utensílios.

Entretanto, em casa, a mãe ou a parente mais próxima fica a preparar os alimentos para serem propiciados aos deuses — iguarias idênticas às do festim consagrado às miondonas.

De volta, ao pé duma celha com água, onde também se deitou um peixe vivo ⁽¹⁾, ou, na falta, plantas do mar ou do rio, a paciente, com uma franga numa mão e um frango na outra, vai mergulhando as aves, ao cântico da mãe-de-umbanda, palmejado pelas circunstâncias :

Ê, aiué,
acreditaram na esterilidade!

Um dia surgiria,
viria Jila!

Ê, aiué
eis a alma de Calombo!
Solongongo provoca complicações,
aumenta o poder ⁽²⁾,
ê Lemba de Calombo!

Ê, aiué,
alombuela umbaku!

Kizua ukiela,
Jil'ódio!

Ê, aiué,
ndele ioiô ia Kalombo!
Solongongo muejila imbamba,
kibambekesa mbangu-mbangu,
Lemba dia Kalombo!

Esta invocação destina-se a atrair Solongongo. Se não actuar, a mãe-de-umbanda, aposta pelo debelamento do mal, atando uma moeda num retalho branco, previamente marcado com uma cruz a pamba — penhor denominado «dizaco», muito usual nos tratamentos.

(1) No interior de Luanda, é a própria paciente, amarrada a uma corda, que se mete no mar ou rio, para colher o peixe, com os dentes, já atraído pelo ocultista.

(2) Talvez das outras divindades, também contrárias à procriação.

Então, a mãe-de-umbanda consagra quatro panelas com água e ingredientes — uma a Mucuá-Quitúxi ou Alma de Vítima de Crime, outra a Hito, outra a Calombo e outra a Dijila ou Solongongo — composições que servirão para temperar as lavagens da paciente, e, posteriormente, também do filho. Depois, impõe-lhe à cintura, mesmo sobre a pele, as quatro trouxinhas, aplicadas a um cordão, postando-se paciente e ocultista de costas voltadas.

O ritual do banquete não difere do precedente, descrito no capítulo «Iniciação de Xinguilador». É tal como a prescrição observada para com a inicianda de xinguiladora, com a paciente só come quem passou por idêntico cerimonial.

Como tratamento físico, a paciente toma, frequentemente, pós de *bamba-údi-údi*. Entretanto, são-lhe impostas várias **quijilas, ou seja, limitações**: não comer galinha, nem carne de porco, nem cacusso; não ver cadáver, nem ir a óbito; estando dentro do quarto, não responder a uma chamada exterior; não cortar o cabelo, nem se cobrir com pano preto; não assobiar, nem ninguém entrar assobiando no seu quarto, assim como também ninguém lá poderá entrar de chapéu na cabeça ou a correr; quando se cozinha, é ela a ser servida primeiro; não fazer ciúmes, não sair de noite, nem ir a diversões.

No dia do parto, a mãe-de-umbanda tira-lhe as duas trouxinhas mais pequenas e aplica-as à criança. Enquanto isto se não fizer, a mãe não pode ver o filho. E o tratamento, embora menos intensamente, continua até ao segundo ou terceiro filho.

Tratamento das manifestações de Lemba

Como já ficou dito, a Lemba de Calombo, em nascimento de criança, pode revelar-se de vários modos: em ambos os sexos — por um encaroçamento nos mamilos, mas com produção de leite, ou por um semicerramento dos órgãos sexuais; só em raparigas — por um corrimento, por um prurido nos órgãos genitais, por uma excrescência linguiforme na parte postero-inferior da natureza, daí se dizendo que «nasceu parte homem, parte mulher», ou ainda por uma redução da bacia.

Para jugular o mal, oferenda-se a divindade com um festim, ordinariamente no período da infância e em vésperas de matrimónio, sendo esta fase só extensiva à mulher. Este rito completa-se com um tratamento medicinal.

Pilam-se folhas de *bamba-údi-údi*, secas à sombra. Peneirada

a moedura, a parte fina servirá para se tomar, pela manhã, com um líquido morno; e a parte grossa, será torrada, mas já no fim da operação, juntamente com a maior variedade possível de sementes, tais como: feijão, abóbora, melão, melancia, milho, jinguba, gergelim, massambala, quiabo, etc. Pilada e peneirada a composição, separam-se duas partes, sendo uma, depois de novamente pilada com um bocado de sal gema, para se tomar diariamente, e a outra, para medicamentar uma fralda.

A fralda é dobrada em triângulo. Na folha superior, deita-se um bocadinho de sebo de caça, um fragmento de pena de garça, outro de andua, outro de crina de elefante, e o pó da mistura de sementes. Novamente dobrada, traçam-se nove linhas paralelas — uma com o pó das sementes, outra com serradura de quissécua, outra com o pó das sementes, outra com serradura de quicongo, e sempre assim na alternância. Dobrada uma ponta, traçam-se nela mais quatro linhas idênticas, rematando-se a medicamentação com uma cruz a pomba, sobre toda a peça.

Ao colocar a fralda, que rigorosamente, deve ser usada durante oito dias, pois, excepcionalmente, também pode ser num, o pai ou mãe-de-umbanda invoca:

— Se é verdade mesmo que são as miondonas que te pegaram, fica melhor com o tratamento que te estou a fazer. — E injuriando os seus mestres: — Ide para o pai que vos fez, ide para a mãe que vos fez (1)! Gangas, se recebestes de verdade o medicamento dos vossos Gangas, só se durma no quarto, fora dele se passe o dia!

Este tratamento respeita às manifestações do estreitamento do orifício sexual e de excrescência linguiforme da parte postero-inferior do órgão feminino.

Nos casos de corrimento, prurido, redução da bacia, ou ainda no de **impotência masculina, este produzido por Hito** de Calombo, usam-se lavagens higiênicas, mas tépidas, com pó de folhas de bamba-údi-údi. Enxuto o órgão, empoa-se, com o pó das sementes, o púbis e a exterioridade do sexo. Também se ingere o mesmo pó com sal.

Quando uma mulher sente aversão pelo homem — fenómeno determinado por lemba de Hanhi ou Guima — dá-se-lhe a tomar, mas só uma vez, uma mistura de mel, óleo de palma (meia colher de chá), uma pitada de pó de bamba-údi-údi e outra de pó das sementes

(1) Kaxina ka tat'enu, kaxina ka mam'enu.

com sal. Em seguida, entregam-lhe um metro de pano cru, consagrado à deusa Lemba, que a paciente usará como vestimenta em determinados cerimoniais, ou, em caso de necessidade, pela ocasião do parto.

— Lemba de Calombo, ofereço-te este pano cru, para a deixares aproximar-se do cavalheiro. — Suplica o celebrante.

Cura da Epilepsia

O Gombo de Quiconha ou da Epilepsia — especificação do Gombo de quitúxi ou do crime — é uma divindade que, em possessão, leva a xinguladora a contrair-se toda, numa intensa convulsão, olhos num esbugalhamento sanguíneo, berrando como cabra. Em pura enfermidade, manifesta-se no doente, ou por idêntica crise, ou por um grande apatetamento.

Para a cura de semelhante mal, o enfermo, num recanto de mata, deita-se numa esteira. Ao som de goma e chocalho de cabaça, o pai ou mãe-de-umbanda atrai o espírito. Actue ou não na paciente, é exorcismado para abandonar o corpo.

Para não voltar, não se deve tocar esses instrumentos durante alguns dias. E a esteira, pela peçonha que adquire, não mais se retira, contagiando quem a levar.

A sua influência é tão nociva, que, mesmo falando-se nele, corre-se o risco de se contrair a moléstia. Então, deve-se aspirar o seu antídoto — precaução essa observada a quando deste informe, não só pelas duas sacerdotisas presentes, mas também por nós (eu e os meus acompanhantes), a isso instados por elas.

O tratamento místico completa-se com o terapêutico: um inalador e uma dieta. O inalador compõe-se duma mistura de de pepes, sobongos, jindungo-do-congo, hefos e fezes de lobo, tudo moído e envolvido numa trouxinha de mabela, forrada de pano cru. A inalação faz-se através de dois dedos, que se calcam no atado.

A dieta ou quijila consta da proibição de carne de cabrito, ou mesmo do leite da sua fêmea, galo, ovos, jindungo, quiabos, iguaria que espumou para o fogo, não partir amêdoas de dendém, nem circundar uma casa. Apesar de não comer carne de galo, pode, no entanto, comer a de galinha.

Festim aos guias tutelares

Para que gozemos saúde e felicidade, deve-se reverenciar os guias tutelares — miondonas — com um festim. Ordinariamente, a oblata é efectuada na infância, facultativa para os sãos, mas obrigatória para os que nascem sob determinados signos, cuja revelação se caracteriza em anormalidades, ou no parto, ou no corpo da própria criança, ou posteriormente ao nascimento, por constante enfermidade.

No parto, ressaltam: os nós no cordão umbilical, determinados por Cambundo; cordão enrolando a criança, por Cabonda; cordão enrolando o pescoço, braço e perna, por Mufúlame; cordão enrolado em x, à maneira de boldriês, por Oficial ou Muene-Puto; cordão em caracol, por Cadindo; véu, por Quivunga; saída pelos pés (¹), por Mussunda; mostra da mão (²), por Domba; mostra da nádega (³), por Bungula.

E no corpo do recém-nascido: excrescência na parte postero-inferior do órgão sexual feminino, por Lemba de Calombo; pés indiciando assentar sobre os lados, por Cabuanda; pés indiciando assentar sobre o reverso, por Gongga; respiração semelhando o roncar do porco, por Cangulo; depressão no alto da cabeça, na região da raiz do cabelo, por Dembo; uma risca verde e outra encarnada, por Hongolo; um ou dois dentes na gengiva superior (⁴), por Quieza ou Quiximbi; olhos semicerrados, ramelando, por Quilombo; aparição de cobra debaixo da almofada ou noutra lugar do quarto — facto que ocorre dias depois do nascimento — por Quinhoca; farto cabelo, mas com dois canudinhos no meio da cabeça, por Tumbo.

Se o individuo acometido for do sexo feminino, quando se consorciar, o marido terá que oferecer segunda oblata às mesmas

(¹) Nesta irregularidade, a parteira, ao enterrar as secundinas, arrasta-as com a boca até ao buraco, o qual para facilidade da tarefa, se abre junto à porta exterior.

(²) Logo que a criança deita de fora a mão, a parteira, para a obrigar a recolhê-la na palma, ou uma moeda, ou um outro objecto leve, como um brinco, um cordão de missangas — acto este acompanhado duma invocação, que remata:

— Aclamem! (Kolenué!)

— Oooh! — Grita a meia voz a assistência.

(³) Para a criança tomar a posição normal, a parteira, depois de proferir uma súplica, também finaliza:

— Aclamem o Bungula!

E os circunstantes correspondem como no acto anterior.

O nome de Bungula procede do saracoteio praticado pelos feiticeiros, durante os seus exercícios nocturnos, designados por «bungular», ou, vernaculamente, «kubungula».

(⁴) Se a criança não for tratada, a miondona manifestada mata os pais.

divindades. Se assim não proceder, a consorte não procriará, ou, procriando, o leite lhe secará, ou, bem pior, os filhos lhe morrerão de tenra idade.

O festim consta de iguarias à europeia e à africana, tal como, em iniciação de xinguilador, o consagrado às entidades das «pedras» de Calombo e Cazola. E ainda como no dito ritual, só come o paciente a quem se propiciam as miondonas, quem também cumpriu igual obrigação, isto é, quem também reverenciou as suas miondonas.

Nessa ocasião, o pai ou mãe-de-umbanda prepara a *gonga* — amuleto consagrado à divindade desse nome. Consta, como já esclarecemos no cap. «Cerimonialismo de xinguilador», dum saquinho contendo uma moeda de prata, ou; na falta, de níquel, uma ponta de dedo dum galo encarnado ⁽¹⁾, uma mistura de folhas pulverizadas, espuma das iguarias cozinhadas e migalhas das guloseimas — queijo, passas de figo e de uva, doces ⁽²⁾. Tratando-se de indivíduo não gêmeo o invólucro apresenta uma convexidade; caso contrário, duas.

Se a *Gonga* for africana, o depósito é tecido com fibra de embondeiro; e se for europeia, com fio de pesca. Outrossim sucede ao entrançado que prende o amuleto ao pescoço.

Após o repasto, em tudo semelhante ao ritual já citado, o pai ou mãe-de-umbanda, para afastar o mal — *kukambelela* — faz no chão, à entrada da porta, duas cruces com pemba e ucusso. Presentes, acham-se o pai, a mãe e o filho em tratamento, este já com o amuleto ao pescoço. Entretanto, antes de traçar os ditos símbolos, destinados a «abrir o terreiro» — *kujukula o dikanga* — invoca:

— Venho abrir o terreiro, por isso vos suplico, ó respeitáveis, pois a sereia é ser sobrenatural, a pessoa é ser sobrenatural; a sereia é parente, a pessoa é parente; a sereia é pessoa, a pessoa é sereia ⁽³⁾.

Marcadas as cruces, o oficiante derrama sobre elas nove gotas de dicosso, assentando depois aí o seu pé direito. Em cima dele, e em

(1) Há ocultistas que não empregam o dedo de galo.

(2) Outros ocultistas, conforme referimos também no dito capítulo, segundo a proveniência da divindade — europeia ou africana — assim preparam o amuleto: se for consagrado à *Gonga* europeia, o recheio só constará de alimentos europeus — um bocadinho de cada iguaria cozinhada — uma moeda de prata ou de níquel e folhas pulverizadas respeitantes a essa via; e se for consagrado à *Gonga* africana — migalhas de alimentos africanos, um pedacinho de moela de galinha, uma moeda de cobre, ou, na falta, outra qualquer, e folhas pulverizadas referentes a essa procedência.

(3) *Kianda kita, mutu kita; kianda malomba, mutu malomba; kianda mutu, mutu kianda.*

sobreposição sucessiva, mãe, pai e filho também colocam o seu. Tornando a verter outras nove gotas do preparado místico, profere nova súplica:

— Se fostes vós, miondonas, quem o prendeu, já vos prestaram a devida homenagem. Agora dai-lhe saúde e velai por ele.

Tratando-se de gémeos, a mãe-de-umbanda, antes da sobreposição dos pés, espalha sobre as cruces rama de musséquenha e mulembuíji — verdura com que os oblatantes estarão paramentados, bem como os gémeos convidados ao acto, que entoam os cânticos de suas festividades. E o rogo final é assim:

— Aqui está a casa que vossos pais vos entregam, a vós, gémeos ambulantes, donos de abóboras e de matas de bananeiras onde não se pode colher lenha, a vós que tão depressa estais satisfeitos como aborrecidos (1).

Se um dos gémeos já tiver falecido, o outro ostentará ao peito o ídolo que o representa.

Nascimento e falecimento de gémeos

Os gémeos, considerados seres sobrenaturais — ituta — inspiram um culto especial. Entre si, constituem uma irmandade, possuindo cada qual um poder espiritual sobre o congénere. Procedem das matas de bananeiras, rios, cacimbas, montes, rochas, vales, e, ordinariamente, são gerados pela via paterna, pois são os homens que mais deambulam.

Os seus alimentos místicos são o mel e o óleo de palma, e a sua roupagem, as folhas de musséquenha e mulembuíji. E o embondeiro, para eles, representa a árvore sagrada. E tal o simbolismo dos vegetais, que, se uma árvore existente numa casa «chorar», a mulher grávida que porventura lá viver, dará gémeos à luz. Tanto o nascimento como o falecimento, exigem ritos próprios.

Se, antes de nascerem, um deles verificar que um dos pais não é do seu agrado, trava-se, no ventre materno, o seguinte diálogo:

«— A quem havemos de matar? Ao pai? — Propõe a parte irritada.

(1) Akuá ngongo a badi, dumbe ja matanga, muxitu ua mahonjo kuxange huihni, nuakuá polo bilu-bilu.

— Ao pai, não. Depois, quem há-de trabalhar para nos criar? —
Objecta o outro irmão.

— Então, matamos a mãe.

— A mãe, não. Depois, quem nos dá de mamar?

Então, volto! E tu hás-de ir também, porque foste tu que me convidaste a vir!»

Em consequência dessa esquisitice, os gémeos nem sempre se formam normalmente, em concepção de mais de um individuo. Nalguns casos, geram-se efectivamente os dois, mas um deles, por antipatizar com um dos pais, volta para o seu seio. A assinalar a sua encarnação, apenas vem, aderente às secundinas, a respectiva bola de sangue. Tais seres chamam-se «gémeos de quilamba fadado» (ngongo ia kilamba kia xinimavu).

Noutros casos, ou porque um dos entes não quis, ou porque o outro não pretendesse a sua companhia, só nasce um individuo. Tal gémeo denomina-se «gémeo solitário» (ngongo ia muende ia ubeka).

Noutros casos ainda, os gémeos também podem ser concebidos em ventres diferentes, apenas irmanados pela mesma paternidade. O fenómeno resulta de os ditos seres provirem do ramo paterno, induzidos, não simultâneamente, como, em regra, acontece, mas em períodos desiguais.

Aclaremos o mistério. Os gémeos, no seu seio constituindo os génios, quando simpatizam com alguém — homem ou mulher — incorporam-se-lhe para efeito de reprodução. Mas, como já se viu, nem sempre ambos os entes gostam da mesma criatura, pelo que, à hora do parto, ainda discutem se devem matar o pai ou a mãe, ou então voltar para o seu mundo. No primeiro caso, encarnam efectivamente os dois, ocorrendo a deliberação no ventre materno; no segundo, dado o repúdio ou a antipatia imediata, só encarna um, continuando o outro na sua mansão; mas, no terceiro, o que não quisera acompanhar o outro, mais tarde, movido pelo arrependimento, decide-se então a incorporar-se no mesmo individuo.

A primeira manifestação de gemação, pela sua evidência, é logo reconhecida pela parteira assistente. Nas outras duas, porém, dado o mistério da encarnação, só divinatóriamente se conhece a procedência de tais filhos. Posto que qualquer dos entes assim gerados pertença à mesma espécie espiritual, o segundo — o gémeo solitário — em preceitos respeitantes aos gémeos, ainda é mais exigente do que os concebidos diferentemente.

Dada a extrema sensibilidade de tais seres, a mãe, no leito,

deve dormir entre ambos, a fim de cada qual fruir a mesma identidade de contacto.

Quando nascem, conforme já descrevemos em «Uanga», um rancho de gémeos, sob a glorificação de cânticos alusivos, colhe, no campo, abundante folhagem de musséquenha e mulembuíji. Aí, com essa verdura, «vestem-se» litúrgicamente: ao peito, em X, impõem dois boldriés; na cabeça, uma coroa; ao pescoço, um colar.

Assim paramentados, vão homenagear os recém-nascidos, aos quais, sempre debaixo das hosanas alegóricas, lhes oferecem a rama, depondo-a na cama e ornando-a com festões, permanecendo o brinde, ou antes, a veste simbólica, até murchar. Enquanto cantam, palmejam e batem com os pés no chão.

Quando falecem, idêntico cerimonial se efectua. O cadáver, igualmente «vestido» com os demais irmãos espirituais, assim é encerrado no caixão, acamado no fundo com nove coroazinhas de musséquenha e outras tantas de mulembuíji, e, em redor, com cordões das mesmas plantas. Com as mesmas insignias, também se prepara a mãe e o outro gémeo irmão. Antes do funeral, a mãe-de-umbanda, com um galho de mulemba, esparge o morto com discosso, exorcismando:

— Já foste colher. Agora deixa saúde ao que ficou, não venhas afligir ninguém com doenças.

Antigamente, o grupo de gémeos, sob os mesmos hinos e manifestações de mãos e pés, assim acompanhava o féretro ao cemitério. Hoje tal só se observa nos lugares mais recônditos.

Entretanto, para que a alma repouse em paz, realiza-se, mais tarde, o enterro místico. Mais tarde, porque o ritual acarreta bastante despesa.

Num quintal, sobre uma esteira, onde se estendeu um metro de pano branco, coloca-se uma almofadinha, duns quinze centímetros de comprimento e dez de largura, envolvida parcialmente por um retalho. Essa almofadinha, contendo serradura de bamba-údi-údi, de quissécua, de quicongo, óleo de palma, mel, fragmentos de pena de garça e de andua, crina de elefante e sebo de caça, simboliza o defunto.

Como no dia do passamento, alguns gémeos, paramentados ritualmente, entoam os cânticos alusivos. A mãe-de-umbanda, com os dentes, arrasta a esteira para junto dum buraco e sepulta a efigie entre duas camadas de musséquenha e mulembuíji. Depois, perto de casa, planta um embondeiro.

No caso de falecimento, o gêmeo sobrevivente passa a usar ao pescoço uma egígie representativa do irmão, denominada «gongo», isto é, gêmeo. Como esses filhos não admitem preferências por parte dos pais, portanto recebendo ambos os mesmos carinhos, as mesmas vestes, os mesmos alimentos, tal amuleto continua a exigir iguais atenções.

Assim, quando se dá roupa nova ao sobrevivente, o ídolo, que fica envolvido num saquinho, excepto a cabeça, também recebe a sua parte: ou o cobrem com um retalho do tecido do vestuário, ou cosem ao invólucro um bocadinho do mesmo. E em certos festins místicos, como a «mesa» propiciada aos guias tutelares — *meza ma miondona* — ao amuleto igualmente se dá a comida, ou pela mãe-de-umbanda, se o paciente for pequenino, ou pelo próprio, se já for crescido. E quando o sobrevivente casar, deverá, em ritual apropriado, comunicar o facto ao extinto.

A efígie é usada até à morte. Quem, por acanhamento, não a puder trazer ao pescoço, guarda-a religiosamente, dispensando-lhe, no entanto, os cuidados referidos.

Abreviação de casamento

Para se resolver em casamento um namoro longo, o quimbanda enterra o primeiro ovo duma galinha, sobre o qual espalha um fragmento de pena de garça, outro de ándua, outro de crina de elefante, outro de sebo de caça e pós de mubilo queimado. Sentada numa cadeira nova, a interessada come seis ovos guisados, utilizando prato e talher novos.

Numa panela de barro, igualmente nova, contendo água, vinho e quitoto-e-maluvo, mas preliminarmente caracterizada com cruces a pamba e ucusso, ela, várias vezes ao dia, com uma pitada de pó de mubilo na língua, vai pescando o namorado. Para tal, serve-se de dois anzóis atados com linha, aos quais também se junta uma lasca de mubilo, ficando tudo mergulhado na água. A panela assenta sobre três pedras, ou, preferentemente, sobre uma **haste trifurcada**, espetada no chão.

— Seu alma do diabo, se é mentira! — Injuria o ocultista, com essa e piores expressões, a pessoa do seu mestre. E depois de contar até nove, exclama: — Conto até nove, de dez não passo! — Invoca o namorado e pede-lhe que abrevie o casamento.

Se este processo, designado por xico, não der resultado, o

quimbanda, através duma xinguiladora, chama o espírito do rebelde namorado. Entretanto ela, também o pescando na sua panela, fala com ele, obrigando-o a marcar o prazo do consórcio. Fimdo isto, convida-o a molhar as mãos na panela, a fim de as passar pela cara, braços e pernas.

Anulação de incesto

Em caso de incesto — real ou aparente, pois também é incesto o facto de uma filha, involuntariamente, ver nu seu pai — para destruir os danos ocasionados — sonhos lúbricos com o próprio pai e consequentemente morte dos netos — danos que resultam após a morte deste, o quimbada prepara no quintal uma elevação de forma sepulcral, e coloca, nos quatro cantos, uma casca de múcua com dicosso. Chamado o pai à cabeça, por intermédio dum xinguilador, filha e pai (neste caso simbolizado no xinguilador), são atados com a mesma corda, ambos nus e de costas voltadas.

Empunhando com uma mão um casal de galinhas, mas pelas pernas, o quimbada faz girar as aves em volta de cada um deles, a fim lhes transferir o mal. Em seguida, faz um golpe na orelha duma cabra, e, com o sangue, toca-lhe na testa, atrás das orelhas, costas e peito, disparatando os seus mestres, antes de exorcismar, tal como já referimos anteriormente. Entretanto, dado o véu metafórico de que se revestem essas injúrias, aliás vulgares nas rixas, vamos reproduzi-las literalmente:

— Vossos fígados e vossos bofes! Vossas tripas e vossos corações! Vosso fel e vossas peles! Ajudai-me! Se vos ofendi, foi pelo ofício e não pela confiança!

Conforme a pragmática, os animais usados revertem em seu benefício.

Encarceramento da alma

Quando um antepassado nosso matou ou enfeitiçou de morte alguém, a sua alma, mais tarde, em vingança, vai dizimando os descendentes do criminoso.

Adivinhada a causa, o quimbada, para impedir mais extermínios, evoca a alma para actuar numa xinguiladora. Esta aguarda a indução, sentada num banquinho.

No seu furor, a alma nem sempre induz logo. Sobre uma árvore próxima, sobre a cobertura da casa, aí fala primeiro. Mas o ocultista,

em súplicas constantes — «Ai, pronto já, vem falar no teu próprio lugar!» — demove-a a fixar-se na média. E só então a interroga.

E a alma, dorida, relata o ocorrido. Como reparação, quer dinheiro, roupas, ou para serem entregues à sua família, ou, para depositária dos mesmos haveres, à própria xinguiladora.

Se, após a promessa de tal indemnização, a alma persistir na sua vingança, o quimbanda oferece-lhe alguém da família visada, ou, como noutros tempos, um escravo adquirido pela dita família — resgate esse denominado «camuenho» — para servir, incondicional e perpétuamente, em casa da família da alma.

Se ainda declarar perseverar no propósito da matança, então o quimbanda a encarcera numa garrafa, que deposita numa fenda de árvore, geralmente embondeiro, ou numa cova, ou a sepulta assim mesmo, perseguindo depois a alma quem se apoderar da garrafa ou cavar no citado local.

Para tal encarceramento, o ocultista introduz na garrafa ou cova, um fragmento de pena de andua, outro de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante e aparas de cabelo e de unhas das mãos e pés — aparas essas que corta à xinguiladora. Em seguida, diz à xinguiladora que cuspa para dentro, e, feito isso, verte-lhe dicosso na cabeça, caindo o líquido numa vasilha, o qual despeja também na garrafa ou cova. Por fim, tapa a garrafa e deposita-a na lura mais eminente duma árvore, ou, se a operação tiver sido no chão, cobrir com terra o buraco.

Antes do encarceramento, o doente é defumado, sob um pano, com folhas colhidas nos quatro caminhos duma encruzilhada. E a alma, escoada juntamente com o dicosso, não mais tornará a importunar.

PODERES OCULTOS

Conforme o efeito que se pretende, assim variam os objectos encantados, ou, mais elevadamente, os talismans, que o quimbanda prepara para uso permanente.

Antes de apresentarmos alguns dos mais conhecidos, queremos salientar que, para o domínio no amor, enfeitiçamento de morte ou fracasso dum mal, como litigio grave, prisão, um factor que se impõe, consiste na posse da mulher interessada. Claro, pelo ocultista. Em caso de enfeitiçamento de morte, até se ouve dizer: «Nem que tenha que me amigar com um quimbanda!». Amigar — note-se — no sentido de dormir. Enfim, entra o tal «poder fálico», como se exprimem os cientistas.

No caso do malefício propriamente dito, realiza o quimbanda, mas não todos, ou por lhes repugnar, ou por não possuírem a faculdade para tal, as mais variadas práticas para cada espécie de acidente. Mas não é disto que nos propomos focar. O que pretendemos, embora superficialmente, pois esta matéria, pela sua natureza feiticista, torna-se objecto de ofensa para quem se pergunta, uma vez que não haja a perfeita intimidade, o que pretendemos — repetimos — é revelar alguns talismans primitivos.

Banze — Bolinha contendo pós de determinadas folhas, usada entre a bochecha e a gengiva.

Opera-se com o pensamento. Quer dizer: quando se fala com quem se deseja influir no espírito, o portador, munido de tal bolinha, interiormente a domina com o pensamento. E tudo se obtém misteriosamente: as portas abrem-se com um sopro, consegue-se a posse duma mulher sem ela dar por isso, etc.

Para o aguçamento do domínio sobre a mulher, o praticante deve iniciar-se com um incesto.

Deriva de «kubanza»: pensar.

Bungo — Magia para obtenção de grandes proventos e prontas facilidades.

Com este poder, o rendimento, quer de lavra, quer de negócio, satisfaz a ambição: o terreno, por pequeno que seja, produz bastante, mesmo mais que um outro maior; e nas transacções, a mercadoria, sem que se dê por isso, é medida ou contada repetidas vezes. E isto, por obra de almas: no primeiro caso, roubando a produção aos outros; e no segundo, obcecando a parte contratante. E em matéria de facilidade, também pelo mesmo processo, o possuidor de semelhante privilégio pode deslocar-se, sem que ninguém o veja igualmente, montado numa fera. E com rapidez.

Para esta feitiçaria, o professante deve, uma vez por ano, oferecer um sacrifício a essas almas, o qual, segundo o privilégio, consta de reses ou pessoas, sendo estas por facultação, isto é, indicadas para a morte por possessão. Esclarecendo: as vítimas morrem por acometimento de alma.

Deriva de «kubungula»: maleficiar.

Dixicane — Bolinha contendo pós de determinadas folhas, usada entre a bochecha e gengiva, mas em mudanças alternadas.

Exerce o poder, justamente com a invocação da pretensão, de anular qualquer desfortuna, tanto no amor, como em petições, demandas, etc.

Deriva de «kuxicana»: aceitar, aceder.

Maiombola — Magia para o aproveitamento da alma.

Conforme a natureza da alma — forte ou fraca — assim a vítima, até morrer, resiste mais ou menos tempo à doença, inicialmente caracterizada por uma moleza geral e falta de apetite. A causa do mal não é senão o acorrentamento da alma, gradualmente subindo dos pés ao pescoço, provocado pelo maleficiador.

Com a morte, a alma, sempre agrilhoadada para não seguir para o seu destino, cumpre então a tarefa de, juntamente com outras almas, trabalhar de noite numa lavoura. Findo o prazo da servidão, como que em contrato, é definitivamente liberta.

Este bruxedo, um dos mais terríveis, é a especialidade dos magos do Ambriz, Ambrizete e Cabinda. A enfermidade, pouco acessível à adivinhação, só é curável de princípio, uma vez que o próprio sonhe a causa, urgindo, para tal, banquetear as almas desse cativo, amarradas a um embondeiro.

Em caso de desconfiança de maiombolista no bairro, usa-se, como preventivo, comer, logo pela manhã, ou mesmo antes de sair

do quarto, um bocadinho de jindungo com sal, ou aplicar à roupa vários alfinetes de segurança.

Deriva de «kuombolola»: surripiar, levar às ocultas.

Mubolo — Cinta com pós, destinada à realização de muito negócio, escapamento à justiça, consecução do amor dum mulher ou anulamento dum litígio.

Usa-se à cintura. Se um mal estiver para suceder, a cinta aperta em aviso.

Deriva de «kubola»: apertar.

Mufuca — Cinta com pós, destinada a proteger contra um malefício.

Usa-se no braço ou atado interiormente à roupa.

Deriva de «kufuka»: ir-se abaixo, ficar sem efeito.

Quilemba — Pó avermelhado, servindo de «vira-ânimo», isto é, para se conseguir de alguém o que é contrário ao seu desejo.

Na ocasião de se obter a pretensão, deita-se, na ponta da língua, uma pitada desse pó, invocando-se o objectivo. Antes da pessoa em questão, não se deve falar com mais ninguém. A salivação é engolida.

Deriva de «kulembula»: moderar, modificar o ânimo.

Quipa — Magia que concede a faculdade da metamorfoseação e da transmissão de remédios ou preventivos.

O poder, que reside numa trouxinha ou cinta, usada à cintura, é restrito, só se podendo obter a concessão de um privilégio: ou para se transformar em águia, em rola, em jacaré, em cão, em determinada árvore. Com a transmissão, sucede o mesmo: só se pode remeter para um único fim aquilo que se pretender. Entretanto, quem tiver o ânimo forte, pode adquirir vários desses dons.

Deriva de «kuipa»: matar, anular.

Sassa — Trouxinha contendo ingredientes e penas de determinada ave, ressaindo uma delas, em jeito de pendão.

Usa-se debaixo da cama ou num canto do quarto. Serve para dar domínio à vontade: o que se diz, cumpre-se como uma ordem, prevalece sobre qualquer outra ideia contrária de outrem. Para a eficácia, o sortilégio é renovado temporariamente pelo quimbanda.

Como são as mulheres que usam semelhante encantamento, devem sujeitar-se à operação sexual com o ocultista.

Deriva de «kusasa»: criar.

Tuta — Bruxedo para roubar.

Usa-se com a interferência das almas.

Deriva de «kututa»: mudar, levar dum sítio para outro.

Xico — Poder, dos mais usuais, para segurar ou resguardar coisa ou pessoa.

Conforme a pretensão, consiste no enterramento dum ovo, ou o primeiro dum galinha ou o apodrecido no choco, ou o dum galinha do mato, ou ainda dum pedra, ou ainda também dum corninho. O enterramento, efectuado com mais alguns preparos, noutro capítulo discriminados, é completado com uma invocação ao fim desejado.

O xico de pedra e do ovo podre constituem magia ofensiva.

Deriva de «kuxikika»: assentar.

ELUCIDÁRIO

A

Abrir a cabeça (Loc. míst.) — Iniciar alguém no exercício da possessão de muculo, isto é, a poder servir de instrumento mediumnítico dessa entidade.
Vernác.: «kujukula o mútue».

Abrir o terreiro (Loc. míst.) — Traçar no chão, antes de se iniciar um ritual, as preliminares cruzeiras a pomba e ucusso.

Vernác.: «kujukula o dikanga».

Aiúé (Interj.) — Ai! Ui!

Alembamento — Tributo de honra prestado pelo noivo à família da noiva, baseado nos moldes do uso comum, embora estipulado pelos ditos parentes.

Aportug. de «ilembu».

Andua — Ave africana, cuja cor predominante é o encarnado.

Aportug. de «ndua».

Auá (Interj.) — Ora! É impossível! Tenha juízo!

B

Bamba — Bastão. Vara para açoitar, ou mesmo qualquer outra espécie de chicote.

Bamba-údi-údi (*Apania golunguensis Hiern*) — Arbusto ou árvore atingindo 6 m.

Nota: — Os seus galhos, depois de triturados, são utilizados no tratamento de determinadas enfermidades ou deformidades sexuais, quer por ingestão, quer por empoamento; a sua infusão com grama e dendo, bebida com frequência, e a sua serradura, friccionada uma vez ao dia nas articulações, constituíam, antigamente, a principal medicação da icterícia.

De «mbamba» (pau) + «kúdiá» (comer).

Banguela de Gombo — Deus da adivinhação.

Vernác.: «Bangela dia Ngombo».

Banze — Bolinha contendo pós de determinadas folhas, usada entre a bochecha e a gengiva.

De «kubanza»: pensar.

Bemba — Ave de rapina, semelhante à águia, mas de plumagem branca e preta, muito ávida de dendém.

Bombó — Mandioca que, descascada ou não, conforme a região, fica de maceração uns quatro dias, podendo ser seca ao sol ou não, também conforme a região.

Come-se assada, acompanhando qualquer alimento.

De «kubombeka»: pôr de molho.

Bungulamento — Acto ou efeito de bungular.

Bungular — Saracotear-se (o feiticeiro), ora roçando as nádegas no chão ora na parede duma casa, emitindo rouquidos de bode espremendo-se — movimentação essa feita junto da casa a maleficiar.

Aportug. de «kubungula».

C

Cabanda — Auxiliar de quimbanda.

Cabela (*Xilopia aethiopica* A. Rich.) — Arvore de folha persistente atingindo 30 m.

Nota: — O seu fruto, depois de triturado e misturado com pepe e sobongo, também triturados, usa-se em fomentações para dores de cabeça, de ouvido, inflamação do baço, giba, etc.

De «kubela»: emagrecer. Alusão à desinflamação pelo seu emprego em várias enfermidades.

Cacusso — Peixe, de que existem duas variedades: uma do rio, outra do mar.

De «kukusuka»: ser encarnado. Alusão à coloração.

Caongo — Mulher de Mutacalombo.

Calombo — Deusa da esterilidade.

Calundu — Divindade justiceira e medicante.

De «kulundula»: herdar. Alusão à possessão, ocasionada por transmissão de parente.

Calungangombe — Deus das profundezas do globo — o Além-Túmulo dos aborígenes — o juiz e chefe dos mortos.

De «kalunga» (morte) + «ngombe» (ruminante da família dos bovídeos). Logo, um ente voraz de vidas.

Camuenho — (Vidazinha) — O que, para resgate dum assassinio ou enfeitamento de morte, era comprado, por exigência dessa alma — exigência essa formulada em possessão — a fim de prestar serviço em casa de sua família.

Em virtude da abolição da escravatura, ou, mais rigorosamente, da acção administrativa, tal compra já não se efectua. Então, em vez de vida humana, resgata-se o crime com reses ou dinheiro.

Canzumbi — Alma de pessoa falecida. Alma do outro mundo.

Aportug. de «nzumbi».

Capita — Designação genética de certos deuses do Congo.

Cara limpa — (Loc. míst.) — Ao natural. Sem possessão.

Vernác.: «polo iazele».

Catulo — Médio, em relação ao espírito.

Opõe-se a xinguilador, que o é em relação aos viventes.

De «kutula»: confidenciar.

Cazola — Afeição.

De «kuzola»: gostar.

Comprar a cabeça (Loc. mist.) — Impedir (o quimbanda) que alguém, já iniciado no xinguilamento, mas que, por acanhamento, não deseja seguir tal prática, sofra as naturais induções.

Vernác.: «kusumba o mútue».

Cubamento — Praguejamento. Protestação mediante as divindades.

Aportug. de «kukuba».

Cuco Muquita de Suco, ou, abreviadamente, **Cuco Muquita** — Deusa anciã da Quissama.

Vernác.: «kuku Mukita a Suku».

D

Dando — Esteira onde, em noviciado de xinguilamento, os pacientes sofrem a possessão.

Este assento é assim designado, por nele só se sentarem indivíduos da mesma família, dos quais, por extensão, recebe a designação.

Dar de beber às zembas (Loc. mist.) — Embeber as zembas em sangue, se a propiciação ocorrer por ocasião dum sacrifício, ou numa mistura de vinho com mel, se a propiciação ocorrer pelo novilúnio — propiciação para se alcançar a sua graça, quer dando saúde, quer afastando do mal, quer, enfim, velando pela felicidade.

Vernác.: «kunuisa o jinzemba».

Deitar fora os calundus (Loc. mist.) — Afugentar as dificuldades, por efeito de inobservância, durante o noviciado de xinguilamento, da continência e respectiva formalidade da sua quebra, pelo que as mesmas divindades, por «ciúme», provocam ao noviço novas enfermidades e azares.

Vernác.: «kutexi o ilundu».

Dele — Alma de pessoa falecida recentemente, num período não secular. Este vocábulo — sinónimo de zúmbi — é mais usado na região de Luanda.

De «kuendela»: perseguir (a mandado do feiticeiro).

Dendém ou **dendé** — Fruto de palmeira.

Aportug. de «ndende», resultante de «ndé-ndé»: vai-vai. Alusão ao acto de se virar o fruto, ora para um lado, ora para o outro, quando se come.

Dibeca — Manto que o sacerdote usa em determinadas possessões. De «kubeka»: atrair.

Dibo — Planta, cujos ramos são utilizados na manufactura de luandos.

De «uabu»: acabado. Alusão ao cerceamento das folhas, por ocasião da colheita.

Nota: — Este nome não figura na obra — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — a que nos vimos cingindo, para efeito de definição.

Dicanga — Terreiro. Sessão.

De «kanga»: fora.

Dicanga-dos-espíritos — Terreiro onde se executa uma dissaquela.

Dicanza — Chocalho de bordão, aproximadamente de um metro, resultante de sulcos feitos em todo o comprimento, como os de uma tábua de lavar, sendo oca a parte central, pelo que se talha uma abertura na face posterior.

Maneja-se pelo atrito de uma vara delgada.

De «kukanzana»: vaguear. Alusão à movimentação do arco.

Dicosso — Composto místico, destinado a exorcismos, ordinariamente preparado de água, vinho e restos de bebida fermentada de milho, litúrgicamente designados por «quitoto-e-maluvo».

Conforme o ritual, assim se lhe adicionam folhas de plantas ou laços de mateba.

De «kukosa»: mexer (no corpo do paciente).

Dicosso-das-almas — Dicosso utilizado em possessões de almas.

Compõe-se de água, vinho, quitoto-e-maluvo e fragmentos de folhas-das-almas.

Vernác.: «dikoso-dia-ndele».

Dicosso-dos-espíritos — Dicosso utilizado nas dissaquelas.

Compõe-se de água, vinho, quitoto-e-maluvo e folhas fragmentadas de diololo e de ditumbate — produto este contido num prato novo, assinalado com cruzeiros a pomba e ucusso. Em possessão de gombo, ainda se adicionam folhas pulverizadas de guba-iáfua.

Este preparado serve para abrandar as possessões, sobretudo das de divindades bravas. Para o efeito, o auxiliar do celebrante, à medida que cada entidade vai «subindo» à cabeça, sorve um pouco de líquido e, num bochecho, esparge-o para o rosto do possesso — operação que também repete no oficiante, a fim de evitar que ele também caia em indução. Além dessa utilidade, o dicosso-dos-espíritos também serve para os pacientes beberem após a aplicação do pêlo.

Vernác.: «dikoso-dia-kilundu».

Dicudila — Espécie de mandioca silvestre.

Do portg. aquimbundado «kukudila»: acudir, salvar.

Nota: — Este nome não figura na obra — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — a que nos vimos cingindo, para efeito de definição.

Diculo — Espírito de ancião.

De «ukulu»: antigo.

Diculundundo — Espírito de ancião de mais avançada idade que a do diculo.

De «ukulundundu»: muito antigo.

Dijila, ou, completamente, **Dijila de Solongongo** — Espírito de grande ave de rapina, denominada «holococo».

Dilombe — Santuário.

Pode ser de calundas ou de malungas, estas também denominadas «santos».

De «kulomba»: toldar.

Dilongo — Cadeira onde se faz sentar um cadáver. Armação onde os feiticeiros assam os cadáveres.

De «kúlona»: meter em veículo.

Dinhanga — Antigo caçador divinizado.

De «kunhanga»: matar.

Dinhanga de Quitúxi — Caçador vitimado.

Vernác.: «Dinhanga dia Kituxis».

Diololo — Planta rastejante.

De «kuolola»: recolher (uma doença).

Nota: — Este nome não figura na obra — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — a que nos vimos cingindo, para efeito de definição.

Dissaquela — Sessão de espíritos, ou para sua adopção, ou para aliança, ou para propiciação.

A sua efectuação, manifestada através de rebelde enfermidade, pode ser motivada: pelos guias tutelares — dissaquela de «cazola» ou da afeição; por alma de parente que fora médico, ou por alma de vítima de crime, originalmente designada por «mucuí-quitúxi» — dissaquela de «muíji» ou da geração; e por alma de parente que se dedicara à compra e venda de escravos, ou, simplesmente, ao negócio com o gentio — dissaquela de «guênji» ou de forasteiro.

De «kusakela»: adivinhar.

Ditumbate (*Boerhavia diffusa* L) — Erva vivaz, com raiz lenhosa, grossa, esponjosa e multicaule.

Nota: — De «kutumba»: curar.

Dixima ou *Diximane* (*Corchorus olitorius* L) — Erva brava, anual, cultivada na Índia com o nome de «juta».

Nota: — A primeira designação não figura na obra — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — a que nos vimos cingindo, para efeito de definição. A duplicidade constitui elucidação nossa. A. de Assis Júnior, no entanto, regista, em seu «Dicionário Kimbundu-Português», «dixima» como planta, e «diximane» como o seu fruto. Quanto ao que verificámos, ambos os nomes indicam efectivamente a mesma coisa, apenas com a diferença de que o fruto da «dixima» é volumoso, grande, em forma de coração, ao passo que o do «diximane» é espalmado, mais pequeno, em forma de feijoca.

Eis as significações registadas por A. de Assis Júnior: «Dixima» — Planta fam. das leguminosas (*physostigma cylindrospermum*), de propriedades medicinais. «Diximane» — Fruto de *dixima*, e seu caroço de forma esferoidal que se faz prender ao pulso das crianças para evitar maus olhados». Abascanto; preservativo.

De «kuximana»: gabar. Alusão ao seu emprego como preservativo contra os gabos malévolos, pelo que se ata ao pulso ou ao pescoço das crianças um desses frutos.

Dizaco — Mealheiro místico, constituído por um retalho novo, ordinariamente de pano cru, sacramentado com pemba ou cinza pelo ocultista.

De «zá koko»: vem cá; vem para aqui. Alusão ao pecúlio que se arrecada.

Dua — Sangue que o cadáver do xinguilador, mas xinguilador que sorveu o sangue dos sacrifícios da iniciação, expele pelo nariz.

Este sangue, obtido sob a acção simultânea de várias possessões de confrades, visa a impedir que a alma do extinto perturbe a saúde da família.

Dumbe — Instrumento de mediuminidade. Xinguilador.

De «ndumba»: muitos. Alusão à multidão de espíritos actuantes.

Dunda — Penhor de efectuação de dissaquela, prestado às divindades, quando não haja posses ou o número suficiente de familiares para a celebração de tal ritual.

Consta de meia peça de fazenda, três metros de baeta encarnada, três metros de baeta azul e outros três de zuarte, tudo sagrado, sob possessões várias. com pomba ou cinza. Cada volume, isoladamente divinizado, deverá manter o respectivo pó místico. De contrário, os calundus apoquentarão de novo, inflingindo rebeldes enfermidades e azares — os usuais meios de que se servem para se manifestarem.

Para se obstar o mal, impõe-se novo cerimonial. Entretanto, mesmo que nada de anormal tivesse ocorrido, isto no tocante à conservação do poder místico, a renovação da liturgia também se torna necessária de onde em onde, num período duns três anos.

Este penhor transmite-se numa sucessão de linha donde procedem os calundus manifestantes, portanto paterna ou materna, até que, havendo já o número suficiente de familiares, se possa efectivar a imperiosa dissaquela.

De «kundunda»: ir ao encontro. Alusão à observação do chamamento das divindades.

E

Embondeiro (*Adansonia digitata L*) — Nome comum que os portugueses dão a esta árvore, é a essência predominante da zona da comunidade sincorológica da *Adansonia digitata* que se estende desde Massabi, na fronteira da África Equatorial francesa, até o Norte do Transval, atravessando, no Sul da Huila, a fronteira do Sudoeste Africano na altitude de 1.100 metros.

Nota: — Esta árvore, também denominada baobabe, é de grande porte.

De «mbondo», resultante de «kubonda»: matar. Alusão à preferência dada pelos feiticeiros a essa árvore, para seus exercícios macabros.

Encruzilhada morta: — Encruzilhada abandonada para trânsito.

Vernác.: «jipambu jáfua».

F

Faca-da-ximinha — Pequena faca.

É assim designada, por alusão a um crime de morte praticado com semelhante utensílio, por um indivíduo do sexo feminino chamado Giminha do Balão. Vernác.: «poko-ia-ximinha».

Fechar os calundus (Loc. míst.) — Impedir, através de rito apropriado, que as divindades não mais actuem em quem já foi iniciado.

Vernác.: «kujika o ilundu».

Filhos-dos-calundus (Loc. míst.) — Bolinhas de serradura de taçula, do tamanho dum ovo de pomba, que se manipulam num quarto de franquia reservada — o quarto-do-coza — bolinhas essas destinadas a homenagear as divindades, quer em noviciado de xinguilador, quer em determinados rituais de tratamento.

Vernác.: «ana-a-ilundu».

Fogueira-dos-espíritos (Loc. míst.) — Fogueira onde os noviços de xingui-lador, em aremesso de determinadas divindades, se movimentam indem-nemente — testemunho de autenticidade da possessão — e também donde sai o pêlo das almas.

Vernác.: «musonga-ua-ilundu».

Folhas-das-almas — Folhagem impelida por um remoinho ou rajada de vento.

Vernác.: «mafu-ma-ndele».

Fuba — Farinha, sem ser de pau.

De «kufebuka»: estar brando, sem acção. Alusão à sua inconsistência.

Fúnji — Massa cozida de farinha de milho, ou de mandioca fermentada, ou doutra qualquer.

De «kufungulula»: remexer. Alusão ao acto de se remexer incessante-mente a massa.

G

Ganga — Ocultista. Sacerdote.

De «kunganganjana»: andar em várias direcções. Alusão à sua vida movi-mentada, ora em idas ao campo, em busca de plantas, ora em idas às casas dos enfermos ou consulentes.

Gémeo de quilamba fadado — Indivíduo que, ao nascer, apresenta, ade-rente às secundinas, uma bola de sangue.

Essa bola indica uma gestação interrompida, em resultado de o respectivo ser, por antipatizar com um dos pais, ter deliberado voltar para o seu mundo.

Vernác.: «ngongo ia kilamba quia xi ni mavu».

Gémeo solitário — Indivíduo que, embora gémeo, nasce singularmente.

Este fenómeno, só determinado por adivinhação, resulta de o outro ente, ou por antipatia a um dos pais, ou por repúdio do companheiro, não ter encar-nado também. É que os gémeos, no seu seio constituindo os génios, quando sim-patizam com alguém — homem ou mulher — incorporam-se-lhe para efeito de reprodução.

Vernác.: «ngongo ia muende iaubeka».

Goma — Tambor comprido, de um metro e meio aproximadamente, feito de cepo desmiolado de mafumeira, adelgado numa extremidade, que fica aberta, e, vedado com pele tensa de veado ou corça, o outro extremo.

De «kungongama»: estar agachado, de cócoras. Alusão à postura do tocador, que se encavalita no instrumento.

Gombo — Deus da verdade.

Gombo de Cazola: — Gombo da Afeição. Denominação que o deus Gombo toma, quando manifestado por afeição.

Vernác.: «Ngombo ia Kazola».

Gombo de Muiji — Gombo da Geração. Denominação que o deus Gombo toma, quando manifestado por hereditariedade.

Vernác.: «Nbombo ia Muiji».

Gombo de Quiconha — Gombo da Epilésia. Denominação que o Gombo de Quitúxi toma, quando manifestado através dessa enfermidade.

Vernác.: «Ngombo ia Kikcna».

Gombo de Quitúxi — Gombo do Crime. Denominação que o deus Gombo toma, quando manifestado por um crime, outrora praticado por um antepassado do paciente, na pessoa dum fiel a essa divindade.

Vernác.: «Ngombo ia Kituxi».

Gonga — Deusa da felicidade. Amuleto consagrado a essa divindade e o qual é usado ao pescoço.

Gonga — Sacá ou cesta de ocultista, para depósito de seus utensílios.

Os homens usam, preferentemente, a saca, feita de pele ou de mateba, e as mulheres, a cesta, tecida de mateba.

Por extensão, também se dá este nome a idênticos objectos de serventia doméstica, quer para arrecadação de drogas medicinais ou doutras coisas quaisquer.

De «kungonga»: resmungar. Alusão ao resmungamento do ocultista, por efeito do não pagamento dos seus honorários, pelo que expõe o utensílio ao sol e lhe bate várias vezes, intimando-o a ir cobrar o dinheiro em dívida (V. samba).

Gongo — Gémeo. Amuleto consagrado a gémeo falecido, podendo apresentar, conforme as circunstâncias, uma ou mais efígies, até mesmo doze.

Guba-íáfua — Erva de folha miúda.

Nota: — Este nome não figura na obra. — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — a que nos vimos cingindo, para efeito de definição.

Guénji — Forasteiro. Vendedor ambulante. Divindade que, na vida terrena, exercera essa profissão, ou se dedicara à compra e venda de escravos.

De «kuenda»: andar.

Guico — Pau roliço ou chato para amassar o fúnji.

De «kubika»: amassar.

Guima — Nome por que também é designada a Lemba de Hânhi.

H

Hefo (*Piper guineensis Schum & Thonn*) — Planta vivaz com caule semilenhoso até 3 cm. de grossura.

Nota: — O fruto, de sabor picante, é utilizado em cólicas, para o que se mastigam duas ou mais sementes, ingerindo-se depois com água morna ou aguardente, e, com as cascas, igualmente mastigadas, fricciona-se o ventre.

De kufuka»: esgaravatar. Alusão ao revolvimento interior, a ponto de promover a defecação.

Hito — Deus da esterilidade.

Hito de Calombo — Denominação que o deus Hito toma, quando manifestado em gestação de criança.

Vernác.: «Hitu ia Kalombo».

Homem do chicote — Fiscal dos feiticeiros, pelo que os persegue e pune.

Vernác.: «mukuá-mbamba».

Hundo — Ocre vermelho-escuro.

De «kuhunda»: caracterizar. Alusão a esse emprego.

Huto — Diz-se do feitiço herdado dos pais. Hereditário.

Incendiar a dissaquela (Loc. míst.) — Apetrechar a dissaquela com os meios convenientes — os xicos, a panela-dos-espíritos, a fogueira-dos-espíritos — para anular qualquer malefício eventual ou desobstruir qualquer embaraço místico.

Vernác.: «kuíkila o muiji».

Inongo — Aparas de unhas das mãos e pés, de cabelo, que os familiares cortam sempre a um cadáver, quer para tranquilidade de alma, quer para serventia nalgum eventual paramento místico, denominado «zemba».

Noutros casos, mas o acto praticado occultamente, essas aparas, depois de carbonizadas e reduzidas a pó, são utilizadas pelo «homem do chicote», para as riscas místicas na cara, ou, tecnologicamente, «mucasso», a fim de descobrir os feiticeiros.

Se a morte foi causada por feiticeiros, após a sua secreta obtenção, aplica esses elementos numa prática para a anulação do mal.

De «kunongona»: aproveitar para fim místico.

Jila — V. Dijila de Solongongo.

Jimbámba — Búzio pequeno, muito empregado em mística.

Pl. de «mbámba», abrev. de «kimbámba»: coisa. Alusão ao seu emprego, como simples objecto de ornamentação litúrgica.

Jimbámbi — Sortilégio exercido pela acção da tempestade — vento ou chuva.

Jimbo — Búzio pequenino. Caurim.

Possui muitas aplicações na liturgia negra. Antigamente valia como moeda no reino do Congo, sendo a Ilha de Luanda, pela sua abundância, considerada o erário daquele país. Com ele, até se adquiria o próprio ouro.

De «kujumbulula»: esclarecer. Alusão ao facto de alguém, por efeito de rito de apuramento da verdade, no qual figura um desses búziozinhos, confessar o que negava. Para tal, a conchinha introduz-se-lhe num dos olhos, provocando-lhe dores horríveis.

Jindungo-do-congo (Aframomun melegueta K. Schum) — Erva rizomatosa; fruto uma baga elipsoide, de 6 cm., glaba, vermelha em fresco; semente aromatizada, esférica, castanha.

Nota: — O fruto, de sabor picante, é utilizado, na falta de gengibre, para acompanhar a noz de cola — reconstituente que os nativos, sobretudo as mulheres de Luanda, tomam logo pela manhã, com o fim primordial de aguentar o estômago até à hora tardia do café, que, em regra, ocorre lá para o meio-dia.

Além dessa aplicação, também se emprega, tal como o hefo, no debelamento de cólicas, procedendo-se análogamente como no uso daquele vegetal.

Jingas — Designação tomada em Angola pelos Jagas — bando nómada e antropófago — o qual, em 1568, invadiu o Congo e o Oeste Africano, desde a Guiné ao centro de Angola.

Jinguba (*Arachis hypogaea* L.) — Provavelmente indígena, simultaneamente na África e na América, mas não se encontra senão em cultura.

Nota: — Amendoim.

Pl. de «nguba», resultante de «kúbua»: acabar. Alusão ao inesgotamento do fruto, debaixo da terra.

Jinguênji — Pl. de «ngenji», registado sob a forma de «guênji».

L

Lagoa de Senhor Luango ou *Lagoa de Luango* — Panela de barro contendo água simples e dois borgaus, consagrada ao deus Luango.

Com a água dessa «lagoa», sempre renovada quando se esgota, a paciente — a mulher em quem se manifestou essa divindade — temperará frequentemente os seus banhos, acontecendo outro tanto com as futuras lavagens do filho, mas estas até ao nascimento do seguinte, portanto quando já estiver crescidinho, ou, ainda, por ocasião de doença.

Vernác.: «dizanga dia Ngana Luangu».

Lagoa da Senhora Vúnji ou *Lagoa de Vúnji* — Panela de barro contendo água simples e dois borgaus, consagrada à deusa Vúnji.

Com a água dessa «lagoa», sempre renovada quando se esgota, a paciente — a mulher em quem se manifestou essa divindade — temperará frequentemente os seus banhos, acontecendo outrotanto com as futuras lavagens do filho, mas estas até ao nascimento do seguinte, portanto quando já estiver crescidinho, ou, ainda por ocasião de doença.

Vernác.: «dizanga dia Ngana NVunji».

Lavar a arma (Loc. míst.). — Submeter a arma à lavagem mística do dicosso, por efeito de matança de pessoa, ou mesmo de lobo, visto a alma deste animal, por sua morte, perseguir o seu matador.

Neste rito — rito só aplicável aos caçadores — quem lava a arma, é o quimbanda. E o caçador, como que guardando dó, nove dias fica inactivo.

Vernác.: «kusukula o uta».

Lavar no dicosso (Loc. míst.) — Passar alguém, de alto a baixo no corpo, com as mãos molhadas de dicosso, ou verter-lhe sobre a cabeça esse líquido místico, cuja operação se destina a limpar psicicamente.

Vernác.: «kusukula mu dikoso».

Lemba — Deusa da procriação.

Lemba de Calombo — Designação que toma a deusa Lemba, quando, em nascimento de criança, se manifesta: em ambos os sexos — por um encaroçamento nos mamilos, mas com produção de leite, ou por um semicerramento dos órgãos sexuais; só em raparigas — por um corrimento, por um prurido nos órgãos genitais, por uma excrescência linguiforme na parte postero-inferior da natureza, daí se dizendo que «nasceu parte homem, parte mulher», ou ainda por uma redução da bacia.

Vernác.: «Lemba dia Kalombo».

Lemba de Hânhi — Designação que toma a deusa Lemba, quando, em nascimento de criança, se manifesta por uma insuficiência no crescimento: sendo mulher, não lhe aparece o cataménio nem os seios; e sendo homem, não se verificam os fenómenos da adolescência. Esta divindade também é designada por «Guima».

Vernác.: «Lemba dia Hanhi».

Luando — Espécie de esteira, enrolando-se no sentido da largura.

De «kulanduka»: estar ocioso.

Luango — Divindade congénere de Vúnji. Também se manifesta no ventre materno, mas pela continuidade do ménstruo, embora aguado, durante a gravidez. O fenómeno só se opera após a revelação de Vúnji. Portanto, o seu imediato em manifestação natal.

M

Mabela — Tecido feito com a folhagem da árvore deste nome.

Pl. de «dibela», resultante de «kuabela»: agradecer. Alusão ao seu emprego como ornato.

Macota — Conselheiro de soba. Indivíduo de respeitável idade.

Pl. de «dikota»: mais velho.

Maculos — Espíritos de anciãos. Antepassados.

Pl. de «dikulu», resultante de «ukulu»: tempo antigo.

Mãe-de-umbanda — Qualificação que a quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Representa um tratamento afectivo. Quer dizer: na subordinação do rito, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o indivíduo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

Vernác.: «Manha-ia-umbanda».

Mãe-de-viuvez — Qualificação que a quimbanda toma, ou mesmo qualquer viúva com os poderes místicos convenientes, quando celebrado um rito de viuvez.

Vernác.: «manha-ia-utudi».

Malungas — Espíritos simpatizantes.

De «makuá» (relativos a) + «Lunga» (Além).

Massambala — Milho miúdo. Sorgo.

De «masa» (milho) + «mbala» (sorgo). Quer dizer: milho de sorgo, por oposição a outras variedades de milíáceas. Note-se, todavia, que «masa» resulta da contr. de «ma kusása» (para fermentar), por alusão ao demolhamento do cereal, durante dias, para efeito de farinhação. Mais: que esse termo deve ter nascido após a introdução do milho pelos Portugueses, pois ele é, ordinariamente, designado por «masa», e sorgo, por «mbala».

Massuicas — Pedras, servindo de trempe.

De «Kusuika»: ser resistente.

Mateba (*Hyphaene luandensis Gossw.*) — Rizoma multicaule.

Nota: — As suas folhas são utilizadas na indústria de vassouras, abanos, sacos, balaios, etc.

De «kutembuka»: estar aberto. Alusão ao abrimento das folhas, só efectuado depois de desenvolvidas.

Mavítia Bongo — Nome individual dum dos deuses do Congo, da categoria dos Capitas.

Mazacos — V. dizaco, de que é plural híbrido.

Mesa de diculundundo — Pequena elevação de forma sepulcral, preparada para a efectuação de determinados rituais.

Vernác.: «meza ma dikulundundu».

Micunga — Avental de franjas.

De «kukunga»: esfregar. Alusão ao besuntamento efectuado nos rituais em que se envergam tais paramentos, porquanto se usam dois — um à frente, outro atrás.

Miondona — Espírito tutelar.

De «kukondona»: limpar (do mal).

Missanga-de-maria-segunda — Missanga redonda e encarnada, mas branca a sua massa interior.

Vernác.: «misanga-la-maria-xikunda».

Mubilo (*Adenia bolata* L.) — Trepadeira herbácea, vivaz, atingindo 12 metros e mais.

Nota: — Possui propriedades medicinais. É muito usada em ritos destinados a modificar o carácter ou a idéia de alguém.

De «kubilula»: virar, modificar.

Mucasso — Risca profiláctica, feita com pós especiais, quer na cabeça, quer na linha dos sobrolhos, quer na nuca, quer na cintura, com o fim de proteger contra um dano místico.

De «kukasa»: prender, apertar. Alusão à protecção.

Múcua — Fruto do embondeiro.

As sementes, de propriedades laxativas, são envolvidas por uma massa branca, feculenta, estando contidas em invólucros duros, compridos e ovóides. Embora secas, usam-se em refrigerantes, bem agradáveis ao paladar. Com a farinha, também se prepara quifufutula e matete.

Mas, segundo o povo, não se deve chupar muita múcua, senão as bochechas ficam empapuçadas. Assim, quando alguém possui as faces volumosas, ele comenta em seus característicos desdêns: «Olha! Tem as bochechas empapuçadas, como o chupador de múcua!».

E o casco, pela sua boa concavidade, é aproveitado como recipiente para dicossos, bem como pás para a torragem da farinha de mandioca, e, em certas emergências campestres, até pratos para iguarias.

De «kukua»: evacuar. Alusão ao efeito laxativo.

Mucuí-bamba — V. homem do chicote — forma traduzida para o português.

Mucuí-Quitúxi (Mist.) — Alma de vítima de crime.

Esta entidade, em vida, foi vitimada, ou por assassinio, ou por enfeitamento, por um antepassado do xinguilador. Difere do Zúmbi de Gana, simplesmente pelo tempo decorrido após o crime: numa época mais distante, o Mucuí Quitúxi; mais recentemente, o Zúmbi de Gana.

Em possessão, surge dorido, patenteando o modo como morreu — coxo, manco, com tosse, etc. Não tanto como o Zúmbi de Gana, mostra-se, na primeira possessão, terrível, ameaçador. Mas, indemnizado dos seus danos, isto é, de quanto levava na ocasião do crime — vestuário, amuletos, mercadoria — integra-se na família, passando a assumir a sua tutela, participando-lhe depois os tutelados, para efeito de sua permissão, os actos concernentes a tratamentos místicos.

Afora a diferença já enunciada, a denominação de Mucuí Quitúxi é mais usual em Luanda, ao passo que a de Zúmbi de Gana o é no interior, sobretudo na região do Cuanza.

Muculo — Alma de pessoa acabada de falecer, ou mesmo falecida há poucos anos, a qual actua noutrem, ou para lhe revelar um segredo, ou para lhe legar o seu saber e a sua corte de espíritos, tratando-se de quimbanda, e sòmente a corte de espíritos, tratando-se de xingulador, ou ainda a sua acção, tratando-se duma criatura vulgar.

De «mukuá-ukulu»: indivíduo do tempo antigo; que viveu noutro tempo.

Muene-Congo — Deusa dos protestos.

Foi rainha do Congo e é tia da deusa Hónji. Chama-se D. Maria Cumequeta cua Máji ia Guba (D. Maria Reluzente de Óleo de Jinguba). É única e actua pelo ramo materno.

Muenho — Vida ou alma de vivente.

De «kumuená»: ver *in loco*.

Muhamba — Artefacto para condução de mercadorias, constituído de grade de cana ou de cesto de palmeira ou bananeira.

De «kuambata»: conter, transportar.

Muhengue — Toucado de pele dorsal de palanca, formado de um aro, com aplicações de quatro caudas pendentes, mas a parte mais fina, sendo: uma, à frente, na união do aro, rematada em bico; outra, em cada lado; e outra, atrás.

De «hengele»: gracejo (resultante do aspecto do toucado).

Muiji — Geração. Família

De «kuijila»: proceder, provir.

Muisso — Pau para pilar. Batedor de pilão.

De «uisu»: cru. Alusão aos alimentos crus que se moem.

Mulemba (*Ficus Welwitschii Warb.*) — Árvore de seiva leitosa atingindo 25 m.; copa volumosa, hemisférica, muito ramificada.

Nota: — Os frutos, pequeninos, são designados por «figos».

De «kulémbua»: desistir (a alma, por efeito de espargimento místico, pois é com o galho dessa árvore que se efectua tal rito).

Mulembuiji (*Gynura scandens O. Hoffn.*) — Planta vivaz, carnuda; caules prostrados ou ascendentes, persistentes, por vezes gregários, de 1 m. e mais de comprimento; folhas suculentas, dum cheiro desagradável.

Nota: — Esta planta também é designada por «mulembuéji». É muito utilizada em mística, sobretudo nos rituais consagrados a gémeos.

De «kulembuesa»: evitar. Alusão ao adoecimento dos gémeos, ocasionado por falta dessa e outra ramagem, nos rituais que lhes dizem respeito.

Mulher-de-escravidão — Médico. Xingulador.

Esta qualificação abrange qualquer dos sexos.

Vernác.: «mukaŷi-ia-ubika».

Mulher-de-espírito — Médio, Xinguilador.

Esta qualificação abrange qualquer dos sexos.

Vernác.: «mukaŷi-ia-kilundu».

Mulôji — Feiticeiro. O que só se dedica à prática do mal.

De «mukuá» (pertencente a, relativo a) + «uloŷi» (feitiçaria).

Mundeŷe — Indivíduo de raça branca.

De «mukuá-ndeŷe»: possuidor de alma, semelhante a alma.

Muquita de Suco — Antiga mulher nova da Quissama.

Vernác.: «Mukita a Suku».

Musseque — Terreno arenoso, mas agricultável, situado fora da orla marítima, em planície de altitude.

Chamamos a atenção para a grafia errônea, embora usual, de «muceque» com c. Este vocábulo é quimbundo, e o quimbundo, por feliz convenção, rege-se pela sónica. Portanto, escreve-se «musseque» com dois ss.

De «mu» (lugar) + «seke» (areia), logo, região de areia.

Mussequenha (Diospyros viridicans Hiern.) — Arvore erecta que atinge a altura total de 20 m.

Nota: — O vegetal a que nos referimos, além de nos soar esdrúxulamente — musséquenha — é, segundo as nossas informantes, uma planta de caules prostrados ou ascendentes, e não árvore, com larga aplicação mística, sobretudo nos rituais consagrados a gémeos.

De «kuseka»: conspirar. Alusão aos maus sentimentos, que, ordinariamente, os gémeos durante a gestação, nutrem pelos pais. Assim para anular tal aversão, se emprega a dita planta.

Mussesse — Cauda de pacaŷa, utilizada como paramento litúrgico.

De «kusesa»: joeirar. Alusão ao facto de o ocultista, em prática divinatória, sacudir essa peça no ar, em joeira, quando sente um embaraço místico.

Mussunda ganga — Deusa do Congo.

Em possessão, estira-se no chão, contorcendo-se e gemendo. Sua função consiste em restituir a saúde e a paz, para o que besunta o corpo do paciente com terra molhada. Para o efeito, verte-se água junto da divindade, esfregando ela aí então as mãos.

Mutacalombo — Deus dos animais aquáticos.

Mutanjinji — Deusa dos animais terrestres.

Muxacato — Instrumento de adivinhação material.

Compõe-se de uma pequenina aduela com uma concavidade longitudinal ao centro, onde, por atrito, se faz correr, em todo o comprimento, um pauzinho denominado «filho». Em rigor, a aduela é aproveitada das ancoretas que se quebram em determinadas liturgias. Entretanto, também se pode empregar um pedaço de madeira vulgar.

V. «Uanga».

De «kuxakata»: arrastar os pés.

Muxoxar — Dar muxoxos.

Muxoxo — Ruído chiado de boca, com manifestação de desprezo, produzido por compressão do ar nas bochechas.

N

Nâmbua — Deusa protectora dos adivinhos e caçadores.

Em caso de perfídia duma consorte, a divindade manifesta-se ao seu tutelado, através de indícios extraordinários; no adivinho, por perturbações em suas adivinhações; no caçador, por acontecimentos invulgares. Se a mulher pertencer a caçador, em punição da divindade, urinará sangue. Este mal, entretanto, só advém, quando a adúltera, inquirida pelo marido, negar o delito. E que, se confessar, ele trata-a, mesmo que a repudie depois. E com o tratamento profilático, o mal do sangue já não lhe advirá. De contrário, morrerá do mal, em consequência da decomposição dos órgãos sexuais.

Nongonar — Despojar (pêlos, unhas, partes do vestuário e grãos de areia do lugar em que se pisou ou se cuspiu, para fins maléficos).

Apportug. de «Kunongona».

P

Pai-de-umbanda — Qualificação que o quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Representa um tratamento afectivo. Quer dizer: na subordinação do rito, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o individuo fisico, estranho a qualquer influência psíquica.

Vernác.: «Paia-ia-umbanda».

Pai-de-viuvez — Qualificação que o quimbanda toma, ou mesmo qualquer viúvo com os poderes místicos convenientes, quando celebrando um rito de viuvez.

Vernác.: «Paia-ia-utudi».

Palanca — Antilope semelhante a boi, mas maior e de galhos ramificados.

Panela-dos-espíritos — Panela de barro, simbolicamente ornamentada e recheada com vários ingredientes, destinada a «levantar» os espíritos debaixo da terra, mas com a interferência dos oito bisavós — quatro paternos e quatro maternos — assentando a mesma sobre um pau trifurcado, espetado no chão.

Vernác.: «Imbia-ia-humbi-ia-ilundu».

Panela-de-maculos — Panela de barro, contendo vários ingredientes, consagrada a antepassados.

Vernác.: «Imbia-ia-makulu».

Patacanha — Duplo anel de cordas, unidas opostamente em dois pontos e usado a tiracolo.

É feito de fibra de embondeiro. Se o paramento é consagrado a divindades, é besuntado, de quando em quando, com uma mistura de tacula e óleo de palma, pelo que apresenta uma cor encarniçada. Mas se constitui objecto de luto, é tingido de preto.

De «páta» (dúvida) + «kana» (não). Portanto: não restam dúvidas.

Quer dizer: morreu por isso mesmo, não há que duvidar. Constitui frase proferida pelo quimbanda, quando se duvida da sua adivinhação, por morte de alguém.

Pau de quipáulo — Feixe de pauzinhos atados com uma corda enodada

com cinco nós, resultantes da fragmentação duma acha sobrada da fogueira-dos-espíritos.

Pela virtude mística alcançada na liturgia da iniciação de xinguilador, serve para quebrar a continência imposta por tal noviciado. Para o efeito, o paciente, mais a consorte, encerrados no seu quarto, defumam-se com o dito feixe.

A operação, no entanto, completa-se, mas agora só respeitando ao próprio, com uma caracterização dum pó de determinadas folhas, feita na cintura e na região superior do crânio, duma orelha à outra, e, na dormida, com uma cruz. Quem não observar a continência e a formalidade do seu rompimento, as divindades, por «ciúme», abandonam-no e perseguem-no com novas enfermidades e azares.

Vernac.: «muxi ua kipáulu».

Pedir a dua — Pedir (o ocultista), por meio de rito apropriado, que o cadáver de xinguilador, mas de xinguilador que sorveu, na iniciação, o sangue dos sacrifícios, derrame um pouco de sangue pelo nariz.

Vernac.: «kubinga o ndua».

Pedra (Míst.) — Grupo ou secção de divindades afins.

Pedro Mazárti (D.) — Antigo fidalgo do Congo.

Vulgarmente, é designado por Petelo.

Pela — Residência do soba.

Fica na parte anterior dum terreiro, à volta do qual se agrupam as moradias das concubinas e familiares, e, à frente da mesma, vegeta uma frondosa árvore, destinada a parlamento e recreio.

De «Kupapela»: estacar. Alusão ao agrupamento de moradias.

Pêlo (Míst.) — Reagente da possessão, e, nalguns casos, também prova.

Do umbundo «kupepelela»: abanar, avivar.

Pemba — Calcáreo margoso, ou, simplesmente, marga.

De «pê, mbá!» que brancura! Alusão à cor branca do mineral.

Pemba-de-gola-quiluanji-quia-samba — Designação da cinza, quando aplicada em mística.

Vernac.: «pemba-ia-ngola-kiluanji-kia-samba».

Pembele — Invocação aos extintos e aos mestres, proferida no começo de qualquer serviço ou negócio, a fim de se sair bem dele.

Pepe (Lefeburia Welvitschii Engl.) — Erva vivaz aromática, com raiz carnuda comestível e caules erectos atingindo 2 m.

Nota: — Os frutos têm aplicações medicinais, como em cólicas, belidas. Em cólicas, mastiga-se um ou dois grãos, do tamanho de feijoca, aproveitando-se somente o suco; e em belidas, como defumadouro.

Do umbundo «kupepa»: ficar bom.

Petelo — Pedro. Designação vulgar dada ao deus D. Pedro Mazárti.

Pilão-de-muene-congo — Pilão, simbolicamente ornamentado e recheado com vários produtos, usado nas liturgias para anulação de protestos.

Vernac.: «kinu-kia-muene-kongo».

Pilão-dos-protestos — O mesmo que pilão-de-muene-congo.

Vernac.: «kinu-kia-muloko».

Pito — Primeira vítima do feiticeiro, efectuada na pessoa dum parente próximo, como pai, mãe, primeiro filho, a fim de refinar o seu poder mágico.

Se o malefício se destina a provocar a morte, é por enfeitiçamento de morte que obtém tal vítima. Mas se o malefício for para dominar no amor, é pelo incesto que deverá iniciar-se.

Do umbundo «kupita»: passar. Alusão à provação do acto.

Prato-das-malas — Prato, contendo líquido místico, para efeito de indução de almas, quer para primeira chamada, quer para ritos de reparação.

Vernác.: «dilonga-dia-ndele».

Prato-de-muene-congo — Prato, contendo, depois de assinalado com cruces a pomba e ucusso, água, vinho, quitoto-e-maluvo e laços de mateba — preparado este usado nas quebras de protestos.

Vernác.: «dilonga-dia-muene-kongo».

Q

Quarto-do-coza — Quarto, onde, durante oito dias, se fricciona, num tejo, um pedaço de tacula, e, nalguns casos, de mais outras árvores, a fim de, com a serradura, se manipularem, com o auxílio de óleo de palma, bolinhas do tamanho dum ovo de pomba, cuja clausura e tarefa se destinam a homenagear as divindades, depois propiciadas em ritual.

Vernác.: «nzô-ia-koza».

Quebrar o espírito (Loc. mist.) — Iniciar alguém no exercício da possessão de calundus, isto é, a poder servir de instrumento mediumínico dessas entidades.

Vernác.: «kubula o kilundu».

Quiabo (*Hibiscus esculentus* L.) — Erva anual, erecta, de 1,5 m. de altura.

Nota: — As folhas e frutos são muito utilizados na culinária angolana.

De «kuabela»: tornar bom. Alusão ao sabor culinário.

Quianda — Serela.

De «kuenda»: andar (indo com alguém).

Quibala-Muiji — Divindade de que procede cada família, ou seja, a raiz de cada árvore genealógica.

De «kubala» (cavar) + «muiji» (geração).

Quicongo (*Tarchonanrhus camphoratus* L.) — Arbusto densamente ramificado desde a base, atingindo 4 a 6 m. A sua madeira densa, de cor cinzenta, aproveitada no fabrico de objectos gentilicos, é bastante resistente e pouco alterável quando exposta ao tempo. É além disso aromática, tendo um cheiro pronunciado a cânfora, sendo o seu pó encontrado nos mercados indígenas e medicinalmente empregado.

Nota: — De «kukonga»: juntar. Alusão ao acto de, no cerimonial do «coza», se juntar a serradura resultante.

Quicunganga — Espécie de queijo de mandioca.

Quijila — Regime. Dieta.

De «kujila»: guardar abstinência.

Quijinga — Gorro de mabela.

De «jinga». Talvez utensílio usado por esse povo.

Quijita — Cordão entrançado de fibra de embondeiro, enodado com cinco nós, e que se aplica ao braço e perna direita, a fim de preservar de qualquer eventual mau olhado.

De «kujikita»: amarrar.

Quilamba — Intérprete das sereias.

De «kulambela»: homenagear a sereia.

Quilulu — Alma penada.

De «kulula»: amargar. Alusão ao vagueamento.

Quimbanda — Médio-advinho.

De «kubánda»: desvendar.

Quimbandismo — Ciência de quimbanda. Exercício dessa profissão.

Do quimb. «kimbanda».

Quimbundo — Língua de Angola, falada de Luanda a Malange.

De «mumbundu»: indivíduo de raça negra.

Quissanga de Vunji — Auxiliar de Vunji.

Em nascimento, é o imediato a Luango. Mas não se caracteriza por nenhuma particularidade.

Vernác.: «Kisanga kia Nvunji».

Quisséqua (*Millettia aromática Dunn.*) — Arbusto ou árvore que habita a floresta cafeeira do Cuanza-Norte.

Nota: — De «kuséka»: besuntar. Alusão ao besuntamento no corpo e roupas, praticado pelas pacientes no «quarto-do-coza».

Quitande — Puré de feijão, sendo este, depois de descascado, seco ao sol.

De «kutandula»: rasgar.

Quitédi de Muene-Congo, ou, simplesmente, **Quitédi** — Deusa do Congo.

Vernác.: «Kitedi kia Muene-Kongo».

Quitoto-e-maluvo — Resíduos de bebida fermentada de milho, em mística.

Vernác.: «kitoto-ni-maluvu».

Quitundo — Coroa de corda entrançada, ornada, em quatro lugares, com quatro jimbambas em cada, e, em cada intervalo, com um lacinho da mesma fibra.

De «kutunda»: sair.

Quituta — Génio.

De «kututa»: transportar. Alusão à encarnação.

Quitúxi — Crime.

Quizembe — Recinto com toldo.

R

Rasgar o fogo — Traçar cruces a pemba e ucusso, no momento em que se vão cozinhar as iguarias destinadas a um festim místico, nos sítios onde se dispõem as trempes de pedra, denominadas (massuicas), bem como no exterior das panelas.

Vernác.: «kutandula o dijiku».

S

Saco-saco (*Cymbopogon densiflorus* *Starpf*) — Erva aromática, anual, raras vezes persistente.

Nota: — Usado em doenças peitorais, hemorragias, lavagens puerperais, dores de cabeça.

De «kusakula»: curar.

Samba — V. *Gonga*, 2.^a acepção.

De «kusambuka»: contagiar. Alusão ao malefício resultante do não pagamento dos honorários, pelo que o ocultista expõe o utensílio ao sol e lhe bate várias vezes, intimando-o a ir cobrar o dinheiro em dívida.

Samba — Deusa protectora dos caçadores.

Santo—Entidade que, na vida terrena, constituiu individuo de raça branca. Esta denominação resulta da influência do catolicismo.

Santo de Cazola — Deus da Afeição.

Vernác.: «Santu ia Kazola».

Sereia — Divindade aquática.

Vive sobretudo no mar, podendo mostrar-se sob qualquer aspecto—pessoa, peixe, coisa. Em linguagem popular portuguesa, também se emprega o vernáculo correspondente: quinda.

Soba — Autoridade suprema dum estado ou domínio africano. Régulo.

O soba por direito de sucessão, além do poder temporal, ainda possui o espiritual, pelo que, à hora da morte do seu antecessor, lhe sorve o sangue derramado pelo nariz, denominado «dua».

Do umbundu «kusoba»: bater. Alusão ao poder de justiça.

Sobongo — Arbusto, de fruto medicinal.

De «kubongolola»: recolher. Alusão ao efeito nesse sentido.

Nota: — Este nome não figura na obra — «Nomes Indígenas de Plantas de Angola» — a que nos vimos cingindo, para efeito de definição.

Solongongo — Abrev. de *Dijila de Solongongo*.

Suco — Abrev. de *Muquita de Suco*.

T

Tacula (*Pterocarpus Tinctorius* *Wehw.*) — Árvore bastante elevada que se encontra nas ravinas de Icolo e Bengo, florestas do Cuanza-Norte e Cuanza-Sul, bem conhecida dos colonos; a sua madeira é vermelha ou esbranquiçada com veios vermelhos, sendo muito procurada para trabalhos de marcenaria.

Nota: — Do portug. «taco» (pedaço de madeira, por alusão ao pedaço usado em determinados ritos) + «hula» (o termo vernáculo da árvore), resultante de «kusula» (exercer uma actividade, por alusão ao seu friccionamento num tejo, para obtenção da serradura — friccionamento esse destinado a reverenciar as divindades).

U

Uanga — Feitiço. Ciência de feiticeiro.

De «kumuanga»: espalhar, diminuir.

Ucusso — Ocre vermelho.

De «kukusuka»: ser encarnado.

Uú — Deus da caça.

Umbanda — Ciência de quimbanda.

De «kubánda»: desvendar.

V

Vestir (Míst.) — Guarnecer com retalhos adequados, e, noutros casos, também com fibra de embondeiro, certos utensílios empregues em determinados rituais.

Vúnji — Deusa da justiça.

É única e saiu duma lagoa. Pode manifestar-se no ventre materno, pela ausência do cataménio, desde o último filho ao referente ao fenómeno, isto é, a mulher alcança sem o aparecimento do mesmo.

Em punição, a sua justiça revela-se através de qualquer das seguintes enfermidades: anemia, o que acontece mais vulgarmente, enfraquecimento da vista, tosse seca.

Vúnji de Gazola — Vúnji da Afeição. Denominação que a deusa Vúnji toma, quando manifestada por afeição.

Vernác.: «Nvunjí ia Kazola».

Vúnji de Mutji — Vúnji da Geração. Denominação que a deusa Vúnji toma, quando manifestada por hereditariedade.

Vernác.: «Nvunjí ia Muiji».

Vúnji de Quitúxi — Vúnji do Crime. Denominação que a deusa Vúnji toma, quando manifestada por um crime, outrora praticado por um antepassado do paciente, na pessoa dum fiel a essa divindade.

Vernác.: «Nvunjí ia Kituxi».

Vunjidade — Influência exercida pela deusa Vúnji.

Do quimb. «nvunjí».

X

Xico — Poder, dos mais usuais, para segurar ou resguardar coisa ou pessoa.

De «kuxikika»: assentar.

Xinguilador — Médio, em relação aos viventes.

Opõe-se a catulo, que o é em relação ao espírito actuante.

Aportug. de «xingile».

Xinguilar — Sofrer actuação de espírito.

Aportug. de «kuxingila».

Z

Zâmbi — Deus das alturas, promotor da existência, autor do bem e do mal, o Deus propriamente dito.

De «kuzamba»: presentear (a vida, o mundo).

Zemba — Cinta mística fechada, contendo, segundo o entidade a que se consagra, ingredientes vários ou aparas de cadáver.

De «kuzemba»: desgostar. Alusão à fúria das divindades, no caso de o xinguilador não cumprir a observância.

Zúmbi — Alma de pessoa falecida recentemente, num período não secular. Este vocábulo — sinónimo de *dele* — é mais usado no interior de Luanda.

De «kuzumbika»: perseguir (a mandado de feitiçeiro).

Zúmbi de Gana — Alma de Senhor.

Esta entidade, em vida, foi vitimada, ou por assassinio, ou por enfeitamento, por um antepassado do xinguilador: Difere do Mucuí-Quitúxi, simplesmente pelo tempo decorrido após o crime: numa época mais distante, o Mucuí-Quitúxi; mais recentemente, o Zúmbi de Gana.

Em possessão, surge dorido, patenteando o modo como morreu — coxo, manco, com tosse, etc. Mais que o Mucuí-Quitúxi, o Zúmbi de Gana, na primeira possessão, mostra-se terrível, ameaçador. Mas, indemnizado dos seus danos, isto é, de quanto levava na ocasião do crime — vestuário, amuletos, mercadoria — integra-se na família, passando a assumir a sua tutela, participando-lhe depois os tutelados, para efeito de sua permissão, os actos mais importantes da vida, até mesmo a celebração de festas.

Afora a diferença já enunciada, a denominação de Zúmbi de Gana é mais usual no interior de Luanda, sobretudo na região do Cuanza, ao passo que a de Mucuí-Quitúxi o é em Luanda.

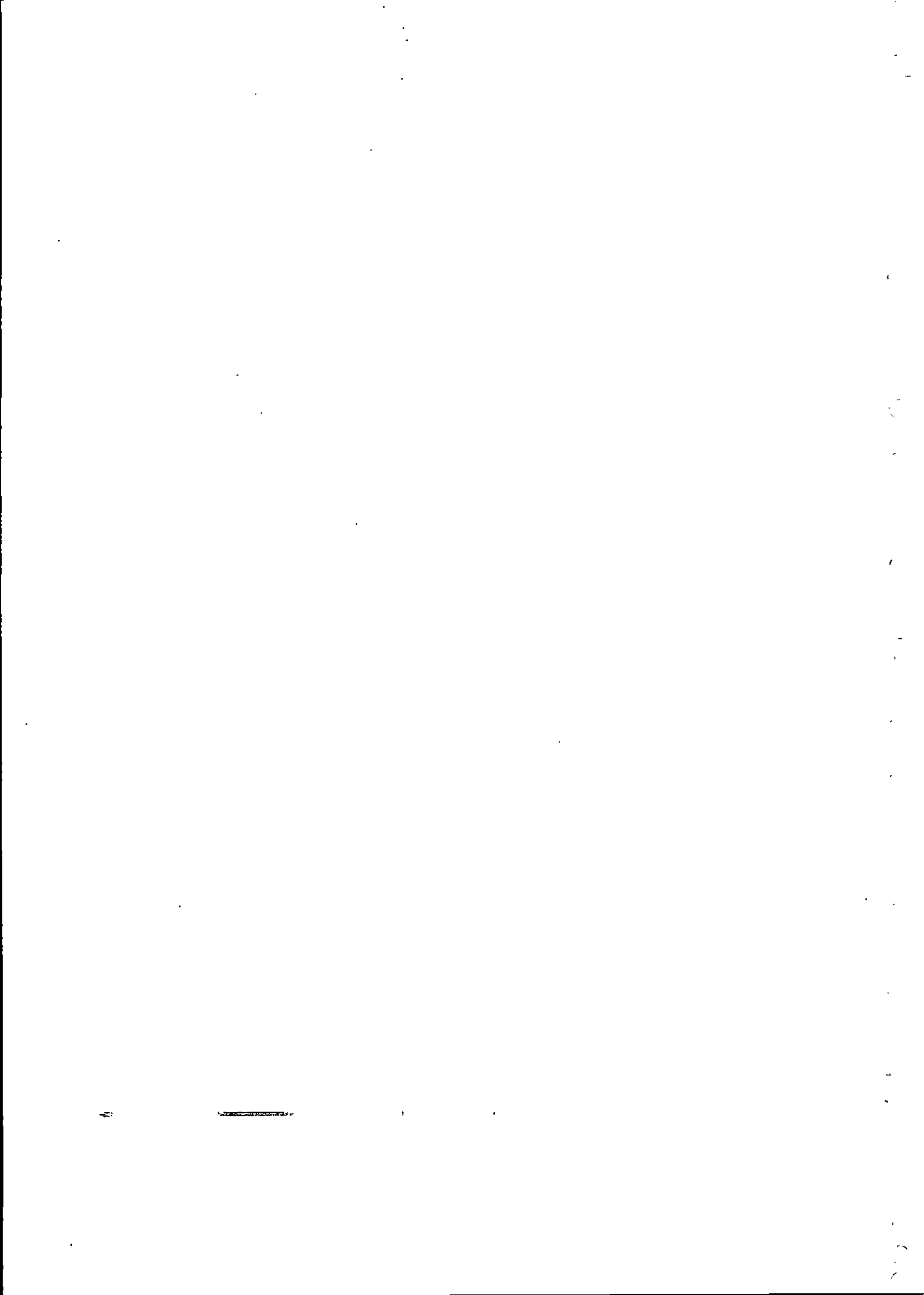
Vernác.: «Nzumbi ia Ngana».

Zunzo (Sida rígida (*Don*) *D. Dietr.*) — Subarbusto atingindo 1 m. com ramificação erecta e rija.

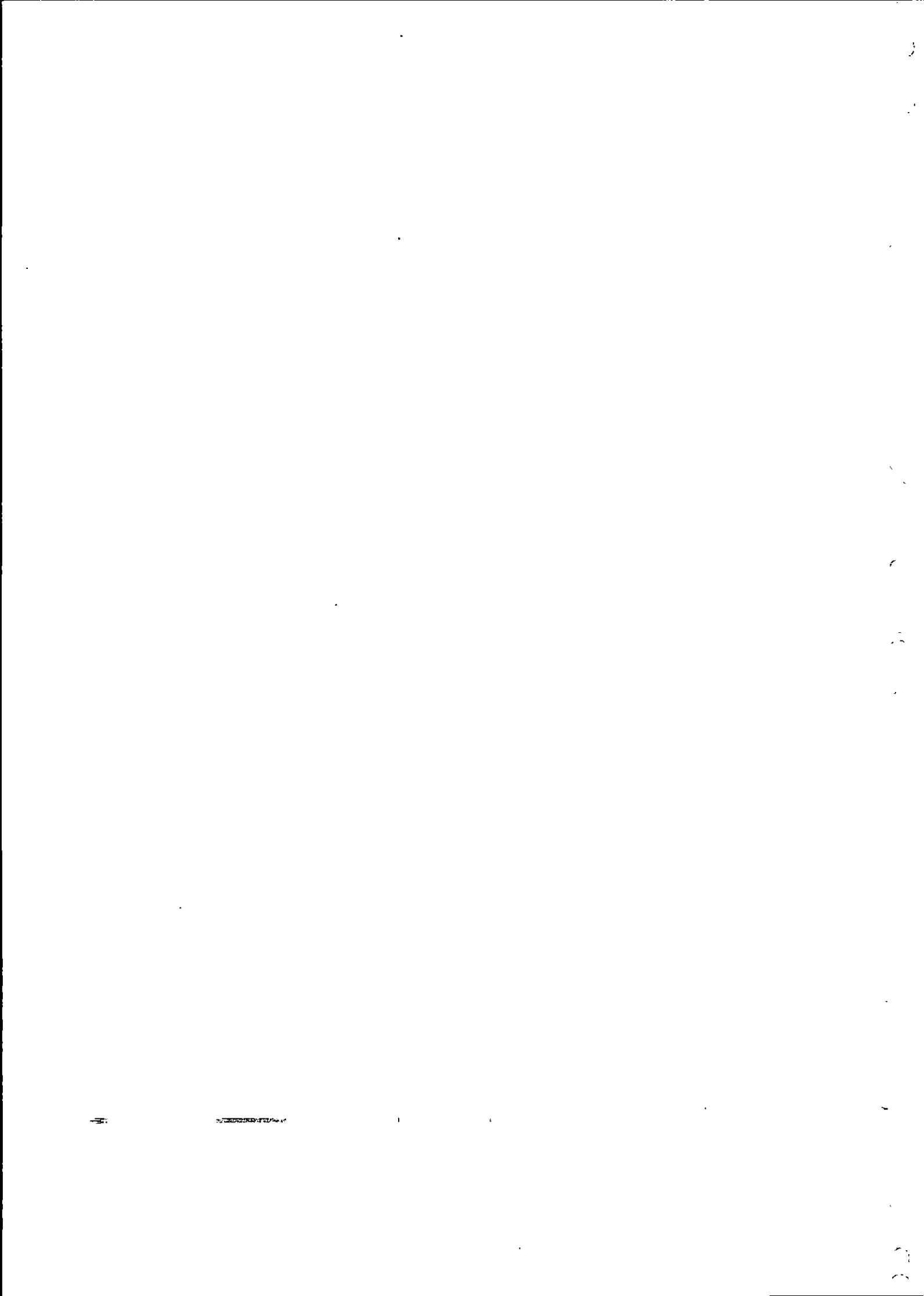
Nota: — É usado no tratamento de biliosas, tanto em beberagem, como em clister. Em mística, é utilizado pelos ocultistas, a fim de, com mais outros apetrechos, promover o «levantamento» das almas, de dentro de suas sepulturas.

De «kunuzunza»: apressar. Alusão à sua acção rápida.

Luanda, 14 de Julho de 1956.



ÍNDICE



	PAG.
Insígnias do Autor	9
Dedicatória	11 e 13
Óscar Ribas e os Intelectuais	15
Esclarecendo	27
Preliminares	33
Divindades	37
Ministros do Culto	45
Iniciação de Xinguilador	55
Pelos	97
Cerimonialismo do Xinguilador	99
Adivinhação	103
Ritos Diversos	109
Poderes Ocultos	125
Elucidário	129

- 1 — Caracterização do lugar para o bom êxito da sessão
- 2 — Caracterização das xinguiladoras
- 3 — Lembas sorvendo o mel com óleo de palma
- 4 — Gongas
- 5 — Engenheiros em medição
- 6 — Escrivães
- 7 — Vadio à procura de mulheres
- 8 — Cega
- 9 — Muda
- 10 — Senhoras dos Santos
- 11 — Culumano chupando um ovo
- 12 — Culumanos provocando-se
- 13 — Culumanos socando-se
- 14 — Culumanos socando-se
- 15 — Gombo actuando
- 16 — Guênjis
- 17 — Dinhangas em actuação
- 18 — Dinhangas conversando
- 19 — Dinhangas enfurecendo-se
- 20 — Dinhangas caminhando
- 21 — Dinhangas enfurecidas
- 22 — Dinhangas enfurecidas
- 23 — Mutacalombo actuando
- 24 — Mutacalombo sendo espargido com dicosso pela mãe de umbanda
- 25 — Vunji actuando
- 26 — Vunji já actuada
- 27 — Aplicação do pelo
- 28 — » » »
- 29 — » » »
- 30 — » » »
- 31 — Muenecongo em actuação
- 32 — » já actuada
- 33 — » saudando

Nota: — Noutros casos, também representa perdoando

- 34 — Muenecongo vibrando a machadinha para imolar o leitão
- 35 — Capita actuando

- 36 — Capita saudando a assistência
- 37 — Outro Capita saudando a assistência
- 38 — Capita funmando
- 39 — » »
- 40 — Capitas comendo os seus alimentos predilectos
- 41 — Por um dos Capitas ter tirado maior quantidade de iguaria, um outro a arremessa para o chão
- 42 — Capitas apanhando os alimentos
- 43 — Capitas bebendo vinho abafado
- 44 — Óscar Ribas entre os Capitas
- 45 — Capita dançando enquanto ferve a água para a limpeza do leitão
- 46 — Capitas raspando o leitão, que depois partilharam entre si.
- 47 — Capitas assando o leitão
- 48 — Banguela de Gombo adivinhando
- 49 — Gémeos regressando do campo onde foram colher folhagem de mussequenha e de mulembuige para glorificar outros gémeos
- 50 — O mesmo grupo no ritual do «Kukambelela», ou seja, na homenagem à sereia, derramando pemba a mãe de umbanda

Nota: — Esta prática difere da descrita por nós, pois nem todos os quimbandas operam igualmente

- 51 — O mesmo grupo, em idêntico ritual, derramando dicosso a mãe de umbanda
- 52 — O mesmo grupo, em idêntico ritual, executando o final do exorcismo da mãe de umbanda.

GRAVURAS

9

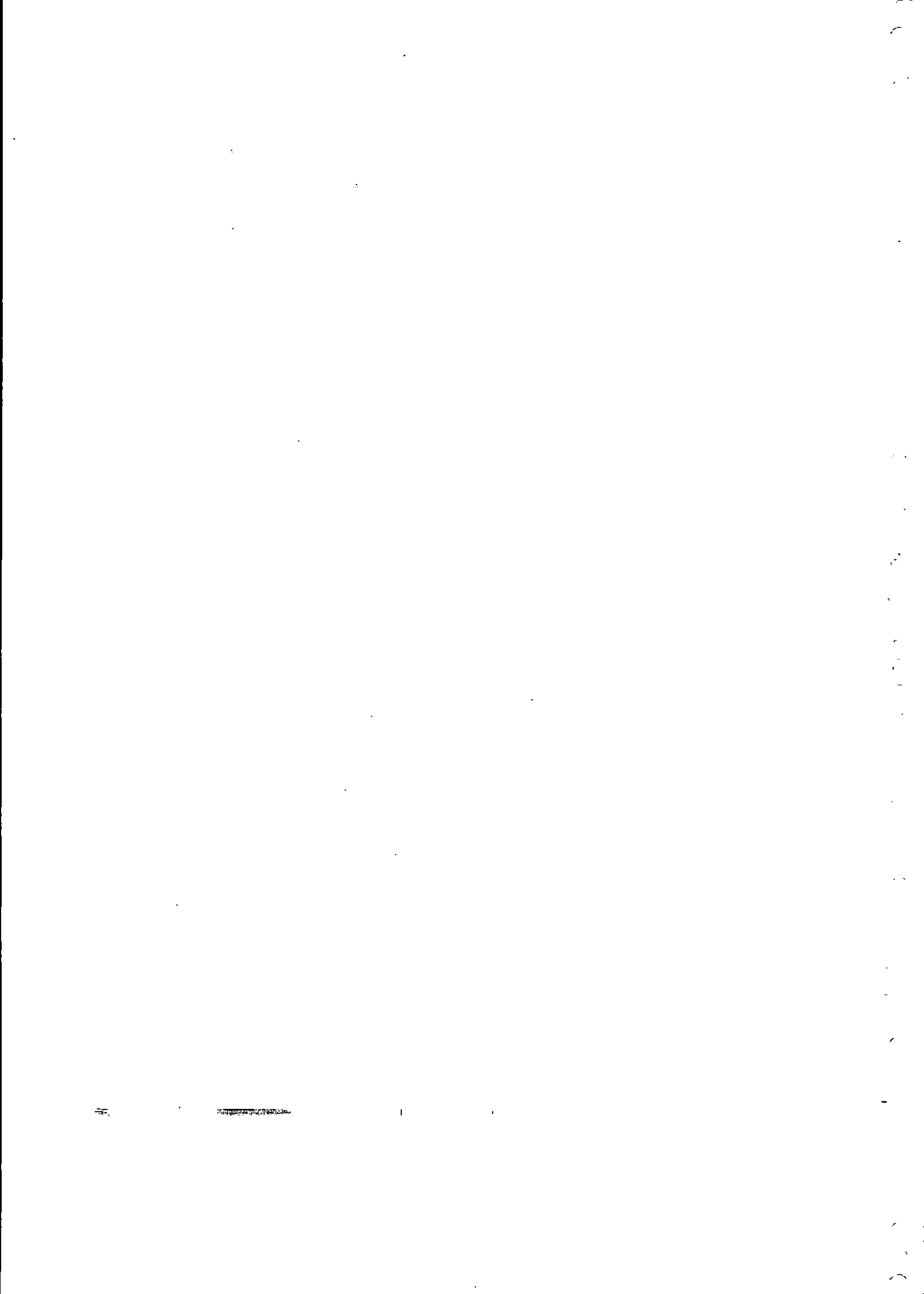
1000



Caracterização do lugar para o bom êxito da sessão
(Pág. 46 — gravura 1)



Caracterização das xinguiladoras
(Pág. 47 — gravura 2)

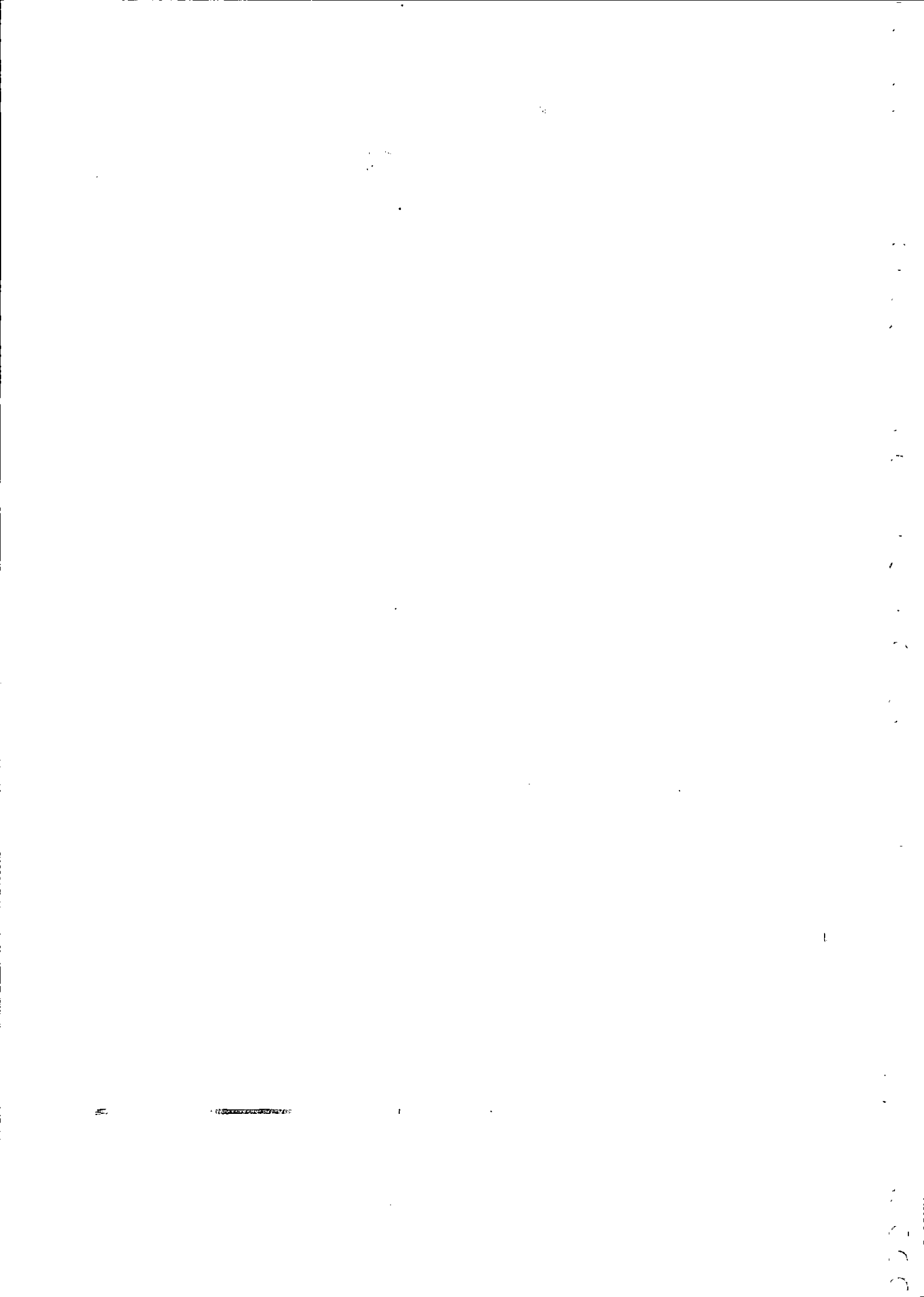




Lembas sorvendo o mel com óleo de palma
(Pág. 51 — gravura 3)



Gongas
(Pág. 52 — gravura 4)

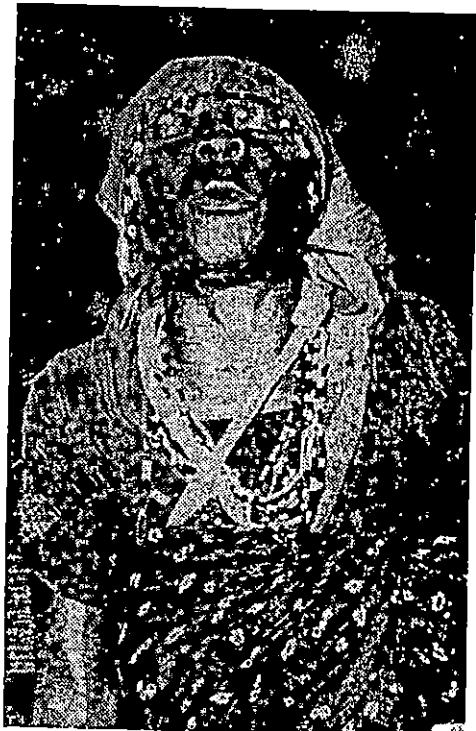


Engenheiros em medição
(Pág. 53 — gravura 5)

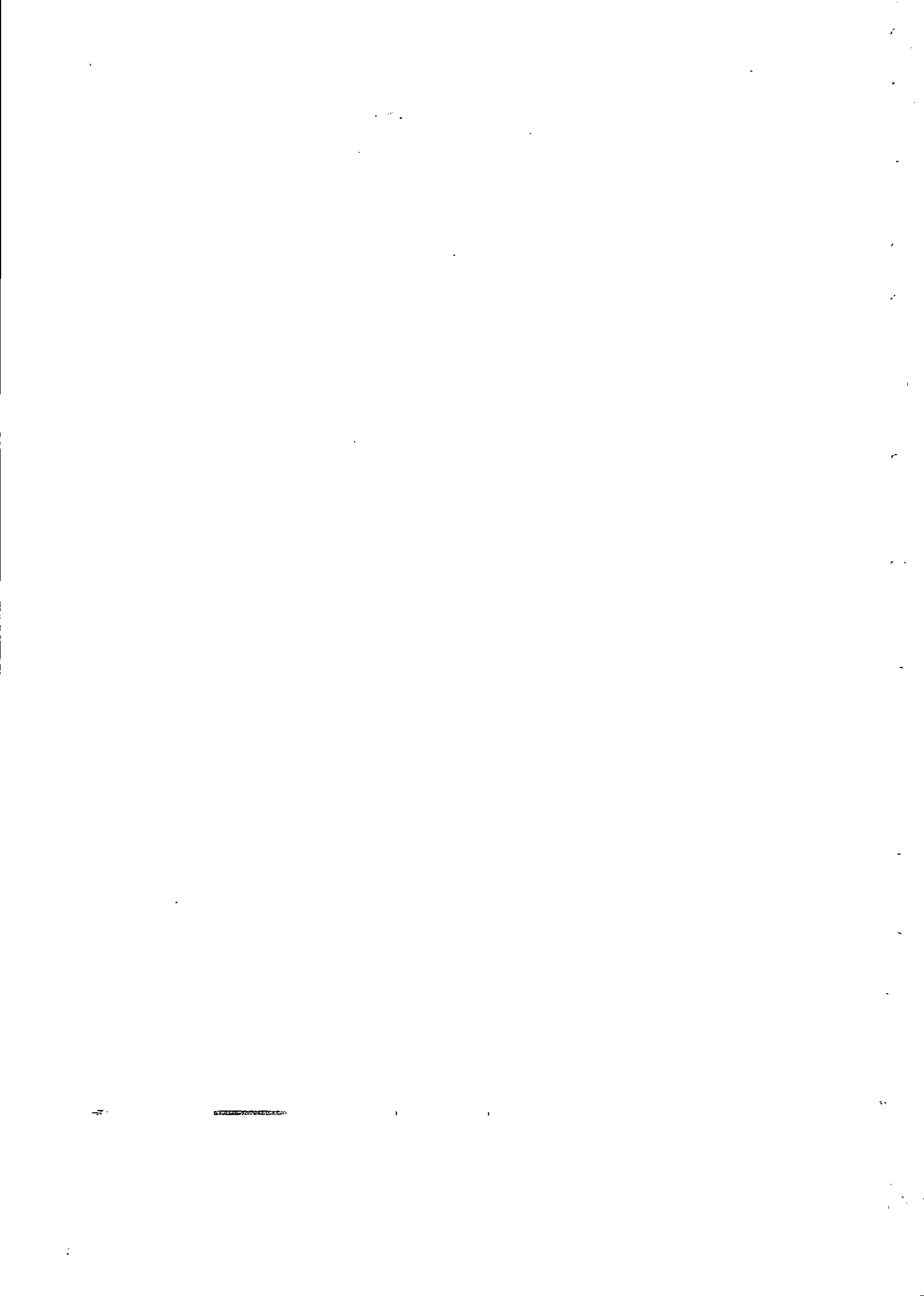


Escrivães
(Pág. 53 — gravura 6)

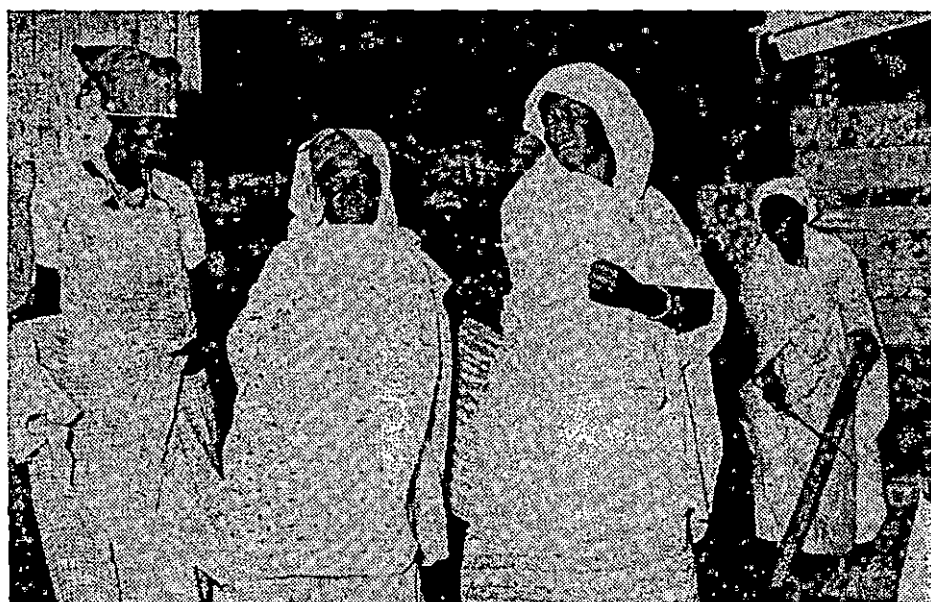
Vadio à procura de mulheres
(Pág. 53 — gravura 7)



Cega
(Pág. 53 — gravura 8)

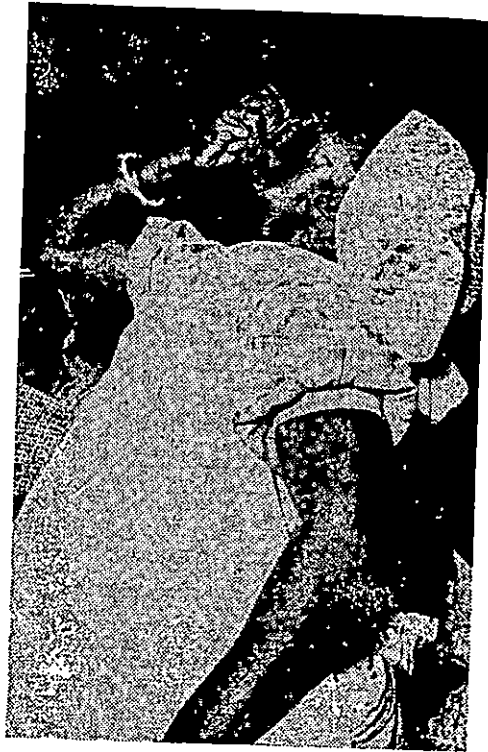


Muda
(Pág. 54 — gravura 9)



Senhoras dos Santos
(Pág. 54 — gravura 10)

Culumano chupando um ovo
(Pág. 54 — gravura 11)

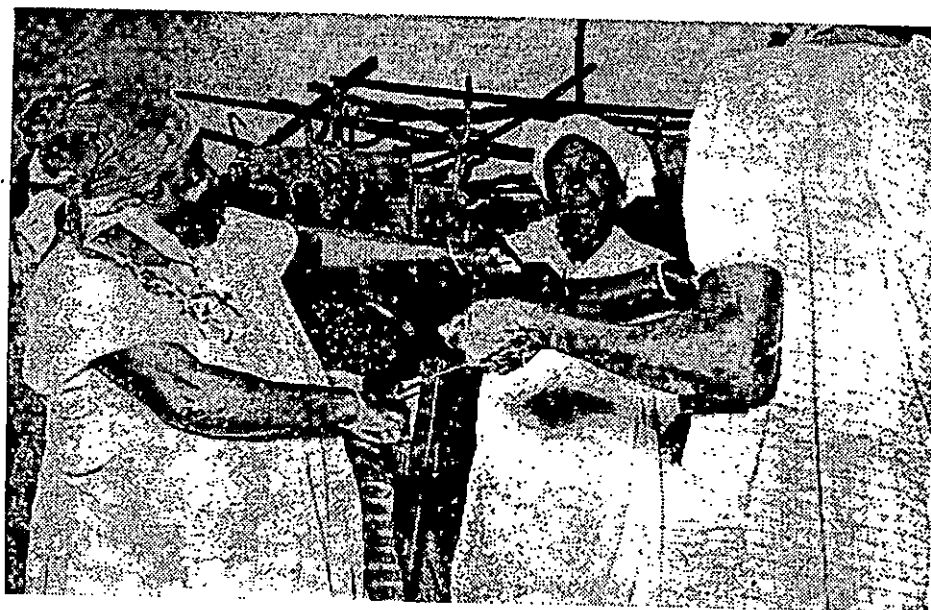


Culumanos provocando-se
(Pág. 54 — gravura 12)

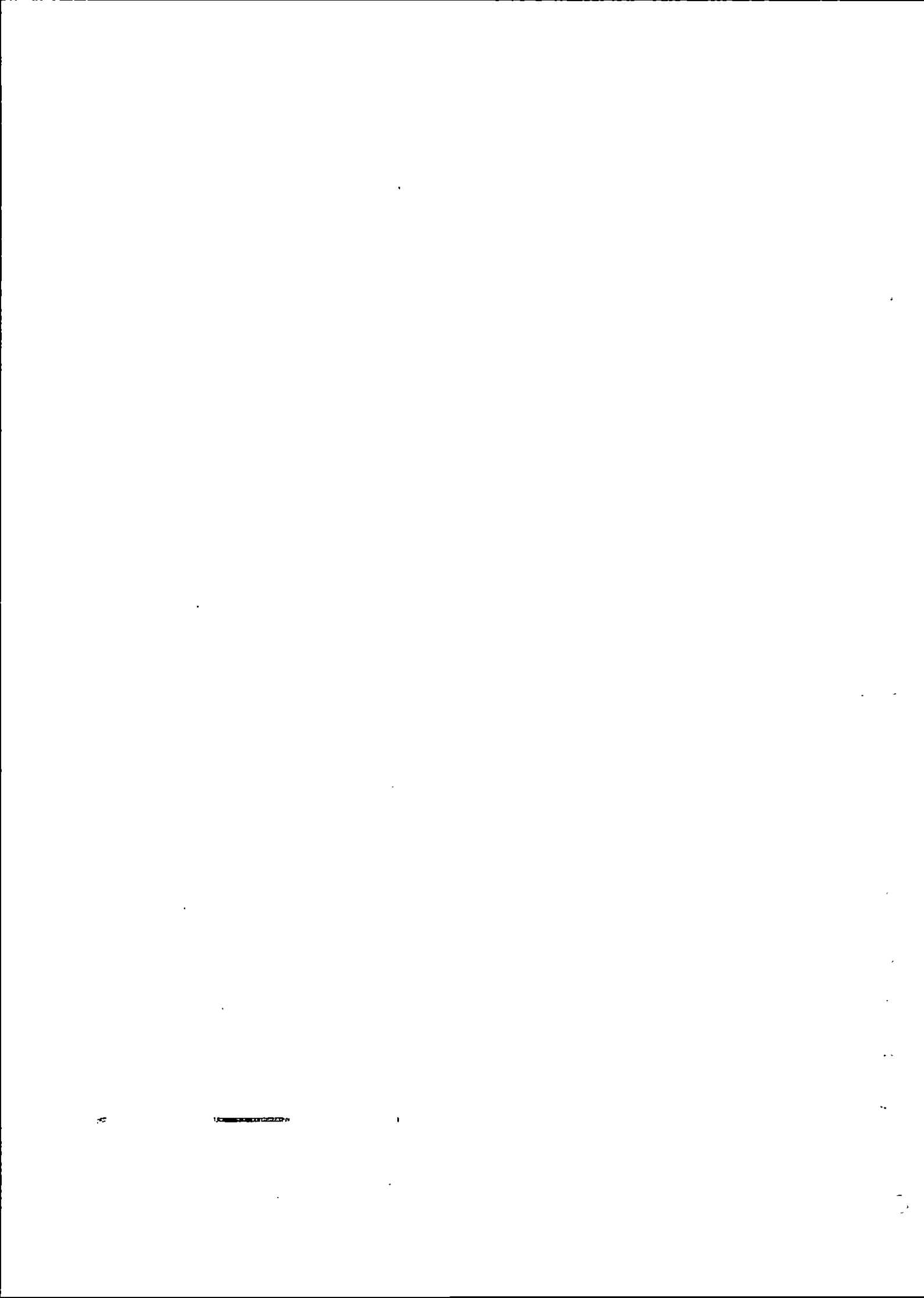




Culumanos socando-se
(Pág. 54 — gravura 13)



Culumanos socando-se
(Pág. 54 — gravura 14)



Gombo actuando
(Pág. 55 — gravura 15)



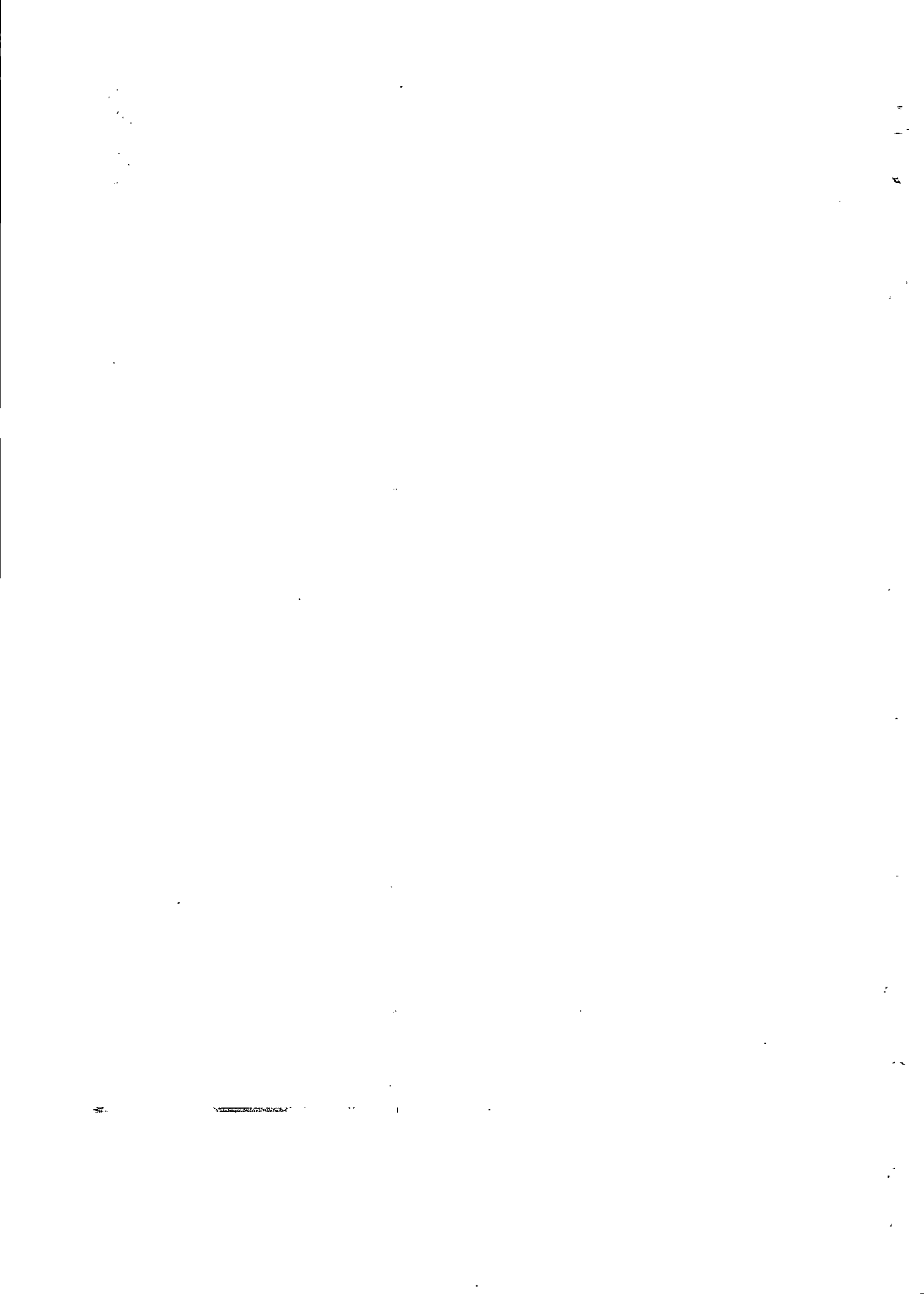
Guênjis
(Pág. 55 — gravura 16)



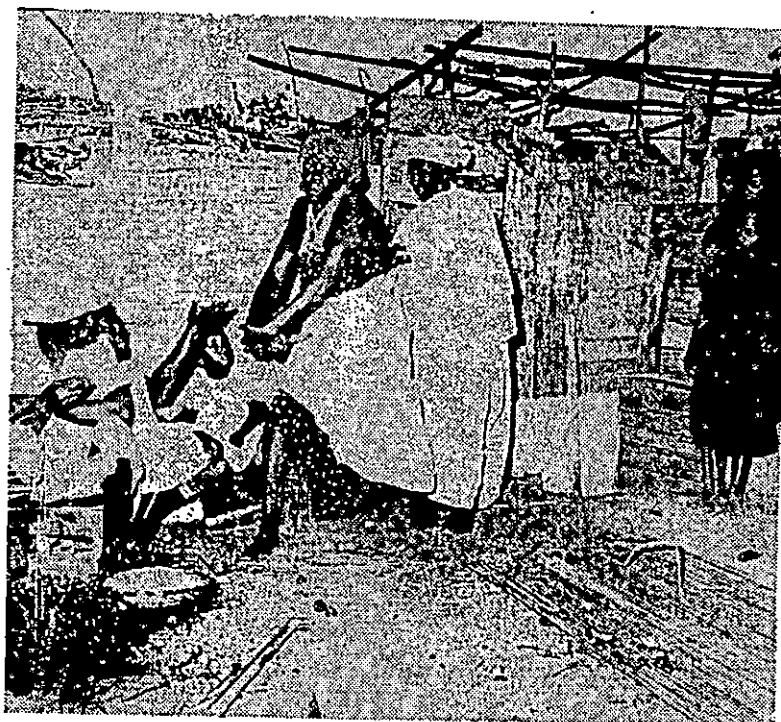
Dinhanga em actuação
(Pág. 56 — gravura 17)



Dinhanga conversando
(Pág. 56 — gravura 18)



Dinhanga enfurecendo-se
(Pág. 56 — gravura 19)



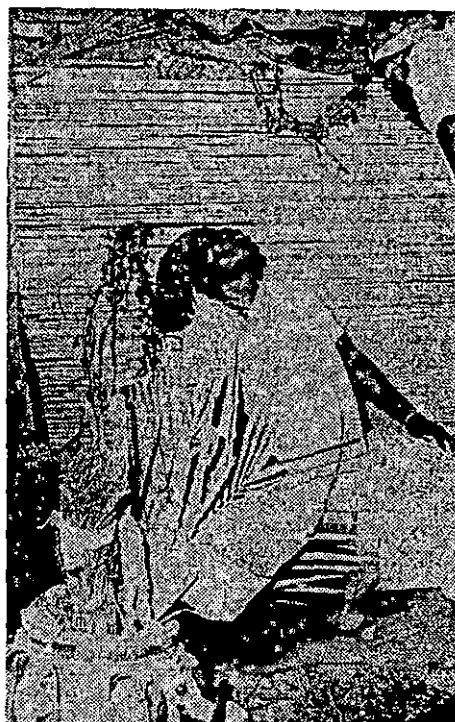
Dinhanga caminhando
(Pág. 56 — gravura 20)

Dinhanga enfurecido
(Pág. 56 — gravura 21)



Dinhangas enfurecidos
(Pág. 56 — gravura 22)

Mutacalombo actuando
(Pág. 58 — gravura 23)

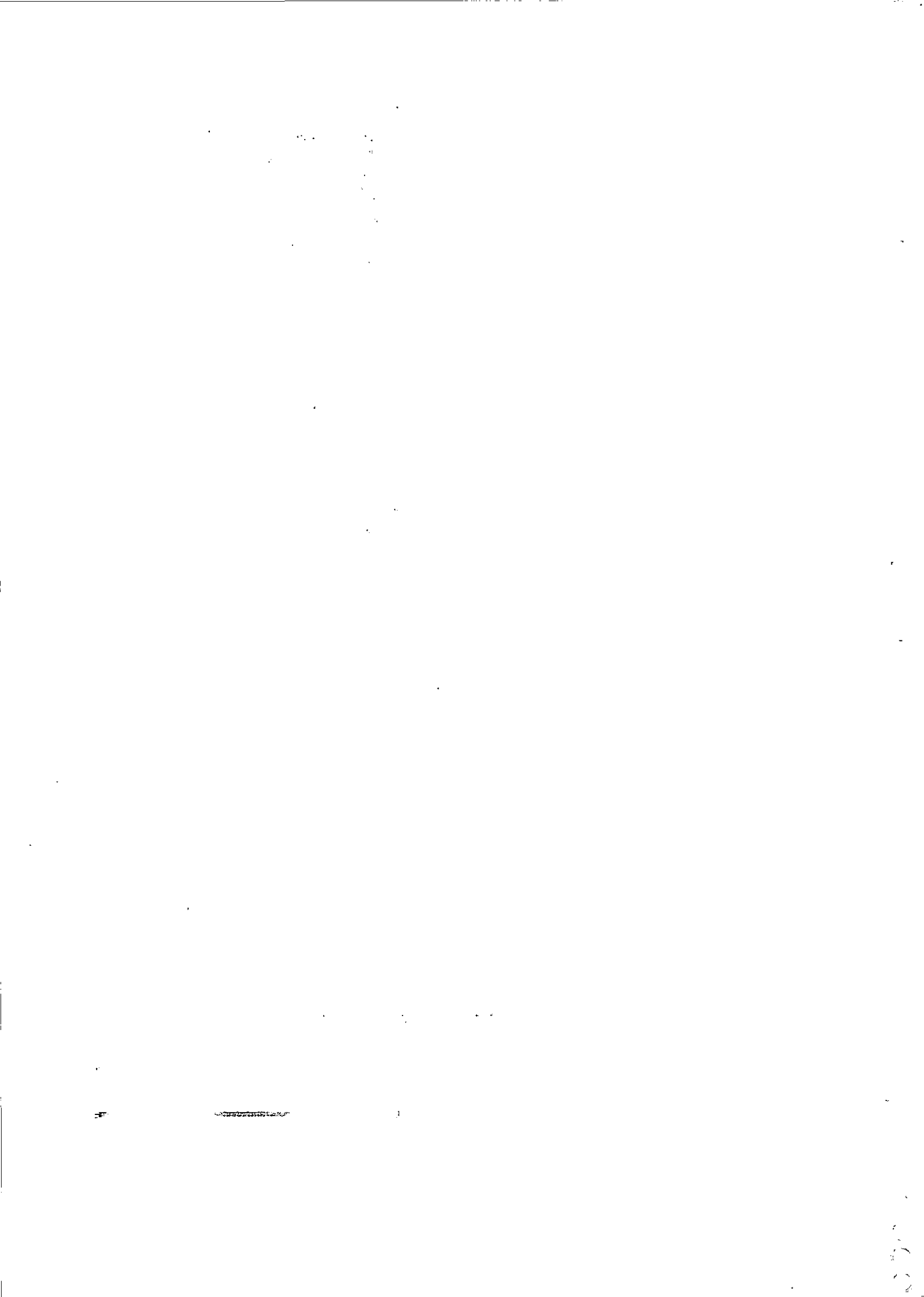


Mutacalombo sendo espargido
com dicosso pela mãe-de-umbanda
(Pág. 58 — gravura 24)

Vunji actuando
(Pág. 73 — gravura 25)



Vunji já actuando
(Pág. 73 — gravura 26)



Aplicação do pelo
(Pág. 78 — gravura 27)



Aplicação do pelo
(Pág. 78 — gravura 28)



Aplicação do pelo
(Pág. 78— gravura 29)



Aplicação do pelo
(Pág. 78 — gravura 30)



Muenecongo em actuação
(Pág. 85 — gravura 31)



Muenecongo já actuada
(Pág. 85 — gravura 32)



Muenecongo saudando
(Pág. 85 — gravura 33)

NOTA: — Noutros casos, também representa perdoando



Muenecongo vibrando a machadinha para imolar o leitão
(Pág. 85 — gravura 34)

Capita actuando
(Pág. 85 — gravura 35)



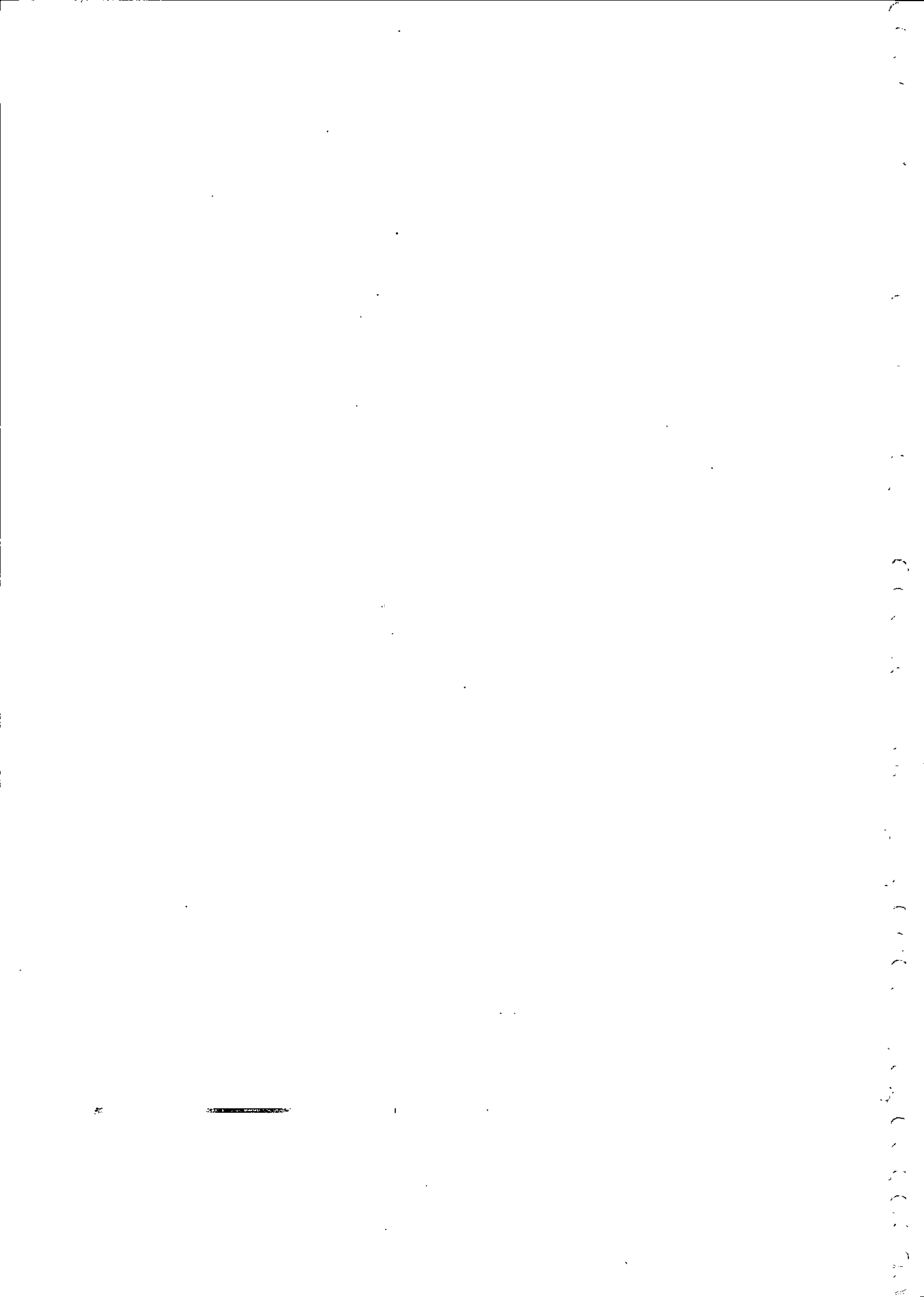
Capita saudando a assistência
(Pág. 85 — gravura 36)



Outro Capita saudando a assistência
(Pág. 85 — gravura 37)



Capita fumando
(Pág. 85 — gravura 38)



Capita fumando
(Pág. 85 — gravura 39)



Capitas comendo os seus alimentos predilectos
(Pág. 85 — gravura 40)



Por um dos Capitas ter tirado maior quantidade de iguaria
um outro a arremessou para o chão

(Pág. 85 — gravura 41)

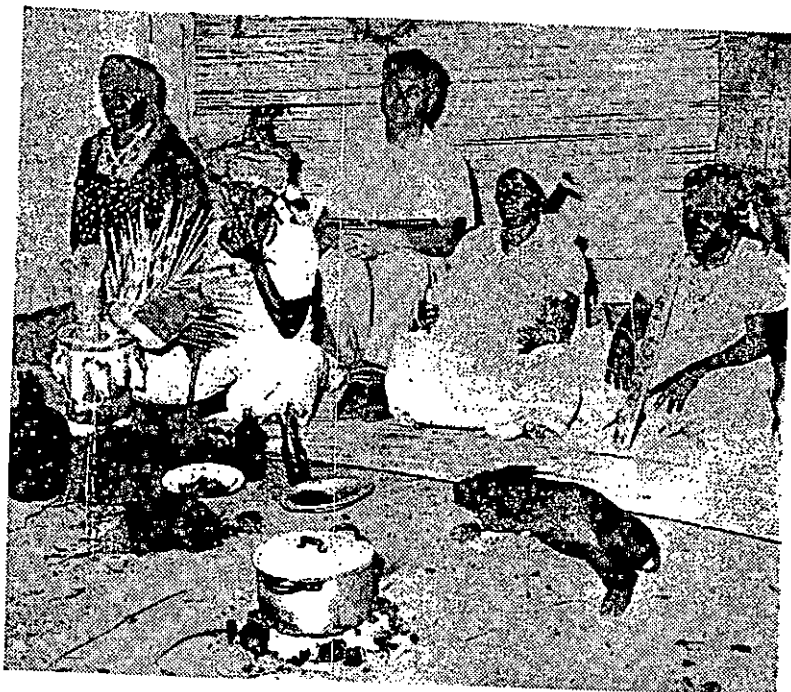


Capitas apanhando os alimentos

(Pág. 85 — gravura 42)



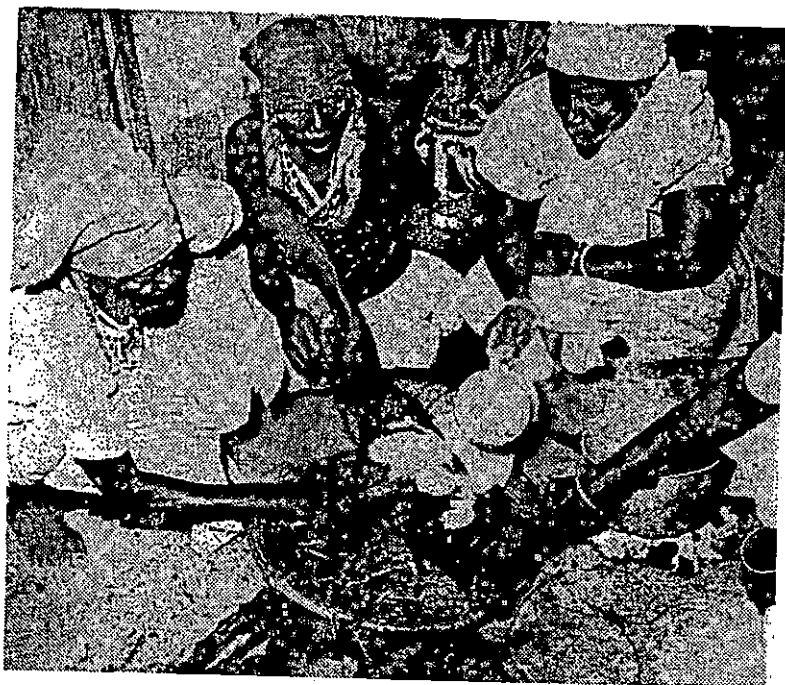
Capitas bebendo vinho abafado
(Pág. 85 — gravura 43)



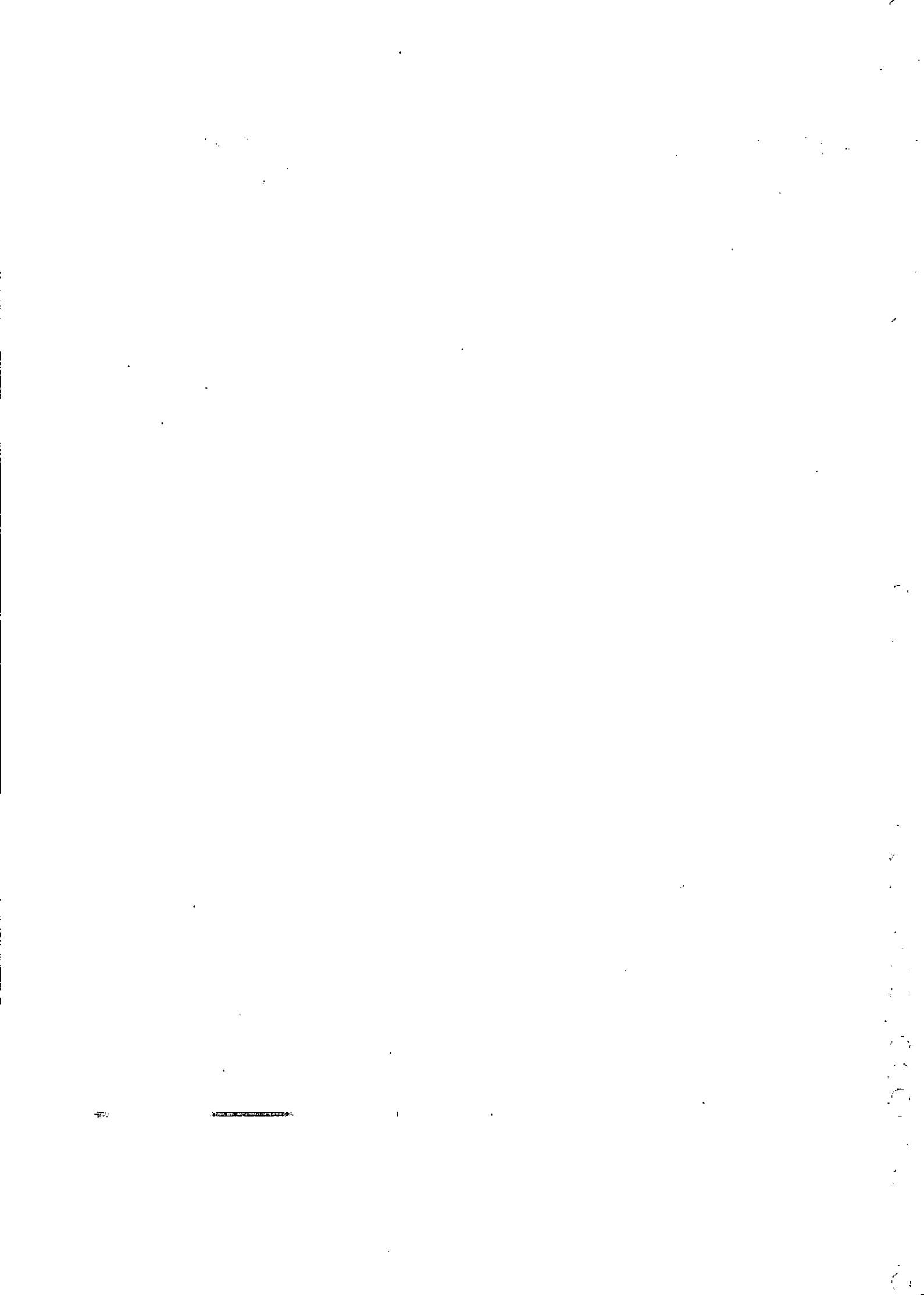
Oscar Ribas entre os capitas
(Pág. 85 — gravura 44)



Capitas dançando, enquanto ferve a água para a limpeza do leitão
(Pág. 85 — gravura 45)



Capitas raspando o leitão, que depois partilharam entre si
(Pág. 85 — gravura 46)

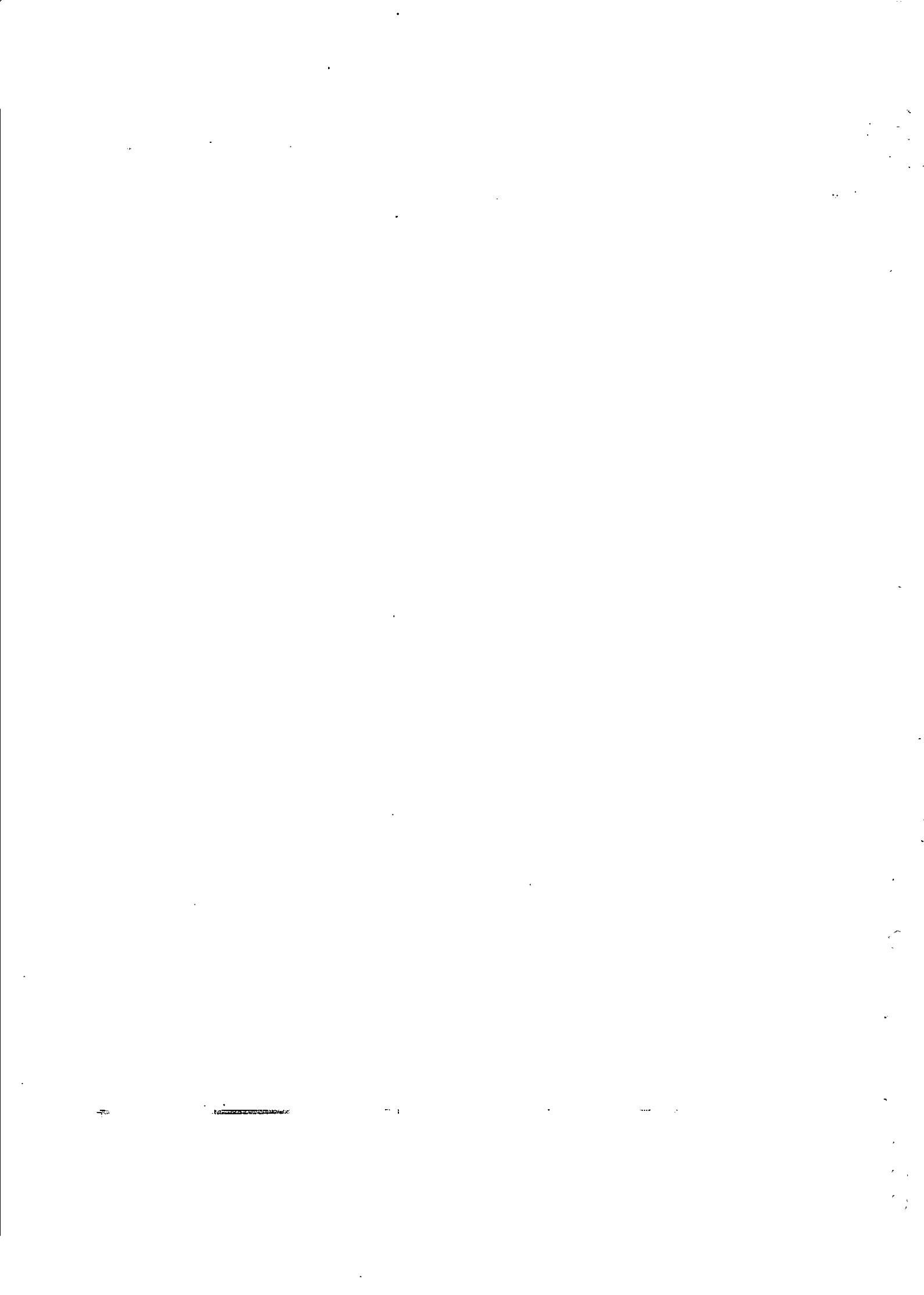




Capitas assando o leitão
(Pág. 85 — gravura 47)



Gombo adivinhando
(Pág. 100 — gravura 48)





Gêmeos regressando do campo aonde foram colher folhagem de nuusséquenha e de mulembuíje para glorificar outros gêmeos
(Pág. 117 — gravura 49)



O mesmo grupo, no ritual do «Kukambelela», ou seja, na homenagem à sereia, derramando pomba a mãe-de-umbanda

NOTA: — Esta prática difere da descrita por nós, pois nem todos os quilombandas operam igualmente.

(Pág. 117 — gravura 50)

100

100

100

100



O mesmo grupo, em idêntico ritual, derramando dicosso a mãe-de-umbanda
(Pág. 117 — gravura 51)



O mesmo grupo, em idêntico ritual, escutando o final do exorcismo da mãe-de-umbanda
(Pág. 117 — gravura 52)

05
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

100

100

100

100